

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO MEIO  
AMBIENTE

**ISABELLE CELINA DIAS SOUZA BOHRER**

**INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA  
POTENCIALIZADORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

VOLTA REDONDA

2023

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO MEIO  
AMBIENTE

**INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA  
POTENCIALIZADORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da  
Saúde e do Meio Ambiente do UniFOA como parte  
dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Discente: Isabelle Celina Dias Souza Bohrer

Orientador: Prof. Dr. André Barbosa Vargas

**VOLTA REDONDA**

**2023**

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Bibliotecária: Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

B677i BOHRER, Isabelle Celina Dias Souza  
Inteligência emocional como ferramenta pedagógica potencializadora no processo de alfabetização. / Isabelle Celina Dias Souza Bohrer.- Volta Redonda: UniFOA, 2023.115 p. II.

Orientador(a): Prof. André Barbosa Vargas

Dissertação (Mestrado) – UniFOA / Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, 2023.

1. Ciências da saúde - dissertação. 2. Alfabetização. 3. Educação - professores. 4. Inteligência emocional. I.Vargas, André Barbosa.II. Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título.

CDD – 610

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluna: Isabelle Celina Dias Souza Bohrer

### INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POTENCIALIZADORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Orientador:

Prof. Dr. André Barbosa Vargas

Banca Examinadora

*André Barbosa Vargas*

---

Prof. Dr. André Barbosa Vargas

*Fábio Souto de Almeida*

---

Prof. Dr. Fábio Souto de Almeida

*Francisco Jácome Gurgel Júnior*

---

Prof. Dr. Francisco Jácome Gurgel Júnior

## DEDICATÓRIA

A todas as professoras, educadoras infantis, alfabetizadoras e companheiras de jornada, que sempre acreditam na esperança e se dedicam todos os dias à formação do futuro e à construção de um mundo melhor através da Educação.

## AGRADECIMENTO

A Deus, primeiramente, agradeço pela vida, pela saúde, pela força diária e pela oportunidade de poder viver plenamente cada instante desta jornada.

Ao meu pai, sou eternamente grata por todo amor, exemplo e incentivo e que eu acredito que está sempre me acompanhando durante todos os momentos da minha vida.

Ao meu esposo, pelo amor, carinho, apoio, incentivo, compreensão, cumplicidade e parceria, na vida e em todos os momentos dessa caminhada. Obrigada por acreditar nesse sonho comigo e me ajudar a realizá-lo todos os dias. Você faz parte dessa conquista!

À minha mãe e minhas irmãs, que são as maiores responsáveis pela pessoa que eu sou hoje, porque sempre me apoiaram e incentivaram a crescer pessoal e profissionalmente. Obrigada por tudo!

Aos meus sobrinhos, pela alegria que me motiva e renova minha esperança em busca de um mundo melhor.

Ao meu orientador Professor Dr. André Barbosa Vargas, por toda a parceria, dedicação e incentivo, por contribuir com a minha pesquisa e me guiar durante todo este processo.

A todas as minhas professoras, professores e mestres, obrigada pela generosidade em compartilhar tanto conhecimento, pelos ensinamentos, pelo exemplo de persistência, paciência e dedicação.

Às secretárias do MECSMA, pela atenção e auxílio nas questões burocráticas e pelo carinho dispensado.

Às minhas companheiras e colegas professoras que se disponibilizaram a participar e contribuir para o desenvolvimento dessa pesquisa.

## EPÍGRAFE

“Sem a educação das sensibilidades (*emoções*), todas as habilidades (*inteligências*) são tolas e sem sentido” – Rubem Alves –

## RESUMO

Discutir a Inteligência Emocional na Educação é uma pauta urgente e necessária na atualidade, pois entende-se que essa habilidade interfere em vários aspectos do desenvolvimento humano e social, além de impactar diretamente no aprendizado e na formação das gerações. Deste modo, trata-se de uma pesquisa que envolve o amadurecimento da saúde mental e emocional dos indivíduos em processo de ensino e aprendizagem, principalmente no início da escolarização durante o processo de aquisição da leitura e da escrita - a Alfabetização. Logo, o presente trabalho discorre sobre a Inteligência Emocional no ambiente escolar, mais concretamente com professores alfabetizadores, fazendo uma abordagem a respeito da compreensão do tema, traçando um delineamento do assunto estudado e apresentando possíveis propostas de intervenções. O primeiro capítulo deste estudo contém uma linha do tempo histórica sobre a construção do conceito de Alfabetização no Brasil. O segundo capítulo traz uma reflexão acerca do conceito e do conhecimento da Inteligência Emocional articulado aos pressupostos de Paulo Freire e também embasado em teóricos como Vygotsky, Piaget e Gardner, que muito contribuíram para a construção do conceito de Inteligência Emocional que temos hoje. Em seguida, no terceiro capítulo analisamos e discutimos os avanços da Inteligência Emocional no contexto da Alfabetização brasileira na última década e como ele vem ganhando espaço nas discussões que envolvem a saúde mental, a educação e o processo de aprendizagem ao favorecer o desenvolvimento saudável de habilidades e competências que contribuem para o equilíbrio das emoções, facilitando o ensino e a aprendizagem. No quarto e último capítulo, apresentamos o produto educacional resultante da análise do referencial teórico apresentado no capítulo anterior e das informações coletadas em campo, descrevendo seu processo de criação como um ambiente virtual de aprendizagem para ensinar a desenvolver a Inteligência Emocional dos professores da Educação Básica, principalmente no período da Alfabetização. Pode-se concluir que este produto educacional apresenta potencial para contribuir no desenvolvimento da Inteligência Emocional em professores Alfabetizadores e que eles possam aplicar tais conhecimentos em sua práxis Alfabetizadora. Além disso, pode-se ainda inferir que além da reflexão, a modificação no processo de ensino e aprendizagem atual pode contribuir, positivamente, no desenvolvimento das próximas gerações. E, desta forma, contribuir na formação de uma sociedade mais saudável mental e emocionalmente, favorecendo uma educação de qualidade que torne os indivíduos capazes de atuar conscientemente na transformação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Educação. Inteligência Emocional. Professores.

## ABSTRACT

Discussing Emotional Intelligence in Education is an urgent and necessary agenda nowadays, because it is understood that developing this skill is a matter of mental health, well-being, quality of life and relationships, which interferes in several other aspects of human and social development, in addition to the fact that the unfolding of this ability directly impacts the learning and training of the next generations. Thus, the present work is a research that involves the maturing of the mental and emotional health of individuals in the teaching and learning process, especially at the beginning of schooling in the process of acquiring reading and writing - Literacy. Approaching Emotional Intelligence in the school environment, more specifically with literacy teachers, making a brief approach to the understanding of the theme, outlining the subject studied and presenting possible proposals for interventions. The first chapter of this study presents a brief historical timeline on the construction of the Literacy concept in Brazil. The second chapter brings a reflection about the concept and knowledge of Emotional Intelligence articulated to Paulo Freire's assumptions and based on theorists such as Vygotsky, Piaget and Gardner, who contributed a lot to the construction of the concept of Emotional Intelligence that we have today. Then, in the third chapter, we analyze and discuss the advances of Emotional Intelligence in the context of Brazilian Literacy in the last decade and how it has been gaining space in discussions involving mental health, education, and the learning process by favoring the healthy development of skills and competencies that contribute to the balance of emotions, facilitating teaching and learning. In the fourth and last chapter, we present the educational product resulting from the analysis of the theoretical framework presented in the previous chapter and the information collected in the field, describing its creation process as a virtual learning environment. The main objective of this product is to contribute to the development of Emotional Intelligence of Basic Education teachers and to apply the knowledge of Emotional Intelligence in the teaching and learning process of Literacy, through a teaching and learning experience made available as a short course. With this, we intend to propose, besides reflection, the modification of the reality of the current teaching and learning process to contribute positively to the development of the next generations, seeking the formation of a more mentally and emotionally healthy society, thus favoring the health and well-being of individuals through a quality education, making them capable of acting consciously in social transformation.

**KEYWORDS:** Education. Emotional Intelligence. Literacy. Teachers.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Figuras

Figura 1: Fluxograma das etapas do processo de busca de dados.

Figura 2: Fluxograma das Categorias da Inteligência Emocional.

Figura 3: Lista com as opções de resposta para as dificuldades enfrentadas pelos professores nas escolas

Figura 4: Imagem de capa do *site* criada pela autora.

Figura 5: Índice do *site* criado pela autora.

Figura 6: Primeiro vídeo do *site* produzido pela autora.

Figura 7: Primeiro *podcast* do *site* produzido pela autora.

Figura 8: Questões norteadoras que o *site* pretende responder elaboradas pela autora.

Figura 9: Abertura da seção onde o curso estará disponível no *site* criada pela autora.

Figura 10: Estrutura inicial do curso criada pelos autores

Figura 11: Momento da Aplicação do Produto Educacional.

### Gráficos

Gráfico 1: Percentual das categorias de publicações ao longo de 2010 a 2020 relacionadas aos avanços da Inteligência Emocional na Alfabetização.

Gráfico 2: Quantitativo de publicações relacionadas a pesquisas sobre a Inteligência Emocional na Alfabetização brasileira na última década.

Gráfico 3: Como o conhecimento da Inteligência Emocional no processo de alfabetização brasileira vem sendo estudado e construído.

Gráfico 4: Perfil sociodemográfico dos participantes do Questionário Diagnóstico

Gráfico 5: Faixa etária dos participantes

Gráfico 6: Participantes com Ensino Superior

Gráfico 7: Participantes com Especialização (Pós-graduação *Lato-sensu*)

Gráfico 8: Tempo de atuação dos participantes nas redes pública e privada de ensino.

Gráfico 9: Dificuldades enfrentadas mais apontadas pelos professores

Gráfico 10: Classificação do nível de importância da IE

Gráfico 11: Classificação do nível de entendimento dos professores sobre a IE

Gráfico 12: Classificação do nível de clareza sobre o conceito da IE

Gráfico 13: Existência de programas de IE para os professores

Gráfico 14: Existência de programas de IE para as crianças

Gráfico 15: Opinião dos professores sobre a influência da IE no processo

Gráfico 16: Avaliação do impacto potencial do PETT

Gráfico 17: Avaliação da abrangência e alcance do PETT

Gráfico 18: Avaliação do teor de inovação do PETT

Gráfico 19: Avaliação da complexidade da estrutura do PETT

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ANA** - Avaliação Nacional da Alfabetização

**AVA** - Ambiente Virtual de Aprendizagem

**BNCC** - Base Nacional Comum Curricular

**BVS** - Biblioteca Virtual em Saúde

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CF** - Constituição Federal Brasileira

**COVID-19** - Doença do Coronavírus 2019

**ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos

**EUA** - Estados Unidos da América

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IE** - Inteligência Emocional

**INAF** - Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**MEC** - Ministério da Educação

**MECSMA** - Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente

**ODS** - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

**PAIC** - Programa Alfabetização na Idade Certa

**PETT** - Produto Educacional Técnico Tecnológico

**PISA** - Programa Internacional de Avaliação do Estudante

**PNA** - Política Nacional de Alfabetização

**PNAIC** - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

**SIS** - Síntese de Indicadores Sociais

**UFMG** - Universidade Federal de Minas Gerais

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

**UNESP** - Universidade Estadual Paulista

**UNICAMP** - Universidade Estadual de Campinas

**UniFOA** - Centro Universitário de Volta Redonda

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 1 - ALFABETIZAÇÃO: CONCEITO E CONSTRUÇÃO HISTÓRICA .....</b>	<b>24</b>
3.1	ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	29
3.2	VULNERABILIDADES DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL .....	34
3.3	IMPACTOS DA PANDEMIA NA ALFABETIZAÇÃO BRASILEIRA .....	39
3.4	CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA E DA NEUROCIÊNCIA NA ALFABETIZAÇÃO .....	44
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 2 - OS PRESSUPOSTOS DE PAULO FREIRE PARA A ALFABETIZAÇÃO E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: UMA VISÃO COMPARTILHADA .....</b>	<b>49</b>
4.1	MAS, O QUE DE FATO É A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL? POR QUE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO? .....	50
4.2	PAULO FREIRE PRESENTE NAS EMOÇÕES E NA APRENDIZAGEM.....	53
4.3	CONSIDERAÇÕES.....	56
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO 3 - AVANÇOS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA ALFABETIZAÇÃO: ANÁLISE DA ÚLTIMA DÉCADA .....</b>	<b>59</b>
5.1	METODOLOGIA.....	61
5.2	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	63
5.3	CONSIDERAÇÕES.....	70
<b>6</b>	<b>CAPÍTULO 4 - O PRODUTO EDUCACIONAL ALFAEMOÇÃO: AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM PARA DESENVOLVER A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM ALFABETIZADORES .....</b>	<b>71</b>
6.1	METODOLOGIA.....	73
6.1.1	DIAGNÓSTICO INICIAL.....	76

6.1.2	ELABORAÇÃO DO PRODUTO.....	87
6.2	RESULTADOS.....	88
6.3	APLICAÇÃO DO PRODUTO.....	94
6.3.1	AVALIAÇÃO DO PRODUTO.....	98
<b>7</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>104</b>
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>106</b>
<b>9</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>107</b>
<b>10</b>	<b>ANEXOS.....</b>	<b>113</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Meu nome é Isabelle. Sou uma mulher parda, nascida e criada em Volta Redonda - a “cidade do aço” do interior do Sul do Estado do Rio de Janeiro. Nasci em 1985 e sou a primogênita das três filhas que meus pais tiveram. Meu pai, metalúrgico, sempre incentivou e valorizou o estudo, a educação, o conhecimento e a ciência, apesar de não ter tido uma formação acadêmica. E, infelizmente, não presenciou em vida nenhuma de nós conquistar um diploma de Ensino Superior. Minha mãe, uma super mulher: dona de casa, costureira, cozinheira, depiladora, secretária, vendedora, trabalhadora. Voltou para o banco da escola depois de quase 20 anos sem estudar, concluiu a Educação Básica no EJA, entrou na faculdade aos 52 anos - de tanto eu incentivar e insistir - e se formou.

Posso dizer que minha relação com a Educação e a escola vem desde quando eu era bem pequenininha, quando antes de completar 3 anos de idade, fui para a escola pela primeira vez. Minha mãe diz que eu pedia muito para ir à escola e quando fui, entrei sem chorar, nem olhei pra trás, fui correndo, feliz da vida conhecer minha professora, minha sala e meus amigos. Minha mãe que chorou ao me ver atravessando o portão da escola sem nem me despedir dela direito, tamanha ansiedade. E desse ambiente eu nunca mais saí.

Aprendi a ler e a escrever rápido. Cresci estudando em uma escola privada da Educação Infantil até a 8ª série (9º ano do Ensino Fundamental). Eu era muito tímida, mas observava e admirava profundamente minhas professoras e professores. Sempre gostei de estudar, gostava de ajudar, escrevia no quadro, fazia as tarefas com capricho... Em casa, quando pequena, dava aula para as bonecas, imitava as professoras, e conforme ia crescendo minha tarefa passou a ser ensinar as irmãs mais novas a fazer os deveres de casa, estava sempre lendo alguma coisa, vivia com um caderno na mão.

Eu amava muito minhas professoras, tive sorte de ter caído nas mãos de grandes mulheres e profissionais, que ensinavam com carinho e dedicação, tanto

que todo final de ano eu sofria e chorava por ter que me despedir delas: tia Bia, tia Ângela, tia Rosângela, tia Márcia, tia Lúcia, tia Conceição, tia Bete... Logo, não foi surpresa nenhuma para meus pais quando decidi ir para uma escola pública para fazer o Curso Normal e virar professora de verdade. Nunca tive dúvidas do que eu queria ser quando crescesse. Durante o curso, fiz muito mais do que as horas de estágio obrigatórias. Queria ficar o tempo todo nas escolas por onde passei, conheci diferentes realidades e aprendi muito com cada professora que me recebeu na sua sala como estagiária.

Saindo do magistério, fui direto fazer Pedagogia para reafirmar a minha escolha profissional, a minha missão, a minha paixão: ensinar. Aprendi muito! No Ensino Superior conheci verdadeiros mestres que ensinaram com exemplos e desde então, não parei mais de aprender, de estudar, de buscar. Comecei a trabalhar como auxiliar numa escola privada e, aos 20 anos, conquistei a minha primeira turma de Educação Infantil. Desse momento em diante, nunca mais minha vida voltou a ser como era antes. Meu pai faleceu em um acidente e eu fui obrigada a amadurecer definitivamente para a vida adulta.

Emendei uma faculdade na outra, me formei em Artes Visuais e fiz minha especialização em Psicopedagogia. A timidez que existia da infância até a adolescência desapareceu e eu passei a ser aquela professora que estava no portão da escola de braços abertos recebendo seus pequenos de menos de 3 aninhos de vida e vendo as mães, com o coração partido, deixando seus maiores bens comigo e indo embora.

Hoje, como professora, estou há aproximadamente 18 anos na Educação em sala de aula e costumo dizer para o meu sobrinho, que está com 9 anos, que a escola é o melhor lugar do mundo, depois da nossa casa. Na escola é cada dia uma história, um aprendizado, uma aventura, uma lição, uma verdadeira montanha-russa de emoções, todos os dias.

Tive a oportunidade de trabalhar com diferentes faixas etárias e segmentos educacionais desde a Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na alfabetização de idosos, no ensino de Arte na segunda fase do Ensino Fundamental e no Ensino Médio regular e com jovens e adultos em curso de formação de professores - o que muito me encantou. Por um tempo, também

realizei alguns trabalhos voltados para a formação continuada de professores, como oficinas pedagógicas e palestras sobre a prática docente na Educação Infantil e na Alfabetização em algumas escolas da cidade e região, que muito contribuíram para a construção de quem eu sou hoje e de toda a minha experiência profissional.

Atualmente tenho me dedicado mais a minha atuação enquanto Alfabetizadora, por amor e por escolha. Ao longo desses anos, mergulhada no ambiente escolar, descobri que gosto mesmo é de ensinar a ler e a escrever. Gosto de apresentar as letras, de ensinar a juntar os sons e as sílabas, de ajudar a decodificar as primeiras palavras, ser a ponte entre a criança e o mundo letrado. No processo de Alfabetização é onde eu me encontro ainda mais como professora, onde me envolvo, me realizo, me sinto viva e que a meu ver é a fase mais importante da vida escolar de qualquer pessoa.

Porém, através dessas experiências, comecei a olhar a escola e o processo de ensino e aprendizagem de outra maneira, com um olhar mais crítico, reflexivo e questionador. Aquela visão romântica que eu tinha da escola e do fazer docente estava mudando. Pois, vivenciei várias situações em que pude observar bem de perto vários educadores e ver o quanto nossas emoções influenciam em todo o nosso processo de ensino e aprendizagem, hoje percebo isso como professora mas também como estudante. O ato de ensinar e de aprender está sempre carregado de muitos sentimentos que às vezes não conseguimos identificar e não sabemos lidar com eles de maneira saudável e positiva.

Desde o início, quando comecei a me sensibilizar e me incomodar com certas coisas, passei a me questionar mais sobre o quanto a minha emoção poderia interferir no meu trabalho, na minha maneira de ensinar e o quanto isso poderia prejudicar ou beneficiar os meus alunos. E esses pensamentos, sentimentos e emoções emergiram mais intensamente principalmente durante o isolamento social da pandemia da COVID-19, que afastou as crianças e professores das escolas, nos obrigando a aprender a ensinar de um jeito completamente diferente, expondo ainda mais as nossas fragilidades nesse processo e a nossa dificuldade em lidar com mudanças repentinas, com as nossas próprias emoções e as dos outros.

Hoje, depois de sobreviver à pandemia, reconheço nitidamente a importância e a necessidade urgente do conhecimento da Inteligência Emocional nesse

contexto, tanto para melhorar a qualidade de vida dos professores e sua práxis docente quanto para facilitar o processo de aprendizagem das crianças e, assim, contribuir para a formação de cidadãos plenamente letrados e capazes de atuar na sociedade e transformando-a de maneira consciente e saudável.

Acredito que a menina apaixonada pela escola e pelas professoras, percorreu todo esse caminho sempre trazendo em sua mochila uma bagagem emocional maior do que imaginava, pois hoje eu vejo que o que eu aprendi com meus professores até aqui foi muito mais do que conhecimentos teóricos e o que eu ensino para os meus alunos também vai muito além das letras e das palavras. Alfabetizar na pandemia, remotamente, foi um dos maiores desafios que enfrentei como professora, uma mistura de sentimentos intensos e foi essa experiência traumática que me fez querer buscar uma forma de transformar minhas emoções em ferramentas potencializadoras nesse processo tão essencial.

Deste modo, em toda minha trajetória profissional, há muito venho buscando uma formação que pudesse enriquecer a minha prática. E por isso ingressei no Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, que além de transformar as minhas experiências em conhecimento para agregar a formação docente das futuras gerações à luz das evidências científicas, também poder com elas transformar a comunidade escolar e a sociedade em que estou inserida.

## 2 INTRODUÇÃO

A Inteligência Emocional é considerada atualmente uma habilidade fundamental e necessária para a evolução de um indivíduo em sociedade. Discutir esse conceito em diferentes contextos sociais já é uma necessidade, pois entende-se que desenvolver essa habilidade perpassa pela questão da saúde mental, bem-estar, qualidade de vida e de relações, que interfere em vários outros aspectos do desenvolvimento humano e social. Movimentar essa discussão na Educação é uma pauta ainda mais urgente, visto que o desdobramento dessa habilidade impacta diretamente a saúde e a formação das próximas gerações.

Contudo, o constructo Inteligência Emocional tem origem recente, mas apresenta apontamentos que remontam à antiguidade. Neste período, estudiosos da época já relacionavam aspectos cognitivos da natureza humana como, por exemplo, pensamento e raciocínio associados à emoção (CALDWELL, 2006). Desde então, a Inteligência Emocional vem sendo um campo de pesquisa com interesses diversos. Na Educação, tem auxiliado a compreensão de resultados e sendo inserida como uma ferramenta de desenvolvimento e aprimoramento.

A BNCC - Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) - é um documento que define os assuntos essenciais para a aprendizagem dos alunos ao longo de toda a Educação Básica, aqui especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, discute-se a importância e a necessidade de desenvolver competências socioemocionais como fator de proteção à saúde mental e ao *bullying*. Deste modo, trata-se de uma pesquisa que envolve o amadurecimento da saúde mental e emocional dos indivíduos em processo de aprendizagem, principalmente no início da escolarização no processo de aquisição da leitura e da escrita - a Alfabetização.

Desenvolver a Inteligência Emocional no processo de Alfabetização está diretamente ligado aos objetivos 3 e 4 de Desenvolvimento Sustentável - ODS - propostos pela Organização das Nações Unidas que são, respectivamente, Saúde e Bem-Estar e Educação de Qualidade ([brasil.un.org](http://brasil.un.org)). Uma vez que busca promover

o bem-estar e oportunizar uma aprendizagem de qualidade de maneira equitativa e sustentável, corroborando assim com a formação de indivíduos capazes de atuar na sociedade, e no planeta, de maneira mais consciente e responsável contribuindo para a transformação de um mundo melhor para todos.

Logo, o presente trabalho disserta sobre a Inteligência Emocional no ambiente escolar, mais concretamente com professores alfabetizadores, fazendo uma breve abordagem a respeito da compreensão do tema, traçando um delineamento do assunto estudado e apresentando possíveis propostas de intervenções.

Para adentrar nesta discussão, o primeiro capítulo deste estudo traz uma linha do tempo sobre a construção histórica do conceito de Alfabetização no Brasil, apresentando pontos relevantes da legislação vigente, dos estudos e pesquisas produzidas ao longo dos anos, mais recentemente, os impactos da pandemia no desenvolvimento do ensino inicial da leitura e da escrita e, para complementar, aborda as principais contribuições da Psicologia e da Neurociência para a Alfabetização.

O segundo capítulo apresenta-se como um convite à reflexão sobre o conceito e o conhecimento da Inteligência Emocional articulado aos pressupostos de Paulo Freire e, como essa habilidade pode ser entendida através de suas obras e sua trajetória educacional, que muito influenciam na formação docente dos educadores no Brasil e no mundo.

O texto apresentado neste segundo capítulo é resultado de uma produção autoral publicada em 2021 pela editora virtual Arco Editores no *e-book* intitulado “*Centenário Paulo Freire: Desafios e Perspectivas em busca da Educação Libertadora*”. A referida obra é composta por onze capítulos produzidos por diferentes autores que apresentam estudos e reflexões que reforçam a importância do pensamento freireano. No décimo capítulo deste *e-book* encontra-se esse diálogo entre a Inteligência Emocional e Paulo Freire.

Além de Paulo Freire, teóricos como Vygotsky, Piaget e Gardner são os referenciais que embasam as discussões teóricas dessa pesquisa com suas

significativas contribuições principalmente para o campo do Ensino e da Aprendizagem, para a construção da visão de Educação e de desenvolvimento humano ao longo da história, e também para a construção do conceito de Inteligência Emocional que temos hoje.

Em seguida, discutimos no terceiro capítulo a Inteligência Emocional como um assunto atual que vem ganhando espaço nas discussões que envolvem a saúde mental, a educação e o processo de aprendizagem. Compreender esse conceito e saber utilizá-lo em diferentes situações no dia a dia da sala de aula, principalmente, no processo de Alfabetização é hoje uma necessidade que pode fazer toda a diferença para o sucesso do processo.

Neste terceiro capítulo, busca-se analisar e discutir os avanços da Inteligência Emocional no contexto da Alfabetização brasileira na última década. Ao fim podemos destacar que desenvolver habilidades de Inteligência Emocional entre estudantes e educadores é uma necessidade atual e urgente, já que comprovadamente tais habilidades podem proporcionar maior sucesso no ensino e na aprendizagem não somente dos conteúdos escolares.

Contudo, sabe-se que o arcabouço teórico sobre a Inteligência Emocional é campo da Psicologia, área da ciência que estuda a mente e o comportamento humano e suas interações com o ambiente físico e social. No entanto, as aplicações deste campo do conhecimento são inúmeras e mostram resultados significativos. Para a Educação, que é a prática social que potencializa o desenvolvimento do ser humano, de suas potencialidades, competências e habilidades, contribui no equilíbrio das emoções, o que certamente implica em maior sucesso no ensino e na aprendizagem.

Seguimos no terceiro capítulo, descrevendo toda a organização de ideias fundamentada e organizada no desenvolvimento da pesquisa com algumas perguntas norteadoras. A primeira delas foi identificar quais os avanços da Inteligência Emocional para a Alfabetização? Porém, os resultados, oriundos da análise da literatura realizada no capítulo, apontam para os últimos dez anos, que ainda há a necessidade de mais estudos, inclusive, após a descoberta do novo coronavírus que influenciou significativamente todo o processo de ensino-

aprendizagem. Além disso, verificou-se que os estudos, em sua maioria, tiveram por objetivo avaliar a Inteligência Emocional dos estudantes e professores por perfis momentâneos, ou seja, resultados de uma análise pontual.

Assim, com o intuito de elaborar uma ferramenta para auxiliar no desenvolvimento da Inteligência Emocional de professores envolvidos na Alfabetização, protótipo-se um produto educacional voltado para o Ensino dessa habilidade. O Produto Educacional Técnico Tecnológico (PETT) resultante a partir da análise do referencial teórico apresentado no capítulo anterior e das informações coletadas em campo através de questionários virtuais é o conteúdo apresentado no quarto capítulo desta pesquisa.

O Produto Educacional Técnico Tecnológico proposto é um *site* que é apresentado no último capítulo desta dissertação descrevendo seu processo de criação como um ambiente para ensinar a desenvolver a Inteligência Emocional dos professores que atuam diretamente no processo de Alfabetização. A criação de um ambiente virtual de aprendizagem para o desenvolvimento da Inteligência Emocional em professores inseridos no contexto do processo de Alfabetização tem como principais objetivos compreender o conceito e a importância da Inteligência Emocional, desenvolver a Inteligência Emocional dos professores e aplicar esses conhecimentos na prática no processo de ensino e aprendizagem da Alfabetização, através de uma experiência de ensino e aprendizagem disponibilizada em formato de curso de curta duração.

Espera-se, com esta pesquisa, auxiliar na busca para minimizar os impactos emocionais compreendidos no processo de aprendizagem da Alfabetização – impactos estes que podem se estender por muito tempo ao longo da vida escolar de um indivíduo – além de minimizar os prejuízos à saúde emocional de alunos e professores, afetando gravemente o desempenho, o sucesso escolar e a formação de toda essa geração para o futuro.

Com isso, pretende-se propor, mais do que a reflexão, a modificação da realidade do processo de ensino e aprendizagem atual de forma a contribuir positivamente como o desenvolvimento das próximas gerações, buscando a formação de uma sociedade mais saudável mental e emocionalmente. E, assim,

colaborando para a promoção da saúde e do bem-estar dos indivíduos através de uma educação de qualidade tornando-os capazes de atuar conscientemente na transformação social. Além disso, o presente trabalho busca envolver as futuras gerações na conscientização e na superação dos desafios de desenvolvimento enfrentados pelas pessoas no Brasil e no mundo. E também contribui para ampliar o alcance do compromisso em atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável propostos pela Organização das Nações Unidas na Agenda 2030 no Brasil.

### 3 CAPÍTULO 1 - ALFABETIZAÇÃO: CONCEITO E CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Para iniciar este estudo, faz-se necessário compreender primeiramente o que é Alfabetização. Partindo do significado literal da palavra, Alfabetização significa a iniciação no uso do sistema ortográfico, ou seja, do alfabeto. A partir daí, tem-se um conceito lingüístico retirado do dicionário

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa apresenta a definição estrita de alfabetização. Ela é o “ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras”. Assim, uma pessoa alfabetizada é entendida como aquela que domina as “primeiras letras”, que domina as habilidades básicas ou iniciais do ler e do escrever. (BRASIL, 2006)

Porém, esse conceito inicial, considerado hoje um tanto quanto raso e superficial para definir a complexidade do ato de alfabetizar que ultrapassa o limite do vocábulo foi, e vem sendo, construído e ressignificado constantemente ao longo da história da Educação no Brasil.

A alfabetização escolar – entendida como processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita em língua materna, na fase inicial de escolarização de crianças – é um processo complexo e multifacetado que envolve ações especificamente humanas e, portanto, políticas, caracterizando-se como dever do Estado e direito constitucional do cidadão. (MORTATTI, 2010)

Para entender o conceito atual de Alfabetização é importante voltar um pouco na linha do tempo histórica para analisar como se deu essa construção e como ela acontece, de fato, nos dias de hoje nas mais variadas realidades educacionais brasileiras.

Logo após o descobrimento do Brasil, em 1549, os portugueses foram os responsáveis por trazer padres jesuítas, sendo estes os responsáveis pela conversão dos índios ao cristianismo, onde era ensinado sobre a bíblia e os dogmas da Igreja Católica. Porrino *et al.* (2017) afirmam que “Não havia entre os habitantes da terra conquistada a cultura da escrita, os índios utilizavam a cultura oral para transmitir seus ensinamentos dos mais velhos para os mais novos.” Durante esse período, as formas de escrita eram apenas de cunho religioso, para a fé cristã-católica, com o objetivo de tornar os índios, cristãos. Posteriormente, com a diminuição do poder da igreja sobre as escolas, a educação passou a ser dominada pelo Estado, a leitura e escrita tornaram-se ferramentas pessoais para o desenvolvimento do país, promovendo moralidade e patriotismo (SILVA *et al.*, 2007, p.22) Em decorrência disso, o novo interesse pela educação influenciou,

de forma positiva, a prática escolar e surgiram novos conceitos e métodos. A alfabetização se tornou então, uma prática social, onde, para o desenvolvimento do país, as pessoas estavam preocupadas para poder ler e escrever. No Brasil, a história da alfabetização passou por grandes mudanças até os dias atuais. Mudanças essas que influenciaram o conceito sobre alfabetização e os métodos utilizados para alcançar este fim. (MORTATTI, 2004, p.122). (ARAUJO, 2022)

A Educação, assim como a Saúde, é um direito social garantido pela Constituição Federal de 1988 em seu Artigo 6º, e é competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios proporcionar meios de acesso a ela, conforme o Artigo 23 – Redação dada pela Emenda Constitucional nº 85, de 2015. A Constituição Brasileira (CF) aponta

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Após a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil em 1988, criou-se o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente - em 1990 que assegura em seu Artigo 53 o direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer. Mas a primeira lei direcionada especificamente à Educação foi a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 4024 criada em 1961 e, a partir dela, vieram outras importantes emendas e reformulações até chegar em 20 de dezembro de 1996, quando foi criada a atual lei em vigor a Lei nº 9394, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional apresentando em seu Artigo 4º a organização da *Educação Básica, obrigatória e gratuita para todos dos 4 aos 17 anos de idade, dividida em Pré-escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio.* (BRASIL, 1996).

Porém, somente através da emenda constitucional da Lei nº 14.407 de 2022, que a LDB passa a estabelecer o compromisso da Educação Básica com a formação do leitor e o estímulo à leitura, conforme a inclusão do inciso XI prevista no Artigo 4º, que afirma que a *“alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos”* e do acréscimo do Parágrafo Único no Artigo 22 que define que *“são objetivos precípuos da educação básica a alfabetização plena e a formação de*

*leitores, como requisitos essenciais para o cumprimento das finalidades constantes do caput deste artigo” (BRASIL, 1996).*

Observa-se que em termos de legislação específica para a Alfabetização, o estado brasileiro ainda tem muito que caminhar e evoluir. O fato é que discutir o conceito e o processo de Alfabetização no Brasil de forma crítica ainda é uma pauta que precisa ser encarada com destemor, pois é uma atividade que perpassa por diferentes vertentes, concepções e interesses – políticos, sociais, econômicos e culturais – e que muito interferem na construção desse conceito e, principalmente, nas suas aplicações práticas nos diferentes ambientes escolares encontrados pelo vasto território nacional.

Maria do Rosário Longo Mortatti - doutora em educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e livre-docente em Metodologia da Alfabetização pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) - em seu artigo intitulado “*Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados*”, apresenta uma discussão acerca do enredo da Alfabetização brasileira

Ao longo desses aproximadamente 130 anos de história da alfabetização, em decorrência do que se considerou a nova e a definitiva verdade científica sobre esse processo, pode-se constatar, em determinados momentos, a centralidade atribuída, no âmbito do que hoje denominamos “políticas públicas”, a um ou a alguns dos aspectos específicos da alfabetização, tendendo-se a reduzir esse processo a aspectos neutros e meramente técnicos, porque considerados correspondentes à verdade científica comprovada e inquestionável. [...] Nas décadas que antecederam a Proclamação da República brasileira, o ensino e a aprendizagem iniciais da leitura e escrita começaram a se tornar objeto de preocupação de administradores públicos e intelectuais da Corte e de algumas províncias brasileiras, especialmente São Paulo. Entretanto, foi somente a partir da primeira década republicana, com as reformas da instrução pública, especialmente a paulista, que as práticas sociais de leitura e a escrita se tornaram práticas escolarizadas, ou seja, ensinadas e aprendidas em espaço público e submetidas à organização metódica, sistemática e intencional, porque consideradas estratégicas para a formação do cidadão e para o desenvolvimento político e social do país, de acordo com os ideais do regime republicano. A partir dos anos de 1930, com o processo de unificação, em nível federal, de iniciativas políticas em todas as esferas da vida social, a educação e, em

particular, a alfabetização passaram a integrar políticas e ações dos governos estaduais como áreas estratégicas para a promoção e sustentação do desejado desenvolvimento nacional. De lá para cá, saber ler e escrever se tornou o principal índice de medida e testagem da eficiência da escola pública, laica e gratuita. E com diferentes finalidades, de diferentes formas e com diferentes conteúdos, visando a enfrentar as dificuldades das crianças em aprender a ler e escrever, para assim responder mais adequadamente a certas urgências políticas, sociais e educacionais do país, diferentes sujeitos foram atribuindo diferentes sentidos a esse ensino inicial da leitura e escrita[...]. Decorrente da complexidade e multifacetação do processo escolar envolvido, a história da alfabetização no Brasil se caracteriza, portanto, como um movimento também complexo, marcado pela recorrência discursiva da mudança, indicativa da tensão constante entre permanências e rupturas, diretamente relacionadas a disputas pela hegemonia de projetos políticos e educacionais e de um sentido moderno para a alfabetização. (MORTATTI, 2010)

Complementando a citação acima, em outro artigo que tem como título "*Onde estão as pesquisas sobre a Alfabetização no Brasil?*", a professora Francisca Izabel Pereira Maciel da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora e diretora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita e Coordenadora da pesquisa Alfabetização no Brasil, o Estado do Conhecimento, defende que

uma política nacional de alfabetização tem de ser mais abrangente e, ao mesmo tempo, ter como foco aqueles que estão na ponta, ou seja, os alunos e os professores alfabetizadores. É no cotidiano da sala de aula que os fazeres, as práticas e os saberes são construídos, assim como as dificuldades encontradas e, muitas delas, sanadas pelos alunos e professores no processo de alfabetização, tematizadas nas pesquisas. As pesquisas sobre alfabetização realizadas no Brasil já têm um arcabouço sustentável e coerente com a realidade brasileira em sua diversidade. Teses e dissertações foram produzidas, em sua maioria, a partir das práticas de sala de aula e vão favoravelmente crescer com os programas de mestrado profissional. São pesquisas do chão da escola, diferentemente de pesquisas realizadas em laboratório, em pequenos grupos. (MACIEL, 2019)

Ou seja, para falar do processo de Alfabetização com propriedade, compreender o conceito e seu contexto real é preciso estar diretamente envolvido com ela, no fazer diário do chão da escola. De acordo com o material produzido

pelo programa Salto para o Futuro publicado pelo MEC - Ministério da Educação - em 2006, de início, pode-se definir Alfabetização como

o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita. (BRASIL, 2006)

Segundo Emília Ferreiro – psicóloga, pedagoga, educadora argentina, doutora pela Universidade de Genebra onde teve o privilégio de ser orientada e colaboradora de Jean Piaget e que muito influencia na formação de professores alfabetizadores brasileiros com seus estudos sobre o processo de Alfabetização – defende que alfabetizar, ou seja, ensinar e *“aprender a ler e a escrever é um processo que se inicia antes mesmo de a criança ingressar no ambiente escolar”* (FERREIRO, 2011).

Decorrente das pesquisas desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emilia Ferreiro na Universidade de Genebra, sob orientação do epistemólogo suíço Jean Piaget e com a colaboração de outros pesquisadores, esse novo modelo teórico foi apresentado como revolução conceitual. Os resultados dessas pesquisas se propõem a explicar a psicogênese da língua escrita na criança, implicando conhecer como a criança aprende a ler e a escrever; elas vieram justamente questionar as concepções até então defendidas e praticadas em alfabetização, particularmente as que se baseavam tanto na centralidade do ensino e, em decorrência, dos métodos e cartilhas de alfabetização quanto nos resultados do testes de maturidade para o aprendizado da leitura e escrita. Essa mudança de paradigma gerou um sério impasse entre o questionamento da possibilidade do ensino da leitura e escrita (e sua metodização) e a ênfase na maneira como a criança aprende a ler e a escrever, ou seja, como a criança se alfabetiza. (MORTATTI, 2010)

Hoje em dia, a Política Nacional de Alfabetização - PNA - *“com base na ciência cognitiva da leitura, define alfabetização como o ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético”* (BRASIL, 2019). Este conceito mais recente e contemporâneo apresentado no PNA/2019 é resultado do acúmulo de incansáveis discussões e debates acerca do ensino e aprendizagem iniciais da leitura e da escrita que se transformaram em conhecimentos encontrados na

literatura aliado às práticas educativas realizadas em diferentes contextos e experiências educacionais.

Pode-se afirmar, com base no arcabouço teórico disponível, que a Alfabetização é entendida por grande parte dos educadores e estudiosos como um processo extremamente relevante e indispensável para a inclusão de um indivíduo em uma sociedade letrada.

Ao longo do século passado, porém, esse conceito de alfabetização foi sendo progressivamente ampliado, em razão de necessidades sociais e políticas, a ponto de já não se considerar alfabetizado aquele que apenas domina as habilidades de codificação e de decodificação, mas aquele que sabe usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária. (BRASIL, 2006)

### 3.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Na atualidade, o entendimento da importância da Alfabetização como um processo fundamental no desenvolvimento infantil é praticamente unânime entre diferentes correntes de pensamento, pois *“é durante esse período que a criança forma sua identidade e passa a entender como ocorre o próprio aprendizado”*, como afirma Maria Angélica Antunes Araujo, da Universidade de Brasília, em seu artigo Impactos da Pandemia da COVID-19 na Alfabetização de Crianças: uma revisão integrativa da literatura (2022)

Atualmente, no Brasil, o processo de alfabetização tem início aos 6 anos de idade e geralmente ocorre no 1º ano do Ensino Fundamental. Segundo Soares (2004), o termo alfabetização significa levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. (ARAUJO, 2022)

Diante de todo o caminho percorrido e considerando as discussões acerca do conceito, na contemporaneidade julga-se como evidente que o processo de Alfabetização não pode se dar apenas pelo ensino e aprendizagem mecânica das letras do alfabeto e de palavras e frases de maneira isolada e descontextualizada.

Por influência das inúmeras contribuições significativas sobre esse processo, entende-se que a Alfabetização deve estar atrelada ao Letramento

Santos *et. al* (2016), definem a alfabetização como um componente do letramento, onde são processos distintos, mas inerentes. De acordo com Tfouni (1997), os conceitos de alfabetização e letramento são resultados da aquisição do processo de leitura. Sendo diferenciados pela alfabetização ser um processo individual e o letramento, um processo social. Para Freire (1987, p.13), “A alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, (...) a alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. (ARAUJO, 2022)

Esse entendimento atualizado da ampliação do conceito de Alfabetização - o Letramento - já vem sendo discutido no Brasil desde a década de 1980. Foi a partir dos estudos e contribuições da educadora, pesquisadora e professora universitária brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Magda Becker Soares que o termo Letramento passou a ser de fato concebido e articulado pela comunidade educacional

a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Assim, é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil, do *illettrisme*, na França, da *literacia*, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização (SOARES, 2004).

Conforme Soares (2004), entende-se como alfabetização a aquisição do sistema convencional de escrita, e letramento como “o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais.” Embora distintos, esses termos são indissociáveis segundo Magda Soares (2004), pois “a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência e por meio da aprendizagem do sistema de escrita”. (SOARES, 2004, p. 97). Sendo assim, a alfabetização ainda na primeira infância é necessária para que a criança, na posição de estudante, consiga se desenvolver nas demais etapas de sua vida estudantil sem que haja prejuízos, caso seja realizada de forma incorreta. Souza (2022) afirma: É fato verídico e conhecido por todos que o processo de alfabetização desempenha papel fundamental na vida estudantil de quem por ele passa e uma vez acontecendo de forma ineficaz pode trazer sequelas que prejudiquem o desempenho do estudante nas séries posteriores. (SOUZA, 2022). O processo de

alfabetização será responsável por marcar todo o percurso do aluno pelo processo educativo, proporcionando momentos importantes nas relações sociais, culturais, familiares e educacionais, pois alfabetizar não é apenas decodificar códigos e símbolos, é um ato de reconhecimento, pertencimento e construção. A identidade é a inserção da criança no mundo literário (MOURA, 2021). (ARAUJO, 2022)

Baseando-se nos estudos e contribuições de Magda Soares, tem-se hoje a compreensão de que Alfabetização e Letramento são conceitos diferentes que se complementam, pois estão diretamente relacionados tanto no processo de ensino e aprendizagem como na prática social. Segundo a estudiosa desse processo, pode-se dizer que *“Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”*, ou seja, como apresentam os autores do artigo “Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em Alfabetização”

Isso não significa desconsiderar os conhecimentos que a criança adquire no seio familiar, muito pelo contrário, os diversos contextos sociais vividos pela criança, aprimoram seu desenvolvimento letrado. Para Soares (2004, p.97), “é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis”. Entretanto, os conhecimentos que a criança adquire nos múltiplos contextos precisam ser valorizados, explorados e mediados pelo educador-alfabetizador. O que se torne difícil nos moldes do ensino remoto. (QUEIROZ *et al*, 2021)

Logo, o processo de Alfabetização no Brasil vai além - ou pelo menos deveria ir - do ensino simples e mecânico das letras do alfabeto, seus sons e junções em sílabas, palavras e frases, para avançar a um nível mais elaborado de compreensão da língua escrita onde a criança não tão somente aprenda a ler e escrever - codificar e decodificar - o sistema de escrita alfabético, mas principalmente seja capaz de fazer uso da leitura e da escrita de maneira autônoma em diferentes contextos sociais para interagir com o mundo letrado a sua volta, para se comunicar e se expressar através da leitura e da escrita com clareza e coerência.

Muitos outros estudiosos de diferentes áreas do conhecimento e de diferentes nacionalidades exerceram e exercem significativa influência na construção do conceito de Alfabetização, no entendimento e na prática desse processo aqui no Brasil por meio de suas pesquisas e teorias que trouxeram e trazem cada vez mais

contribuições para a Educação e para o fazer docente no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais de escolarização.

Historicamente, as pesquisas dos programas de Psicologia foram, durante muito tempo, a principal área produtora de teses e dissertações sobre alfabetização no Brasil e trouxeram e continuam trazendo contribuições ao campo da Educação. (MACIEL, 2019)

Não coincidentemente, a Educação – entendida como a prática social que visa o desenvolvimento do ser humano, de suas potencialidades, habilidades e competências – desde os tempos remotos está estreitamente ligada à Psicologia, que é área da ciência que estuda a mente e o comportamento humano e suas interações com o ambiente físico e social. Pois, são áreas afins das Ciências Humanas que atraem profissionais e pesquisadores de ambos os lados quando a intenção é buscar compreender como os indivíduos se relacionam uns com os outros e assim aprendem, contribuindo principalmente para o equilíbrio das emoções e facilitando o ensino e a aprendizagem.

Essa familiaridade entre a Educação e a Psicologia reforça o quanto uma auxilia a outra, simultaneamente, principalmente quando trata-se do desenvolvimento dos primeiros anos de vida, uma vez que a aprendizagem e o convívio escolar promovem o desenvolvimento psicológico saudável assim como o psicológico bem desenvolvido favorece a aprendizagem e as relações sociais. E durante o processo de Alfabetização, essa conexão é ainda mais próxima

Ora, o alfabetizando e o alfabetizador são sujeitos históricos, situados, e o processo de aprendizagem da leitura e da escrita não pode ser restrito a uma única faceta. O alfabetizador tem diante dele um grupo de alfabetizandos com histórias, conhecimentos, condições socioeconômicas culturais distintas e cabe ao alfabetizador saber lidar com esse aluno no seu todo e não apenas em uma fatia do que é necessário ao aprendizado da leitura e da escrita. (MACIEL, 2019)

Neste contexto, é imprescindível considerar também as questões relacionadas à subjetividade de cada um, às experiências vividas, aos seus sentimentos e emoções que são inerentes ao ser humano, à aprendizagem e principalmente ao desenvolvimento psicológico. Assim como o professor alfabetizador precisa saber lidar com as mais variadas características dos

alfabetizandos, é fundamental também saber lidar com suas emoções e as deles para alcançar um resultado satisfatório nesse processo. Como dizia Paulo Freire

não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. (FREIRE, 1989)

Conhecer a construção histórica do conceito e da evolução do processo de Alfabetização no Brasil nos ajuda a refletir criticamente sobre a literatura, sobre o papel do professor alfabetizador nesse processo, sobre as pesquisas voltadas para a Alfabetização e, assim, repensar sobre a prática diária em sala de aula atualmente, em todos os seus aspectos, visto que os problemas e fragilidades encontradas no processo de Alfabetização não são apenas atribuídas aos métodos e à legislação vigente.

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. (FREIRE, 1989)

Hoje, devido ao crescente incentivo encontrado nos últimos anos, o professor alfabetizador pode debruçar sobre uma significativa gama de publicações em torno da Alfabetização, como relata professora Francisca

a produção sobre alfabetização nos cursos de pós-graduação em Educação cresceu e ultrapassou a produção acadêmica dos programas de Psicologia. Apenas um exemplo de como uma política pública nacional de formação de alfabetizadores tem seus reflexos na produção acadêmica: sobre o PNAIC

foram produzidas no período de apenas cinco anos - 2013 - 2019 - 363 pesquisas, 33 teses, 242 dissertações e 88 pesquisas em mestrados profissionais (MACIEL, 2019).

### 3.2 VULNERABILIDADES DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Contudo, infelizmente é impossível analisar a história da Alfabetização brasileira sem antes admitir e reconhecer os principais problemas sociais enfrentados há anos pela grande maioria da população do país e que influenciam diretamente no desenvolvimento educacional das gerações.

Pois, assim como deve-se valorizar a bagagem de conhecimentos e experiências que as crianças trazem para o ambiente escolar, deve-se considerar também o contexto social em que elas estão inseridas e que muito contribuem para o seu desenvolvimento como um todo - físico, social, psicológico e emocional.

Isso significa que os problemas sociais enfrentados pela população brasileira - antes, durante e após a pandemia - tais como pobreza, fome, desigualdades e violência, são impossíveis de não serem considerados, pois *“a COVID-19 trouxe consequências danosas à saúde da população e à economia dos países, acarretando queda da renda e destruição de postos de trabalho, que no Brasil atingiram recordes históricos em 2020”* (BRASIL, 2022).

De acordo com os últimos dados do CENSO realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - em 2022 apresentados na publicação Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira, que tem como objetivo *“proporcionar um conhecimento amplo da realidade social do País e de seus habitantes, a partir de indicadores atualizados sobre temas estruturantes dessa realidade”* (BRASIL, 2022), é possível afirmar que o acesso à Educação de qualidade e

O acesso ao trabalho decente é condição necessária para a redução da pobreza e da desigualdade social, [...] um importante fator para a garantia do bem-estar social das famílias. [...] A consequência desta dinâmica foi o aumento da

desigualdade e da pobreza, cujo efeito foi mais intenso entre determinados grupos populacionais, como mulheres, crianças, e pessoas de cor preta ou parda, além da população que reside nas Regiões Norte e Nordeste do País.

Falar de trabalho decente significa debater sobre uma condição mínima de renda e de forma de sustento pessoal e familiar que possibilite uma vida digna, com acesso aos direitos constitucionais fundamentais. Neste documento escolhido para analisar o perfil social do Brasil e da população da sociedade brasileira, encontra-se a seguinte descrição para a pobreza

A pobreza é um fenômeno que tem impactos profundos sobre as condições de vida das populações, estando relacionada a uma multiplicidade de fatores cuja complexidade e multidimensionalidade tem demandado de especialistas, governos e agências internacionais de desenvolvimento a construção de metodologias que permitam sua mensuração (WORLD..., 2001; POVERTY..., 2021; PANORAMA..., 2022b). Em âmbito nacional tal desafio vem se desdobrando na proposição de políticas de combate à pobreza que frequentemente estão articuladas a acordos firmados pelos países junto às agendas internacionais de desenvolvimento como, por exemplo, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - ODM que vigoraram entre 2000 e 2015 e, mais recentemente, a Agenda 2030 dos ODS que teve início em 2015, com término previsto para 2030. Em ambos os casos a erradicação da pobreza se constituiu em objetivo específico (UNITED NATIONS, 2001; OBJETIVOS..., 2014; THE SUSTAINABLE..., 2020). Desde início dos anos 2000 a construção de um consenso internacional de que o combate à pobreza deve ser uma das prioridades nas políticas públicas dos países, especialmente dos países em desenvolvimento, tornou-se relevante, o que demandou o desenvolvimento de metodologias quantitativas voltadas à captação da população considerada pobre. Em linhas gerais estas metodologias se dividem entre aquelas que medem a pobreza monetária e as medidas multidimensionais de pobreza, que incorporaram outras dimensões para além da estritamente monetária. A pobreza monetária refere-se unicamente à insuficiência de rendimentos das famílias para provisão de seu bem-estar. Em sociedades capitalistas e altamente urbanizadas, o nível de recursos monetários que uma família dispõe torna-se um importante meio de obtenção de bens e serviços capazes de conferir qualidade de vida. Nesse contexto, é considerado pobre aquele que não possui rendimentos suficientes para manutenção de sua subsistência de acordo com algum critério monetário estabelecido. As pessoas são, então, classificadas em relação às chamadas linhas de pobreza, podendo estar abaixo (pobres) ou acima delas (não pobres). A pobreza multidimensional, por sua vez, é definida a partir da restrição de acesso a dimensões consideradas fundamentais para que um indivíduo não seja considerado pobre em uma determinada sociedade. Para sua mensuração podem ser adotadas uma combinação de indicadores monetários (como acesso ao rendimento do trabalho, aposentadoria e pensão, programas sociais, etc.) e não monetários, podendo ser considerados,

como exemplo, o acesso à educação, saúde, saneamento, moradia, tecnologia, etc. (BRASIL, 2022)

Considerar contextos sociais vulneráveis como estes - em que há famílias que se enquadram na linha da pobreza monetária e também na linha da pobreza multidimensional, onde seus acessos à saúde, bem-estar e educação de qualidade são marginalizados, o que conseqüentemente dificulta o desenvolvimento saudável das gerações - é tão importante quanto trazer para a discussão os problemas de falta de estrutura nas escolas e de formação dos professores.

Visto que os problemas sociais vividos pelas crianças e suas famílias são fatores externos que podem influir diretamente em seu estado emocional, seu desenvolvimento social e, principalmente, em sua aprendizagem.

Desde o final do Século XIX, estudos apontam que precárias condições de vida relacionadas à pobreza levam a problemas mais graves de saúde. Assim, a vulnerabilidade ocasionada pelo empobrecimento da população (insegurança alimentar, renda e escolaridade baixas e ausência de garantia de acesso a medidas de higiene básica) ampliam as inequidades. A vulnerabilidade em saúde, em particular, compreende fatores biológicos e individuais, sociais e programáticos/institucionais cuja interação aumenta risco ou proteção de um indivíduo ou grupo populacional a determinada doença (CASTRO-NUNES; RIBEIRO, 2022).

Outra importante dimensão social que afeta diretamente a saúde é o nível de segurança alimentar. Como o principal acesso a alimentos é realizado via mercado, a evolução da renda média e das condições do mercado de trabalho são fatores determinantes para a determinação do nível de segurança alimentar, dado que o ato de se alimentar depende, essencialmente, do poder aquisitivo da pessoa (HOFFMANN, 1995). (BRASIL, 2022)

Em outras palavras, é fato dizer que uma criança com fome ou desnutrida também não tem condições de aprender, pois provavelmente além fraca, debilitada, com suas capacidades neurocognitivas limitadas pela própria falta de nutrientes necessários para seu organismo desenvolver, tem ainda o sofrimento, o quadro de desânimo, tristeza e fragilidade emocional, onde muitas estão na escola com o principal objetivo de se alimentar através da merenda escolar, e depois, como um segundo objetivo para estudar e aprender.

Adentrando na esfera do sistema educacional e do ambiente escolar, é possível afirmar que a Alfabetização no Brasil enfrenta dificuldades, carências e

fragilidades desde o início e ainda enfrenta. Mazelas que vão desde a falta de organização e estruturação legal específica, o despreparo e desvalorização dos profissionais, as divergências entre os métodos e materiais didáticos adequados, a escassez de estrutura e recursos nas escolas, a formação docente deficitária...

Além das dificuldades encontradas diariamente dentro das salas de aulas como crianças em situação de vulnerabilidade social, turmas lotadas, profissionais adoecidos e desamparados, famílias desestruturadas, crianças especiais e/ou com dificuldades específicas que afetam a aprendizagem.

Os problemas encontrados no processo de Alfabetização no Brasil não são atuais, além de inúmeros e perceptíveis em diferentes aspectos, vem se arrastando há décadas. Refletem o descaso e o desinteresse para com a Educação das gerações e a sua participação nas questões sociais, visto que para inserir-se em uma sociedade letrada faz-se necessário ser alfabetizado.

Ou seja, o sistema educacional brasileiro ainda tem muito que progredir pois, todas essas questões levantadas afetam diretamente nos resultados da Alfabetização no Brasil

Dados recentes sobre a educação em nosso país indicam que o Brasil ainda está engatinhando na busca pela erradicação do analfabetismo e pelo efetivo sucesso escolar. Em dezembro de 2010, foram divulgados os dados do Programa Internacional de Avaliação do Estudante – PISA 2009 –, que avaliou as habilidades de leitura, matemática e ciências de alunos de 15 e 16 anos de 65 países. A média do PISA 2009, na escala geral de leitura, foi de 493 pontos. Enquanto os países que ocuparam as melhores posições, como China, Coreia e Finlândia, obtiveram entre 556 e 538 pontos na escala geral de leitura, o Brasil obteve 412 pontos, ficando atrás, nesse quesito, de países como México, Uruguai, Colômbia e Chile. Na classificação geral, o Brasil ocupou o 53º lugar de um total de 65 países avaliados. [...] Dados coletados na pesquisa que compõe o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF – também são preocupantes, uma vez que o índice de analfabetos funcionais totalizava 27% em 2011. Isso significa que mais de um quarto da população brasileira apresenta dificuldades severas em utilizar as habilidades de leitura, escrita e matemática no seu dia a dia. (GRANDO, 2013)

Seguindo nessa linha, mais recentemente ainda, o PNA/2019 indica que :

Segundo os resultados da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), de 2016, 54,73% de mais de 2 milhões de alunos concluintes do 3º ano do ensino fundamental apresentaram desempenho insuficiente no exame de proficiência em leitura. Desse total, cerca de 450 mil alunos foram classificados no nível 1 da escala de proficiência, o que significa que são incapazes de localizar informação explícita em textos simples de até cinco linhas e de identificar a finalidade de textos como convites, cartazes, receitas e bilhetes.

Em escrita, 33,95% estavam em níveis insuficientes (1, 2 ou 3). Embora o número não seja tão alto em comparação com leitura, percebe-se a gravidade do problema diante da descrição desses níveis: aproximadamente 680 mil alunos de cerca de 8 anos estão nos níveis 1 e 2, o que quer dizer que não conseguem escrever “palavras alfabeticamente” ou as escrevem com desvios ortográficos. Quanto à escrita de textos, ou produzem textos ilegíveis, ou são absolutamente incapazes de escrever um texto curto.

[...] Segundo o Censo Escolar de 2018, no 3º ano a taxa de reprovação foi de 9,4%, e a de distorção idade-série foi de 12,6%, com aumento significativo nos anos seguintes. No 7º ano, mais de 810 mil alunos matriculados nas redes federal, estadual e municipal estavam com dois anos ou mais de atraso escolar. (BRASIL, 2019)

Perante os dados estatísticos alarmantes, constata-se que as avaliações nacionais e estaduais apresentam resultados em que as escolas têm fracassado persistentemente em alfabetizar, e como consequência, reforça que faz-se necessário e urgente buscar ações mais elaboradas e eficientes que realmente contribuam para alavancar os índices de alfabetização e letramento dos brasileiros para que, efetivamente, consiga atingir sucesso não apenas no processo de Alfabetização como em todas as etapas de escolarização básica.

Diante de todo o contexto da Alfabetização no Brasil, o Governo Federal realiza diversos programas focados para essa demanda, como o Programa Brasil Alfabetizado, lançado em 2003 voltado para o resgate da alfabetização de jovens e adultos; o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC - configurando o compromisso dos governos federal, estaduais e municipais para garantir que todas as crianças estejam alfabetizadas quando concluírem o 3º ano do fundamental criado em 2012; o Programa Mais Alfabetização, criado em 2018 para fortalecer e apoiar as unidades escolares de alfabetização; o Programa Conta pra Mim, inaugurado em 2019 - mesmo ano em que foi implementada a Política Nacional de Alfabetização - com o principal objetivo dar ampla divulgação às

práticas de literacia familiar; o Programa Tempo de Aprender, iniciado em 2020 com o propósito de enfrentar as principais causas das deficiências da alfabetização no país; assim como a divulgação dos cursos *on-line* Práticas de Alfabetização e Alfabetização Baseada na Ciência (ABC) no Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação (Avamec), também em 2020, para melhorar a qualidade da alfabetização em todas as escolas públicas do Brasil, no âmbito da formação de professores.

Esses e outros programas do Ministério da Educação estão em funcionamento e podem ser acessados através do site. Porém, infelizmente, todas essas ações e investimentos ainda não são suficientes para resolver os problemas da Alfabetização no Brasil. Faz-se necessário ainda mais esforço e trabalho por parte de todos os envolvidos.

### **3.3 IMPACTOS DA PANDEMIA NA ALFABETIZAÇÃO BRASILEIRA**

Além de todo o percurso histórico que a Alfabetização vem atravessando ao longo dos anos, ainda tem-se que acrescentar e considerar nessa linha do tempo o momento atual que o mundo todo vivenciou: a pandemia da COVID-19, a maior crise sanitária dos últimos tempos, que afetou não só a vida e a saúde como a educação de milhares de pessoas ao redor do planeta.

a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com a finalidade de redução dos níveis de contágio, orientou o encerramento das aulas em escolas [...]. A pandemia, definida como o a maior interrupção da aprendizagem da história (UNESCO, 2020), trouxe a paralisação das atividades em salas de aula para quase 1,6 bilhão de estudantes em mais de 190 países. assim, todas as Instituições de Ensino obrigaram-se a interromper suas atividades presenciais [...]. Neste contexto, milhares de criança que estavam adentrando no universo da leitura e da escrita passaram a desenvolver suas atividades na ambiência domiciliar, contando com o auxílio pedagógico profissional apenas de forma remota. (QUEIROZ et all, 2021)

É notório que *posterior à pandemia, já haviam obstáculos para a alfabetização apontadas pelos professores, principalmente no ensino público*

(ARAUJO, 2022). Com a chegada da pandemia, milhares de estudantes foram obrigados a desenvolver suas atividades escolares em casa, de maneira remota, inclusive as crianças em fase de Alfabetização e Letramento. Os impactos da pandemia no processo de construção e desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças brasileiras ainda estão sendo medidos.

O cenário desencadeado pela pandemia fez com que professores e gestores tivessem que aplicar na prática as regras preconizadas pela Portaria nº 345/2020 do Ministério da Educação Nacional, que permite, de forma única, a substituição das aulas presenciais continuadas por atividades relacionadas com a utilização das tecnologias de informação e comunicação para a continuidade do semestre, e assim mesmo garantir a conclusão do ano letivo escolar. (LEMOS E SARLOS, 2021).

Neste contexto pandêmico, as instituições de ensino adotaram, emergencialmente, o ensino remoto inclusive na fase da alfabetização. Porém, sabe-se que o ensino remoto não substitui e não pode ser comparado com o ensino presencial, sobretudo quando observa-se que *“no território brasileiro, pesquisas apontam que 70% das crianças em fase de alfabetização podem não ter aprendido a ler de forma satisfatória nesse período”*, conforme analisa

o ensino remoto é uma solução temporária para um modo de ensino alternativo em um tempo de crise, onde o que seria ministrado em aula presencial, passa a ser feito de forma remota até a crise ou emergência ser solucionada ou diminuída, tendo como objetivo fornecer acesso temporário à conteúdos educacionais durante esse período. (ARAUJO, 2022)

De acordo com o mencionado anteriormente, o processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e da escrita compreende um processo complexo que compreende elementos essenciais que posteriormente se desdobrarão em conhecimentos ainda mais complexos de acordo com o avanço dos anos de escolaridade formal. E a convivência, a interação e a socialização da criança na rotina do ambiente escolar é muito importante nesse período pois, *“A aprendizagem do sistema de escrita alfabética exige uma mediação especializada do professor alfabetizador para que se possa assegurar a compreensão das relações de oralidade e escrita”* (ROSA E BENTO, 2021).

Sobre a ausência de interação escolar, sabemos da importância da aprendizagem colaborativa, sobretudo no processo de aquisição da leitura e da escrita em que o

aprendizado compartilhado, a partir da heterogeneidade dos educandos, faz com que uns aprendam com os outros, propiciando uma melhor desenvoltura dos sujeitos. Os agrupamentos produtivos defendidos por Piaget (1970), Vygostky (2010) e Ferreiro (2004), por exemplo, é uma estratégia de aprendizagem muito relevante que envolve interação imediata entre os educandos, pois uma sala de aula é composta de crianças em níveis distintos de conhecimentos o que faz com que aprendam umas com as outras. A teoria Sociocultural de Vygostky fomenta que o desenvolvimento dos sujeitos se constitui nas relações sociais, desta forma, aprendemos necessariamente na interação com o outro. (QUEIROZ et. al, 2021)

Porém, com a pandemia, o distanciamento social e, em muitas realidades praticamente, a absoluta ausência pedagógica, todo o trabalho de mediação fundamental nesse processo realizado pelos professores foi significativamente afetado e comprometido, devido a uma série de questões. Pois, com o distanciamento social, as estratégias de ensino à distância e o uso das tecnologias de e da internet que foram adotadas emergencialmente para reduzir os efeitos desse distanciamento acabaram evidenciando o surgimento de outras dificuldades e a criando ainda mais lacunas no processo sem a interação professor-aluno.

A distância social tem um impacto significativo na saúde mental da população. [...] a perda de entes próximos, a evasão e o sofrimento causado pelo isolamento social levaram à ruptura da rotina e dos sistemas de ensino em sala de aula. [...] Em uma situação epidêmica, o número de pessoas afetadas pelo psicológico geralmente é maior do que o número afetado pela infecção (grifo nosso). Estima-se que, se não forem atendidas adequadamente, um terço a metade da população pode ter consequências psicológicas. Porém, dadas as características inéditas de distância e isolamento social para milhões de pessoas ao mesmo tempo, o impacto da atual pandemia pode ser ainda maior, levando à hipótese de uma pandemia de medo e estresse. [...] Além do medo de contrair a infecção, o COVID-19 criou um sentimento de insegurança em todos os aspectos da vida, desde a perspectiva coletiva à individual, do funcionamento do dia-a-dia da sociedade às mudanças nas relações interpessoais. Quando se trata de saúde mental, deve-se dizer que as consequências de uma pandemia superam as mortes. (LEMOS E SARLOS, 2021)

Ou seja, é indiscutível que o isolamento social afetou a todos de alguma forma. Porém em seu estudo Araujo (2022) aponta que deve-se, em especial, ter um olhar atento às crianças, sendo de extrema importância *“observar os comportamentos e atitudes, como insônia, irritabilidade, falta de apetite, ansiedade e etc., tendo em vista que, se não tratados na infância, acarretarão problemas maiores na vida adulta”*. Assim como concordam as autoras Leila Maria Rainha

Lemos e Agna Lucia da Silva Sarlos em seu artigo intitulado “*Efeitos da Alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19: uma revisão literária*”

As consequências de uma mudança repentina no ensino escolar podem ir muito além das barreiras de aquisição de conhecimento. Não só as interações com os educadores estão em risco, mas também a saúde de quem vai absorver e quem transmite conhecimento. O cérebro humano nem sempre é familiar a mudanças a curto prazo, e ainda assim reage a essas mudanças, exemplos disso são mudanças no humor e comportamento na sociedade. É muito comum diferença de humor e no comportamento do aluno quando ele passa por uma mudança repentina em sua vida diária, é possível observar tais situações quando ocorre a separação de seus pais, quando muda o ambiente e até quando perde um ente querido. (LEMOS E SARLOS, 2021).

Obviamente que esses impasses e dificuldades não acometeram exclusivamente os alunos que se encontram no ciclo de alfabetização, conforme balanço verificado pelos autores a seguir

“Entretanto, no ciclo alfabético, a discussão é ainda mais densa por se idealizar neste o vislumbre à construção da leitura e da aquisição e apropriação da escrita, princípios estes necessários ao desenvolver das mais variadas habilidades, capacidades e competências no contexto escolar e extraescolar. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), política pública criada em 2012, a qual teve como inspiração a experiência cearense exitosa do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), estabeleceu um ciclo de alfabetização que se inicia no 1º ano e se conclui no 3º ano do ensino fundamental. Entretanto, a mais recente Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (BRASIL, 2017), define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o 2º ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental do aprender a ler e a escrever.

Neste diapasão, é evidente que práticas pedagógicas que evidenciem estratégias metodológicas eficazes são ainda mais urgentes para garantir a construção de conhecimentos relativos à alfabetização na idade certa. Entretanto, o cenário educacional contemporâneo encontra grandes obstáculos para assegurar estes direitos reservados aos educandos. O distanciamento do professor-alfabetizador, faz com que a aprendizagem de muitas crianças se encontre “em xeque”, pois a presença pedagógica do educador qualificado, a partir dos diagnósticos e intervenções constantes, garante as estratégias necessárias ao desenvolvimento alfabético. Conforme a Unesco, a natural queda na aprendizagem poderá alastrar-se por mais de uma década se não forem criadas políticas públicas que invistam em melhorias (UNESCO, 2020). Isto significa que não basta só aprimorar por imediato o ensino à distância, mas é preciso, de forma urgente e necessária,

pensar em políticas que representem o planejamento de estratégias de recuperação da aprendizagem.

Os resultados, num sentido lato, das reestruturações ocorridas no contexto pandêmico, a sociedade ainda irá desvelar, pois os questionamentos acerca de como será o mundo pós-pandemia perpassam o coletivo dos sujeitos em todas as nações e esferas sociais afetadas. Num entanto, já podemos inferir que, no contexto educacional, os efeitos exigirão, sobremaneira, políticas de recuperação na aprendizagem, tais como: formação docente ampliada e focada; capacitação de agentes educacionais para reforço escolar; intensificação de busca ativa; ampliação de carga-horária; materiais estruturados em vistas recuperação de aprendizagens para utilização no contexto escolar e no domiciliar; etc...” (QUEIROZ et all, 2021)

Diante do exposto, pode-se considerar a necessidade urgente não só de um olhar como principalmente de ações mais eficazes para a Educação em especial para o processo de ensino e aprendizagem da Alfabetização e também para o ensino e aprendizagem da Inteligência Emocional.

Mas, mesmo tendo sido um dos piores momentos que a sociedade planetária passou nas últimas décadas - a pandemia da COVID-19 e todas as suas sequelas - ainda assim é possível reconhecer que tudo isso serviu para fazer com que pensássemos em outras formas de ensinar, em novas ferramentas de ensino, novas técnicas e recursos pedagógicos, o que de fato trouxe muitos benefícios para o processo de ensino e aprendizagem que já se encontrava um tanto quanto estagnado, transformando positivamente o fazer docente em muitas realidades, como aponta Maria Angélica Antunes Araujo em seu artigo sobre os impactos da pandemia

Em contrapartida, alguns impactos positivos no ensino remoto foram apontados, entre eles: educação alternativa, plataformas de ensino e internet poderiam fornecer conteúdo rico e esses conteúdos são úteis para os alunos, benéfico para os alunos se concentrarem e seguirem as aulas, atividades impressas, vídeos enviados pelas professoras para explicar melhor as atividades, mesmo que a interação aluno-professor não seja muito satisfatória, iniciarem-se formações tecnológicas para os professores; haver a preocupação do estado e dos municípios em fornecer aos professores e estudantes equipamentos e chips para internet; e assumir o modo remoto como uma realidade a ser enfrentada por todos da educação a fim de não haver estagnação do ensino e da aprendizagem na educação de milhões de brasileiros (SILVA, 2021; VALDIVINO, 2021; AYDEN et al., 2021). (ARAUJO, 2022)

Ou seja, mesmo em meio às trevas, foi possível enxergar uma luz sobre questões importantes e necessárias, mas que não devem se apagar com o fim da crise, pelo contrário essa luz deve se manter acesa e, principalmente, deve ser ampliada para que seus benefícios possam iluminar os caminhos de muitas gerações em prol de uma educação de qualidade para todos.

Todavia, faz-se necessário registrar que nenhum recurso didático, nenhuma ferramenta ou metodologia pedagógica - por mais moderna e tecnológica que seja -, substitui o trabalho docente, a relação de troca e o vínculo afetivo e emocional que se estabelece entre alfabetizadores e alfabetizados no ato de ensinar e aprender. Todo esse conjunto de novas possibilidades são apenas ferramentas que o professor pode utilizar em seu dia a dia para diversificar sua prática em algumas realidades educacionais, visto que, infelizmente, não são todos que têm acesso.

### **3.4 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA E DA NEUROCIÊNCIA NA ALFABETIZAÇÃO**

Conforme mencionado anteriormente, a Psicologia é a área da ciência que estuda a mente e o comportamento humano e suas interações com o ambiente físico e social que está intimamente ligada à Educação, uma vez que sendo áreas afins das Ciências Humanas têm como objeto de estudo em comum o desenvolvimento humano e a aprendizagem.

Ambas buscam compreender como os indivíduos se relacionam uns com os outros e assim aprendem, principalmente quando trata-se do desenvolvimento dos primeiros anos de vida, uma vez que a aprendizagem e o convívio escolar promovem um desenvolvimento psicológico saudável assim como um psicológico bem desenvolvido favorece a aprendizagem e as relações sociais, contribuindo assim para o equilíbrio das emoções e facilitando o ensino e a aprendizagem.

A estreita relação entre a Psicologia e a Educação é claramente perceptível logo no início dos cursos de formação docente de nível médio, uma vez que as bases e referenciais teóricos que compõem boa parte da matriz curricular dos cursos de Magistério e Pedagogia são formuladas a partir de estudos sobre

desenvolvimento infantil feitos por psicólogos, como Lev Vygotsky, Jean Piaget, Howard Gardner, Carl Rogers, dentre outros que apontaram significativas contribuições para a Educação.

E neste viés, é indiscutível a influência da Psicologia também no processo de Alfabetização, não somente para entender a teoria mas principalmente para auxiliar na prática desse processo e na compreensão dos diferentes fatores - externos e internos - que exercem significativo poder no momento da aprendizagem.

Ao longo de toda a trajetória percorrida pela Alfabetização nessa linha do tempo é crucial considerar que recentemente muito tem se falado a respeito da influência e das contribuições não só da Psicologia como também dos estudos das Neurociências em várias áreas do conhecimento, assim como na Educação

Para o mundo educacional, os avanços e descobertas na área da Neurociência, ligados ao processo de aprendizagem é, sem dúvida, uma revolução. Em termos gerais, a Neurociência da aprendizagem é o estudo de como o cérebro aprende. Quando se analisa Educação e aprendizagem, automaticamente, relaciona-se com processos neurais, que nada mais são do que processos pelos quais o cérebro reage a estímulos do ambiente, ativando sinapses (ligações entre neurônios por onde passam os estímulos tornando as mais intensas). (BRITO, 2017)

Nesse sentido pode-se afirmar que *“a Neurociência nasce a partir da curiosidade do ser humano em saber as bases da mente humana. Ela estuda o sistema nervoso quanto a sua funcionalidade, estrutura e desenvolvimento”* (BRITO, 2017). Esses estudos favorecem a concepção de como o cérebro funciona, pois ele é o órgão responsável pela cognição, emoção, planejamento e execução de todas as atividades humanas, sobretudo no momento em que a criança está aprendendo, interagindo e construindo o conhecimento.

[...] cada lobo (cerebral, subdivisões do telencéfalo) tem uma função específica, que, na Neurociência é denominada de função executiva. Fazendo uma relação ao nosso objeto de estudo, especificamente na área de ensino-aprendizagem da escrita inicial (alfabetização), pode-se associar tais funções executivas ao que Vygotsky denominou funções psíquicas. Ao analisar os processos funcionais e seu desenvolvimento, Vygotsky distinguiu tais funções e explanava sobre a importância destas para o desenvolvimento humano e, posteriormente, seus estudos foram utilizados para a questão de ensino- aprendizagem. Essas funções abrangem o cérebro como um todo, e são distintas por Vygotsky como funções

psíquicas: sensação; percepção; atenção, memória; linguagem; pensamento; imaginação e nas questões afetivas a unidade emoção-sentimento. [...] O córtex cerebral, parte integrante do telencéfalo, é o local onde encontram-se os lobos, rico em neurônios e, por isso, é o local do processamento neuronal mais sofisticado e distinto. É sede da linguagem, memória, emoção, cognição, percepção. (BRITO, 2017)

De acordo com Katlen Böhm Grando, Pedagoga pela Universidade do Vale dos Sinos e Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em seu artigo de 2013 intitulado “Pensando a Alfabetização a partir de contribuições das Neurociências”

as neurociências contribuem à medida que possibilitam maior conhecimento sobre os processos biológicos envolvidos na aprendizagem e no desenvolvimento dos seres humanos. [...] A escrita e a leitura, mesmo tendo relações, são processos distintos. No cérebro, as partes envolvidas na leitura são diferentes das partes envolvidas na escrita. Assim sendo, não é possível determinar uma única região cerebral como sendo a área responsável pela linguagem, uma vez que várias áreas do cérebro estão ligadas à atividade linguística. Essa, por sua vez, não se restringe às habilidades de leitura e de escrita, englobando, também, a comunicação oral, gestual e gráfica. (GRANDO, 2013)

Essas investigações e evidências comprovam cientificamente o que vem sendo discutido há décadas e que se tem de entendimento sobre o processo de Alfabetização, como afirmam HIRATA e MARINHO (2019) em seu artigo sobre As Contribuições das Neurociências para a Alfabetização de que “*o cérebro não pode ser considerado um depósito de informações sem significado. A alfabetização não pode ser considerada apenas uma representação da linguagem oral. Ler e escrever vai muito além de codificar e decodificar*”, pois

alfabetizar vai muito além de um processo mecânico de memorização de imagens, sons, e que os indivíduos também aprendem por meio de interações, e, por fim, que os estímulos e ambientes favoráveis ajudam a desenvolver o crescimento cognitivo das crianças. (HIRATA e MARINHO, 2019)

Ainda de acordo com GRANDO (2013), as contribuições das Neurociências também vem comprovar através de evidências científicas a impactante influência dos fatores biológicos, fisiológicos, psíquicos e sociais no desenvolvimento cerebral e conseqüentemente no processo de aprendizagem

Os estudos das neurociências confirmam a ideia de Ferreiro e Teberosky (1999) de que, para que a criança consiga se alfabetizar, é importante que o seu cérebro esteja maduro. Sabe-se hoje que, antes e durante o período de alfabetização, o cérebro da criança sofre importantes modificações, que permitirão que ela possa construir as bases do nosso sistema de escrita. Conforme Rossa e Rossa (2011, p. 42), “[...] nesta faixa etária (entre 3 e 6 anos) há um importantíssimo crescimento do córtex frontal que cria as condições neuroanatômicas (estruturas e ligações sinápticas) para a realização do mapeamento metafonológico, assim possibilitando a descoberta do princípio alfabético”. Para que essa maturação aconteça de forma saudável, é importante que a criança tenha acesso a uma boa alimentação, sono de qualidade e a estímulos que a desafiem. É durante o sono que as aprendizagens se consolidam, o que é essencial para que se transformem em memórias de longa duração. Em relação à alimentação, está comprovado que problemas nutricionais nos primeiros anos de vida podem reduzir significativamente as possibilidades cognitivas das crianças. (GRANDO, 2013)

Para muitos estudiosos, tanto da Educação quanto da Psicologia e da Neurociência, o ambiente em que a criança se desenvolve, as relações que ela estabelece com os outros, seus sentimentos e emoções também são fatores extremamente importantes para a sua aprendizagem

Na relação professor-aluno com aprendizado-alfabetização, enfatiza-se a importância do relacionamento dentro de ambientes de aprendizagem. É preciso que a criança se sinta segura no local em que está inserida, pois um ambiente estimulante e agradável pode favorecer que os estudantes assumam um papel ativo na aquisição de conhecimentos, e isso pode facilitar os processos da alfabetização. Um outro aspecto observado por meio dos estudos foi que nada impede que a criança obtenha uma aprendizagem espontânea, aquela que lhe dê motivação, emoção e vontade de aprender. Mas, para que isso ocorra, é essencial que se tenha um ambiente de estímulos positivos. Então, saber que o ambiente externo tem influência no estado físico e emocional dos alunos pode enriquecer o trabalho do docente. [...] Dado o exposto, percebe-se que crianças ao se sentirem acolhidas são capazes de se desenvolver com maior facilidade do que aquelas que se sentem amedrontadas, pois estas podem se sentir em estado de irritabilidade e estresse causando um efeito contrário à aprendizagem (COSENZA; GUERRA, 2011). (HIRATA e MARINHO, 2019)

HIRATA e MARINHO (2019) também destacam a dimensão relacionada à emoção no processo de ensino aprendizagem - que é o eixo principal dessa discussão no processo de Alfabetização - mas que infelizmente ainda é um assunto desconhecido para alguns educadores que nem imaginam o quanto a emoção pode influenciar no aprendizado

A emoção atua como sinalizador interno de que algo importante está ocorrendo. Pode ser considerada como um conjunto de reações frente a uma sensação. Professores precisam entender que os processos cognitivos e a emoção estão entrelaçados no cérebro e refletem na aprendizagem. Ao relacionar este ponto de vista com estudos sobre o cérebro, Grando (2013, p. 28) esclarece que [...] a aprendizagem e a memória estão intimamente ligadas à emoção. O sistema límbico, responsável por controlar o comportamento emocional e motivacional, é ativado de forma positiva quando a aprendizagem está ligada a boas sensações, [...] fazendo com que as aprendizagens sejam consolidadas e o sistema cerebral de recompensa seja ativado, o que gera a vontade de repetir a boa experiência. No entanto, quando a aprendizagem está ligada a sensações desagradáveis, [...] os conhecimentos não são consolidados da mesma forma e o sistema de recompensa não é ativado, fazendo com que os sujeitos não tenham vontade de repetir a experiência. Reconhecendo o fato de que somente é aprendido o que possui algum conteúdo emocional significativo, pode-se concluir que os professores precisam refletir sobre alternativas para a motivação dos alunos, vinculando os conteúdos a serem estudados a fatores positivos. Por fim, entendeu-se que o ambiente externo pode influenciar o estado físico e emocional dos alunos. O educador e/ou professor com suas atitudes motiva ou desmotiva os estudantes. Então, manter um ambiente que seja favorável equilibra o sistema nervoso das pessoas e pode ser a chave para que se consiga um bom aprendizado. (HIRATA e MARINHO, 2019)

Diante disso constata-se a importância de investimentos em uma formação docente mais aprofundada nos conhecimentos da Neurociência, assim como a urgente necessidade de promover o desenvolvimento da Inteligência Emocional dos educadores que atuam diretamente nos anos iniciais no processo de Alfabetização.

Medeiros e Bezerra (2015) dizem que é importante que educadores busquem conciliar estudos das neurociências com o ensinar e o aprender para que a alfabetização seja significativa para todos os alunos. Mas, com base no que foi exposto, é preciso entender que esses estudos das neurociências não apresentam uma nova pedagogia e nem soluções para os problemas de aprendizagem da alfabetização. Porém, possibilitam meios de entender a forma como o cérebro funciona, e respeitar esse funcionamento de cada indivíduo pode facilitar o aprendizado e o trabalho dos docentes (COSENZA; GUERRA, 2011). Esses estudos sobre a importância das neurociências para a alfabetização se tornam cada vez mais relevantes, pois entender o caminho neural percorrido para verbalização, obtenção da leitura, manter estrutura atencional e meios de aprendizagem pode ser essencial para uma alfabetização mais eficaz. [...] Ou seja, entender cada criança, o que acontece no cérebro na aprendizagem, pode ajudar muitos professores dentro das salas de aula. (HIRATA e MARINHO, 2019)

#### **4 CAPÍTULO 2 - OS PRESSUPOSTOS DE PAULO FREIRE PARA A ALFABETIZAÇÃO E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: UMA VISÃO COMPARTILHADA**

Nos últimos anos temos observado um avanço significativo da tecnologia e como ela vem tornando a comunicação mais dinâmica e rápida, difundindo o conhecimento a uma velocidade que impressiona. Por outro lado, as relações humanas não evoluíram a contento e, de modo geral, vivemos em uma sociedade tecnológica e informada, mas um tanto quanto egoísta. A fome, os problemas socioambientais e as desigualdades sociais, ainda são questões muito discutidas e que impactam toda a Terra (MILLER e SPOOLMAN, 2021). E em meio a toda essa problemática estão a formação e a instrução das gerações futuras.

Uma pauta atual que vem ganhando espaço em vários setores de atividade humana e agora mais fortemente presente nas discussões que envolvem a Educação é a Inteligência Emocional. Reconhecer esse conceito é o primeiro passo para alcançarmos uma Alfabetização mais efetiva, seguindo os preceitos de Paulo Freire em suas obras, a Alfabetização como leitura de mundo.

A escolha pela Alfabetização deve-se ao fato de a autora desse artigo atuar há aproximadamente 15 anos na Educação e ter tido a oportunidade de trabalhar com diferentes faixas etárias e segmentos educacionais que muito contribuíram para a construção de toda a sua experiência profissional, e dentro dessa experiência, observa-se que o processo de alfabetização é a fase mais importante da vida escolar de qualquer pessoa – pensamento próximo ao de Paulo Freire.

O interesse em unir Inteligência Emocional e Paulo Freire surge da inquietação profissional diária do “chão” da escola, onde o que mais se vê em diferentes realidades são professores e alunos desmotivados, angustiados, frustrados, ansiosos, desequilibrados emocionalmente e igualmente abalados vivenciando o processo de ensino e aprendizagem e de alfabetização com muitas dificuldades, desenvolvendo transtornos, traumas e síndromes que poderiam ser evitadas...

Como visto no início, a Inteligência Emocional é uma pauta atual e necessária. Durante uma breve convivência na Educação, vivenciamos várias situações em que hoje é possível perceber claramente a necessidade de se conhecer os princípios da Inteligência Emocional, pois aliados ao seu exercício pode-se melhorar a qualidade de vida dos professores, potencializando seu trabalho e conseqüentemente facilitar o processo de aprendizagem dos estudantes.

Sabemos que no âmbito escolar, muitas pautas surgem com a necessidade de venda, impulsionadas pelo consumo de materiais didáticos de grandes conglomerados educacionais. Não negamos que existem certas propostas educacionais que se comprometem, mesmo que de modo muito superficial, com o que é realmente necessário para o trabalho aliado à Inteligência Emocional.

É por esse motivo que existe a necessidade desse laborar com a Inteligência Emocional na Alfabetização ser inspirado em Paulo Freire, tendo em vista as bases sólidas e fundamentais que o referido autor apresenta. Portanto apresentamos os referenciais de Inteligência Emocional relevantes ao processo de Alfabetização e suas relações com a obra de Paulo Freire.

#### **4.1 MAS, O QUE DE FATO É A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL? POR QUE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO?**

O conceito de Inteligência Emocional não é algo novo, mas um assunto que vem sendo discutido desde a década de 1990, proposto pelos pesquisadores Peter Salovey e John Mayer. No entanto, tornou-se conhecido mundialmente após a publicação do livro Inteligência Emocional, em 1995, por Daniel Goleman.

Goleman é psicólogo formado pela Universidade de Harvard, conhecido hoje como referência no assunto, e um dos responsáveis por divulgar e discutir o conceito da Inteligência Emocional, mostrando como a incapacidade de lidar com as próprias emoções pode atrapalhar gravemente a vida escolar e profissional de

qualquer pessoa. Segundo ele, Inteligência Emocional é a habilidade de saber lidar com as suas próprias emoções e com as dos outros:

é “a capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços; de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar, de ser empático e autoconfiante” (GOLEMAN, 2012. p. 58).

Pode-se afirmar que a consciência das emoções é essencial para, além de ajudar-nos a conviver melhor uns com os outros, também favorece significativamente o processo de aprendizagem. Isso mesmo, a aprendizagem.

Destacamos a idéia básica de aprendizagem como um processo de construção que se dá na interação do sujeito com o meio que o cerca. Meio esse expresso inicialmente pela família, depois pelo acréscimo da escola, ambos permeados pela sociedade em que estão (WEISS, 2008. p. 27).

Pois como afirma GOLEMAN: *“É possível afirmar cientificamente: ajudar as crianças a aperfeiçoar sua autoconsciência e confiança, controlar suas emoções e impulsos perturbadores e aumentar sua empatia resulta não só em um melhor comportamento, mas também em uma melhoria considerável no desempenho acadêmico”* (2012. p. 11).

De acordo com Maria Lúcia Lemme Weiss, os aspectos emocionais exercem significativa influência no processo de aprendizagem:

Aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento e a expressão deste através da produção escolar. Remete aos aspectos inconscientes envolvidos no ato de aprender. O não-aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com a sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica. Na prática, pode exprimir-se por uma rejeição ao conhecimento escolar, em trocas, omissões e distorções na leitura ou na escrita, não conseguir calcular em geral etc (WEISS, 2008. p. 25).

Weiss (2008) também é psicóloga e psicopedagoga dedicada a entender, identificar e tratar problemas relacionados ao processo aprendizagem, e em seu

livro *Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*, ela explica como isso acontece:

A ansiedade vivenciada pelo aluno em situações de conhecimento novo, de conhecimentos que ele acha que são difíceis e de que “não dará conta”, de exigência exagerada da família ou da escola, de se perceber incapaz, do clima negativo formado em sala de aula, e de outras mais, leva-o a condutas diversificadas que atrapalham o já citado processo de elaboração do conhecimento. [...]. Todas essas condutas podem conduzir a uma dificuldade posterior na aprendizagem escolar que vai se ampliando aos poucos (WEISS, 2008. p. 22).

Ou seja, o processo de alfabetização por si só naturalmente já envolve uma grande carga emocional por parte da criança, da família e dos professores envolvidos. É um processo de intensa interação entre alfabetizador e alfabetizando, processo de troca e sem dúvida de muitas emoções. Levar em consideração a alegria e satisfação de ambos diante da descoberta de uma palavra nova é tão importante quanto respeitar o medo de tentar e de errar que é tão comum no início desse processo, assim como a raiva ou a frustração que afloram quando não se consegue decodificar um grafema, reconhecer seu traçado, identificar um som e ler, além da ansiedade (que rodeia todos os momentos desse processo) em aprender logo, em acertar e em alcançar as expectativas dos outro – sejam eles os familiares ou os próprios professores – que sem perceber acabam exercendo uma certa pressão no alfabetizando.

Nenhuma criança, rica ou pobre, é imune a problemas; isso é universal e ocorre em todos os grupos étnicos, raciais e de renda. (...) Na falta de sistemas de apoio, as tensões externas tornaram-se tão grandes que mesmo famílias bem-estruturadas estão desmoronando(...). O que está em jogo é a próxima geração (GOLEMAN, 2012. p. 251 e 252).

Então, como atuar nesse contexto de forma mais saudável, consciente e eficaz, sem tantos “sofrimentos” para os envolvidos? É por esse motivo que é importante considerar os aspectos de inteligência emocional dentro do processo de alfabetização ventilados por Paulo Freire.

## 4.2 PAULO FREIRE PRESENTE NAS EMOÇÕES E NA APRENDIZAGEM

Conforme citamos anteriormente, saber lidar com as emoções é uma habilidade conhecida como Inteligência Emocional. E a aprendizagem também depende das emoções.

Por isso, essa habilidade precisa ser desenvolvida tanto com os professores quanto com os estudantes no ambiente escolar – assim como ensinar a ler e escrever – para que ambos possam lidar com as suas próprias emoções de maneira positiva e assim poder vivenciar o processo de ensino, aprendizagem e aquisição da leitura e da escrita com mais consciência, de maneira mais saudável, plena e atinjam o sucesso almejado.

As emoções e a aprendizagem sempre foram as preocupações de Paulo Freire, nosso eterno mestre e patrono da Educação brasileira – o educador da Esperança – que defendia o ato de ensinar com consciência e sensibilidade, que falava de Educação como quem fala de amor: *“Não se pode falar de educação sem amor”* (FREIRE).

O amor a que ele se refere é uma emoção. Para muitos é a emoção principal: *“O amor é a emoção fundadora do social, é o que possibilita o processo de humanização, porque coloca o outro como ‘legítimo outro na convivência social’ na medida em que possibilita a linguagem, a comunicação e as relações entre os seres vivos”* (GONSALVES e LIMA, 2014).

Assim como para nosso maior educador, não há educação sem amor: *quem não ama não compreende o próximo, não o respeita, por isso o amor é a condição para que haja educação* (FREIRE, 2006). Este já é um ponto de convergência entre a Inteligência Emocional e Paulo Freire.

Em todas as suas obras Paulo Freire deixa claro a sua preocupação com o que não se pode ver, com o que não está explícito nos objetivos de aula, nos programas e currículos.

Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras.[...] tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo um objeto, sentem o objeto, percebem o objeto e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. [...] os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial (FREIRE, 1989).

Mergulhando em sua trajetória e seu legado, podemos dizer que Paulo Freire é o verdadeiro exemplo de inteligência emocional na Educação que temos. Em sua obra *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire relata momentos de sua vida em que teve suas emoções e sentimentos postos a prova constantemente ao ter que deixar o Brasil e viver exilado:

Ninguém chega a parte alguma só, muito menos ao exílio. Nem mesmo os que chegam desacompanhados de sua família (...). Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, como corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, de nossa história, de nossa cultura (...). Experimentamos, é certo, na travessia que fazemos, um alvoroço na alma, síntese de sentimentos contraditórios (...). Do alvoroço da alma faz parte também a dor da ruptura do sonho, da utopia. A ameaça da perda da esperança, a frustração da perda (...). Na verdade, um dos sérios problemas do exilado ou exilada está em como lidar, de corpo inteiro, com sentimentos, desejos, razão, recordação, conhecimentos acumulados, visões de mundo, com a tensão entre o hoje sendo vivido na realidade de empréstimo e o ontem, (...) como preservar sua identidade, (...) como inventar novas formas de viver e de conviver na cotidianidade estranha (...). no fundo, é muito difícil viver o exílio, conviver com todas as saudades diferentes (...), conviver com a saudade e educá-la também. (...) É difícil viver o exílio. Esperar a carta que se extraviou, a notícia do fato que não se deu. Esperar às vezes gente certa que chega (...). (FREIRE, 1992. p. 16 e 17)

Mesmo diante de tudo isso, Paulo Freire jamais perdeu a esperança e nunca deixou que esses momentos sombrios o tirassem o sonho, o desejo de lutar por uma educação igualitária e transformadora, nem o compromisso com a transformação social através da Educação.

Essa capacidade de lidar com sentimentos e emoções tão intensas sem deixar que o medo do vivido o assombre e impeça de prosseguir, ressignificando suas experiências e emoções, transformando-as em impulso para agir com firmeza, mas também com muita sensibilidade, valorizando e respeitando as emoções do outro e querendo ver no outro uma luz, é o maior exemplo de resistência, resiliência, empatia e Inteligência Emocional que Paulo Freire nos deixou.

A história de Paulo Freire nos mostra o quanto é necessário ampliar o conhecimento dos professores sobre a Inteligência Emocional transformando-a em recurso pedagógico de modo que esse conhecimento seja incorporado em sua práxis, para que ele seja capaz de usar suas próprias emoções e as dos alfabetizados a favor do ensino e da aprendizagem – como fez Paulo Freire em todos esses anos – e assim contribuir para a formação de cidadãos plenamente letrados e capazes de atuar na sociedade e transformando-a de maneira consciente e saudável.

Afirmava: *“Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista”* (FREIRE, 1996).

Desenvolver a Inteligência Emocional articulada com os pressupostos de Paulo Freire tornou-se uma necessidade urgente em professores envolvidos no processo de Alfabetização e essa habilidade precisa ser desenvolvida com os professores desde sua formação inicial.

Para desenvolver as habilidades socioemocionais na escola é preciso investir no professor, para que ele construa em si as condições para realizar a mediação da aprendizagem de forma consciente e responsável, reconhecendo e atuando nas múltiplas inteligências e nos diferentes estilos cognitivo-afetivos dos seus alunos e de si mesmo. Além de investir no desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos alunos, a escola pode se transformar em um local privilegiado para o desenvolvimento socioemocional dos adultos: os

professores, os gestores, os familiares dos estudantes (ABED, 2016. p.25).

Pois, ainda de acordo com Anita Lilian Zuppo Abed em seu artigo O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica, publicado em 2016:

A função da escola vai muito além da transmissão do conhecimento, pois é urgente e necessário fortalecer muitas e variadas competências nas nossas crianças e jovens, que lhes possibilitem construir uma vida produtiva e feliz em uma sociedade marcada pela velocidade das mudanças. Motivação, perseverança, capacidade de trabalhar em equipe e resiliência diante de situações difíceis são algumas das habilidades socioemocionais imprescindíveis na contemporaneidade... E no futuro dos nossos alunos (ABED, 2016. p. 14).

Nesse contexto os conceitos de Inteligência Emocional dialogam com as ideias de Paulo Freire, pois além do educador da esperança e das sensibilidades, Freire também foi um grande defensor dos professores, educadores, alfabetizadores e da escola como espaço democrático de transformação social.

### 4.3 CONSIDERAÇÕES

Falar de Inteligência Emocional no contexto da educação brasileira não significa discutir ou comparar quem é mais inteligente que o outro. Até porque essa visão competitiva e um tanto quanto elitista de enxergar as capacidades humanas nada tem a ver com o discurso e a prática de Paulo Freire. Pois, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* menciona a diversidade dos saberes: “*não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes*” (FREIRE, 1987).

Como um dos teóricos do Humanismo, que:

vê o sujeito primordialmente como pessoa, como integração e inseparabilidade de pensamentos, sentimentos e ações”, Paulo Freire “sempre se destacou por defender uma pedagogia libertadora” onde “os princípios gerais são: 1. Não há docência sem discência. 2. Ensinar não é transferir conhecimento. 3. Ensinar é uma especificidade humana. (MOREIRA, 2016. p. 58)

Nessa perspectiva, nota-se a necessidade de investimentos em propostas que viabilizem o desenvolvimento e formação dos professores inseridos no contexto escolar para que eles mesmos sejam capazes de desenvolver a Inteligência Emocional em si mesmos e atuar de uma forma mais saudável emocionalmente, podendo assim desenvolver também a Inteligência Emocional nos estudantes, contribuindo enormemente para formação de uma geração mais saudável, diminuindo os danos causados pelo problema.

Consciência da necessidade, urgente, de ensinamentos que objetivem o controle das emoções (...). Os educadores, há muito preocupados com as notas baixas dos alunos em matemática e leitura, começam a constatar que existe um outro tipo de deficiência e que é mais alarmante: o analfabetismo emocional.(...) Ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem quanto a matemática e a leitura” (GOLEMAN, 2012. p. 249).

Assim como reforça Mirna Poliana Queiroz Holder, em seu estudo com professores da educação básica na rede pública e na rede privada de ensino, na cidade de Porto Seguro, sobre a Inteligência Emocional, publicado em 2017:

é urgente capacitar professores emocionalmente para que se fortaleçam e se preparem para enfrentar novos desafios de um contexto laboral estressante, tais como: a falta de disciplina dos alunos, o excessivo número de estudantes, a falta de motivação para aprender, a apatia dos estudantes para realizar as atividades escolares, o baixo rendimento acadêmico, a carga horária de trabalho excessiva (HOLDER, 2017).

Ensinar os alfabetizandos a identificar suas próprias emoções no momento em que elas ocorrem, entendê-las, respeitá-las e ensiná-los a lidar com elas de maneira positiva, principalmente para que elas não afetem negativamente a sua aprendizagem e o seu processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e da escrita é um compromisso do todo educador humanista inspirado em Paulo Freire.

Não nos restam dúvidas de que ensinar e aprender a ler e escrever embalado por emoções positivas é muito mais significativo e prazeroso para todos os envolvidos, além de produzir boas memórias e tornar o processo de aprendizagem um momento inesquecível. Como afirma GOLEMAN (2012. p. 260): *“A criança que não sente alegria com nada achará mais difícil reunir a energia para dominar lições complexas, quanto mais para sentir o fluxo no aprendizado”*.

Desta forma é importante lembrar que durante toda a sua trajetória Paulo Freire sempre atuou brilhantemente no cenário educacional – brasileiro e internacional – com muito amor, esperança, coragem e também com muita alegria. Como ele mesmo deixou registrado em sua obra *Pedagogia da Autonomia*: “*A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria*” (FREIRE, 1996).

Para finalizar, inspirados em Paulo Freire, podemos adotar a simples sugestão de Goleman:

Aos professores, sugiro que considerem também a possibilidade de ensinar às crianças o alfabeto emocional, aptidão básica do coração (...) o ensino brasileiro poderá se beneficiar com a introdução, no currículo escolar, de uma programação de aprendizagem que, além das disciplinas tradicionais, inclua ensinamentos para uma aptidão pessoal fundamental – a alfabetização emocional (GOLEMAN, 2012. p. 19)

Alfabetizar para a vida vai muito mais além do que ensinar a ler e a escrever letras, sons, palavras e frases. Alfabetizar para a vida é principalmente ensinar a ler e a compreender gestos, olhares, sentimentos e emoções. A Alfabetização Emocional deveria ser a primeira a ser ensinada, antes de alfabetizar o aluno para interagir com o mundo letrado é primordial alfabetizar a pessoa para interagir consigo mesmo e com os outros.

## **5 CAPÍTULO 3 - AVANÇOS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA ALFABETIZAÇÃO: ANÁLISE DA ÚLTIMA DÉCADA**

Desde sua origem o Homo sapiens tem acumulado e transmitido uma série de conhecimentos que por sua vez impulsionaram sua explosão demográfica sobre a Terra. Munido de um sistema nervoso complexo, sua capacidade de pensar proporcionou o desenvolvimento de habilidades múltiplas, tornando os humanos uma espécie com considerável capacidade de se adaptar e inteligente. Desde então tal capacidade passou a ser destacada e quantificada (D'AMARO, 2006; RODRIGUES, 2021).

A inteligência humana não é apenas o reflexo de habilidades motoras e sensoriais que podem ser transmitidas (WOYCIEKOSKI; HUTZ, 2009) mas, também está associada à capacidade que cada indivíduo apresenta no controle de seus impulsos como, por exemplo, impedir que a ansiedade interfira em seu raciocínio e sendo empático sem perder o controle de suas emoções (GOLEMAN, 2012; FREGONESI, et al., 2019). Certamente, saber lidar com todas essas categorias é um tanto quanto complexo, entretanto, não se pode negar a influência que exercem no contexto educativo (VYGOTSKI, 1994; ABREU, 2017; VALENTE et al., 2019).

Autoconhecimento, Autocontrole, Empatia, Motivação e Habilidades Sociais são categorias que compõem o conceito de Inteligência Emocional (IE) proposto por Goleman (1995). Por outro lado, a IE pode ser entendida como o conjunto de processos mentais que permitem ao indivíduo reconhecer, usar, compreender e gerir as emoções ou os estados emocionais (BRAKETT; SALOVEY, 2006). Goleman (2012), destaca quatro domínios relacionados à aprendizagem: autoconhecimento, consciência social, autogestão e gerenciamento de relacionamentos. Todos estes domínios representam habilidades relacionadas à capacidade de perceber, controlar e avaliar tanto as próprias emoções como as dos outros.

Tratando-se de Educação Básica, o desenvolvimento de habilidades mentais pode permitir progressos no raciocínio e a resolução de problemas a partir da

percepção e conhecimento de padrões das emoções (MAYER, CARUSO; SALOVEY, 2000). Todavia, Freire (1996) já chamava a atenção para as condições emocionais e de bem-estar do estudante como facilitador do aprendizado (BORHER; VARGAS 2021). Evidentemente que os docentes e demais profissionais envolvidos na Escola também sejam incluídos no desenvolvimento e na difusão das habilidades socioemocionais (WEDDERHOFF, 2001; LEITE, 2019).

Neste sentido, a IE surge como um constructo relevante com potencial para que sejam desenvolvidas e treinadas as habilidades emocionais, principalmente no ambiente escolar (ROBERTS et al., 2002; WOYCIEKOSKI; HUTZ, 2009). Vale ressaltar que este desenvolvimento não deve ter cunho elitista ou comparativo como, por exemplo, quem é mais inteligente que o outro como mencionado por Freire (1987). Portanto, estudos que avaliem, desenvolvam habilidades emocionais na escola são extremamente relevantes, no tocante ao atual modelo de sociedade em que estamos inseridos. Desta forma, podem ajudar no processo de formação do cidadão mais consciente de seu papel não apenas na sociedade, mas também no planeta (POCEIRO, 2017).

Durante o período de alfabetização, o desenvolvimento das habilidades emocionais pode contribuir muito no desenvolvimento da IE e com isso otimizar a trajetória dos estudantes (GONZAGA; MONTEIRO, 2011). Além disso, conforme apontado por Valente e Monteiro (2016) o desenvolvimento da IE não pode estar direcionado somente na relação professor e estudantes, mas, sim a todos os envolvidos no processo educativo.

O processo de alfabetização por si só, naturalmente já envolve uma grande carga emocional por parte da criança, da família e dos professores envolvidos. É um processo de intensa interação entre alfabetizador e alfabetizando, processo de troca e sem dúvida de muitas emoções (ANTUNES 2000). Levar em consideração a alegria e satisfação de ambos diante da descoberta de uma palavra nova é tão importante quanto respeitar o medo de tentar e de errar que é tão comum no início desse processo, assim como a raiva ou a frustração que afloram quando não se consegue decodificar um grafema, reconhecer seu traçado, identificar um som e ler,

além da ansiedade em aprender logo, em acertar e em alcançar as expectativas dos outros (BOHRER e VARGAS, 2021; ABED, 2016; ALMEIDA; MENEZES, 2021).

Diante do exposto, este estudo tem o objetivo de compreender e quantificar como as habilidades da IE têm sido desenvolvidas no processo de alfabetização na última década (2010/2020) e oferecer subsídios à práxis docente.

## **5.1 METODOLOGIA**

O presente estudo utilizou a revisão integrativa da literatura pela possibilidade de condensar informações contidas em diversos estudos, e assim facilitar a compreensão e descrição de assuntos ou teorias mais complexas, como também propor outras análises (SOUZA et al., 2010). No contexto Educacional, este método é de extrema valia diante dos inúmeros estudos já publicados em diversas áreas do ensino. Neste sentido, em linhas gerais, a presente revisão foi desenvolvida seguindo as cinco etapas que envolvem uma revisão integrativa de acordo com Whitemore e Knafl (2005): definição do problema, pesquisa na literatura, avaliação e análise dos dados e apresentação dos resultados.

A partir da definição do objetivo que, em linhas gerais, foi mapear os estudos que abordaram, de algum modo, a Inteligência Emocional no processo de Alfabetização (Educação Básica) na última década, alinhamos duas questões centrais que nortearam a pesquisa. A primeira: "Como o conhecimento da Inteligência Emocional no processo de ensino e aprendizagem vem sendo estudado e construído? E quais as contribuições da Inteligência Emocional para o processo de Alfabetização?"

Desta forma, a pesquisa foi realizada com a busca por Artigos, Teses, Dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso, no período de 2010 a 2020, nas bases de dados do Google Acadêmico e Scielo (Scientific Electronic Library Online). Os descritores utilizados para a busca de dados foram "Inteligência Emocional"

AND “Aprendizagem” AND “Alfabetização”. Ao utilizarmos o descritor “Aprendizagem”, verificamos um amontoado de produções em diversos segmentos educacionais, por isso fez-se necessário a utilização do descritor Alfabetização para direcionar a busca por publicações voltadas a essa etapa da Educação Básica, fazendo assim um recorte mais específico da pesquisa. Esses descritores foram selecionados em virtude dos objetivos da pesquisa com foco em publicações apenas na Língua Portuguesa.

Portanto, compreendendo a extensão da temática abordada e no intuito de se obter uma boa representatividade para o estudo, em ambas as bases de dados, foram avaliadas produções publicadas nos últimos 10 anos (2010 a 2020).

A seleção dos textos foi realizada pela leitura dos títulos e resumos com a aplicação dos seguintes critérios de inclusão e exclusão. Para inclusão foram utilizados os seguintes critérios: 1) estudos que abordassem a Inteligência Emocional na Educação Básica; 2) estudos que abordassem e ou avaliassem a Inteligência Emocional entre professores dos anos iniciais do ensino fundamental e 3) estudos que discutem a influência da Inteligência Emocional no processo de Alfabetização.

Foram excluídos os estudos de Inteligência Emocional que não se aplicavam ao contexto educacional e na Alfabetização. Ao final deste processo, 62 publicações foram selecionadas para serem lidas e analisadas na íntegra. Porém, nesta etapa foi observado que ainda havia publicações repetidas e outras que não estavam diretamente relacionadas à Educação Básica, resultando assim em 46 publicações para análise.

Após a leitura dos textos todos tiveram suas informações compiladas em uma planilha do Microsoft Excel para quantificação dos seguintes dados: Autor, Ano, Título, Tipo de produção (Trabalho de Conclusão de Curso, Dissertação, Tese, E-book, Resumo Expandido e Artigo), Idioma e Objetivo(s). Em seguida, essas categorias foram quantificadas e analisadas.

## 5.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca por publicações nas bases de dados resultou em 92 textos. Em seguida, estes textos foram avaliados pela leitura dos títulos e resumos para verificar seu contexto à temática do estudo, o que resultou na seleção de 59 publicações. Ao final deste processo ainda foram excluídas mais cinco publicações por estarem duplicadas, totalizando 46 textos, os quais foram lidos na íntegra pelos autores (Figura 1).

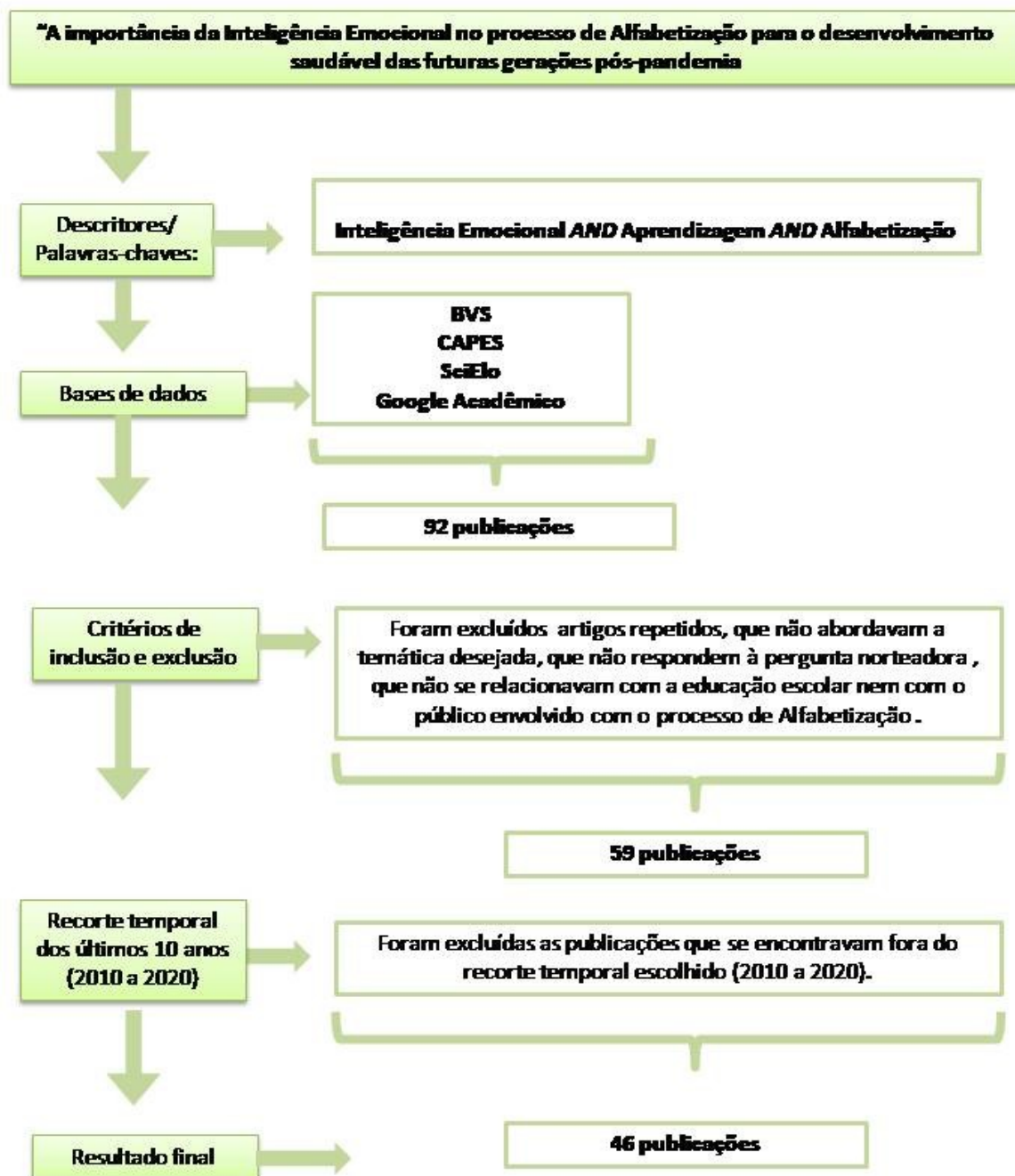
Todas as 46 produções encontradas foram redigidas em Língua Portuguesa e todas versam sobre a Inteligência Emocional na Alfabetização Brasileira na última década. Quanto ao tipo de produção, os Artigos se destacaram com 54,3%. As demais produções se dividem em Trabalhos de Conclusão de Curso (19,6%), Dissertações (13,0%) e Resumos Expandidos (6,5%). Teses e E-book representaram apenas 2,2% cada (Gráfico 1). De toda essa produção científica 63,0% foram publicadas em periódicos.

Apesar do conceito de Inteligência Emocional (IE) ter sido apresentado cientificamente por Salovey e Mayer (1990) sua aplicabilidade no Ensino é recente. E ao considerar o recorte temporal escolhido aqui percebemos uma constância nas publicações a partir de 2015. Todavia, sabemos da existência de algumas produções prévias, entretanto, intercaladas como, por exemplo, em 2010 e 2013 onde não foram registradas nenhuma publicação relacionada a “Inteligência Emocional na Alfabetização Brasileira”.

Certamente, este campo de estudo, ainda em expansão, se mostra relevante e promissor (REGO; ROCHA, 2009; SILVA 2020). O número de pesquisas e publicações sobre a temática “Inteligência Emocional” relacionadas à Educação vem crescendo, consideravelmente após os apontamentos de Goleman (1995; 2012), Freire(1996) e Vygotski (1999) (Gráfico 2). Toda essa produção destaca resultados promissores e demonstram uma relação intrínseca no processo de alfabetização,

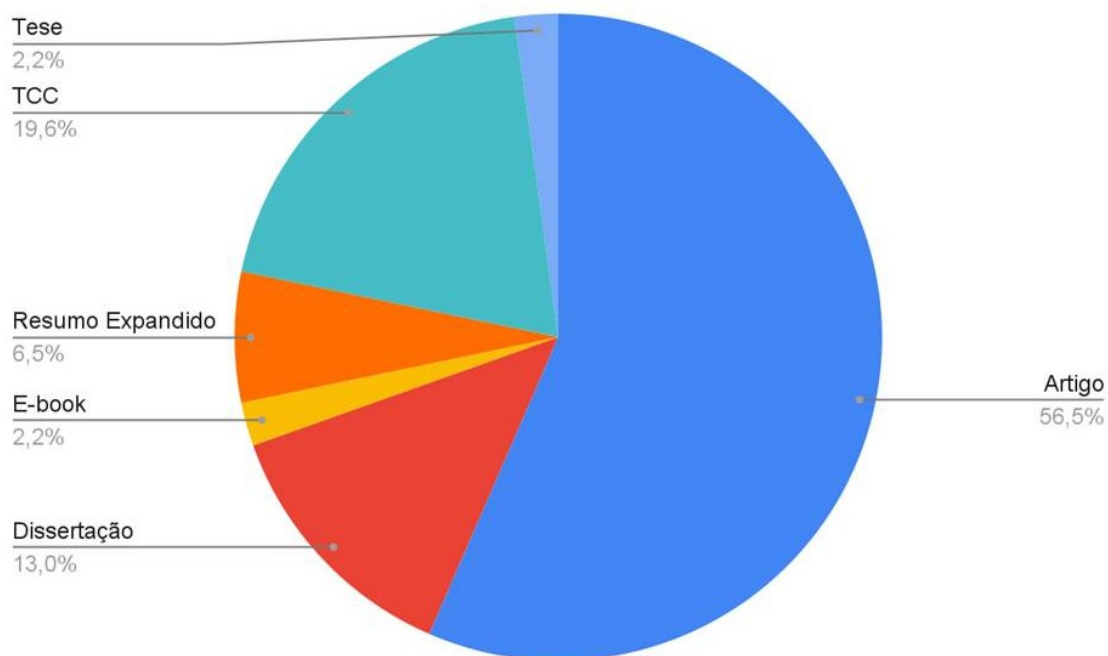
em outras modalidades do ensino e na gestão escolar (NETA et al., 2008; MACHADO et al., 2011; SANTOS, 2018) (Gráfico 2).

Figura 1: Fluxograma referente às etapas do processo de busca de dados para a avaliação das publicações relacionadas aos avanços da Inteligência Emocional na alfabetização brasileira na última década.



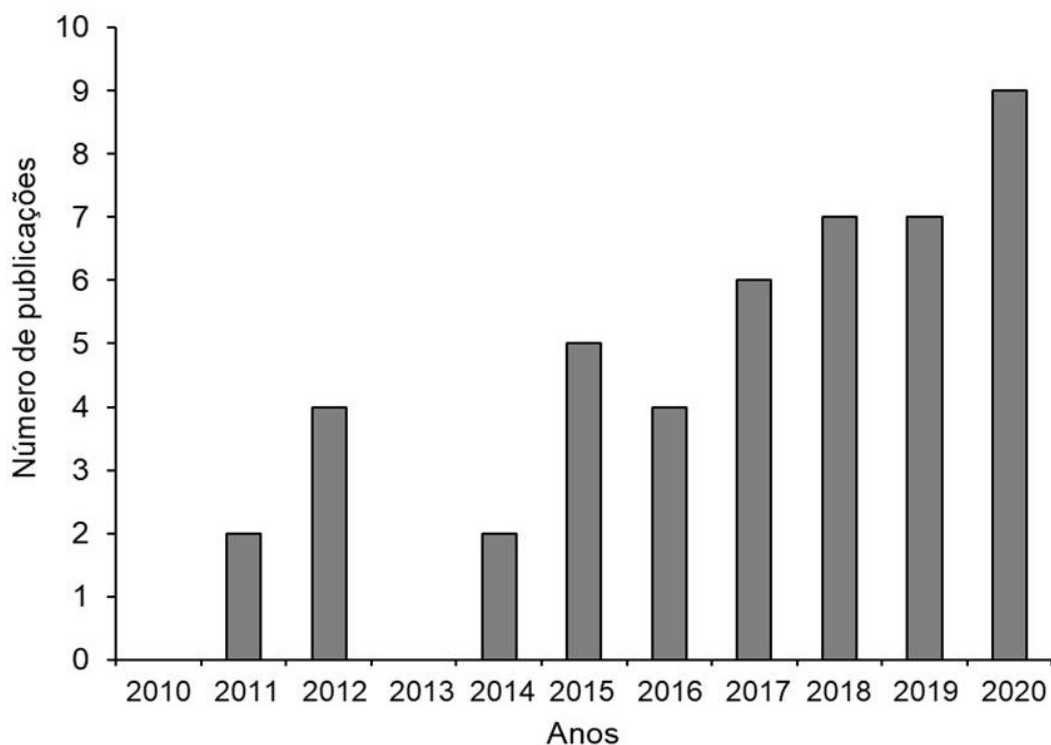
Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Gráfico 1: Percentual das categorias de publicações (Trabalho de Conclusão de Curso, Dissertação, Tese, E-book, Resumo Expandido e Artigo) ao longo de 2010 a 2020 relacionadas aos avanços da Inteligência Emocional na alfabetização brasileira na última década.



Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Gráfico 2: Quantitativo de publicações ao longo de 2010 a 2020 relacionadas a pesquisas sobre a Inteligência Emocional na alfabetização brasileira na última década.



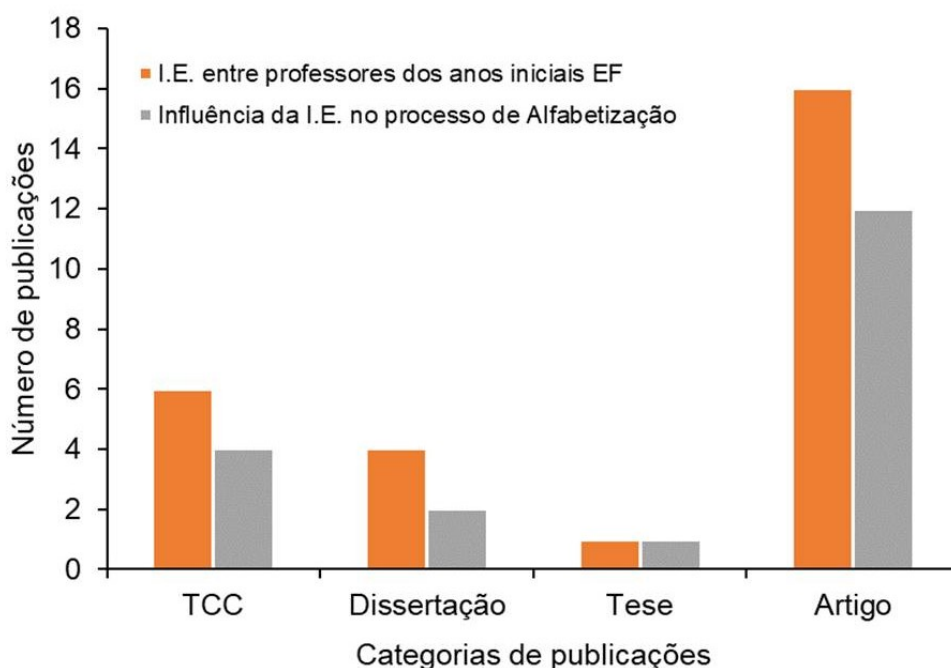
Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Mais de 70% dos textos analisados são publicações científicas produzidas no Brasil. Sendo as regiões Sul e Sudeste as que mais produziram. Por Estado temos o Paraná com cinco publicações e São Paulo com quatro. Seguindo, temos o Estado da Paraíba também com quatro publicações e os Estados de Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul com três publicações cada. Os Estados do Rio de Janeiro, Ceará, Rio Grande do Norte, Distrito Federal e Goiás complementam com duas publicações cada e, para finalizar, o Estado do Mato Grosso com uma publicação. Mesmo não sendo alvo da discussão aqui pretendida pontuamos em nosso levantamento que 28,2% dos trabalhos encontrados nesse intervalo (2010-2020) foram realizados por instituições de ensino superior fora do país, como em Portugal (15,2%), EUA (4,3%) e outros países (8,7%). Entretanto, a porção da literatura analisada neste estudo retrata a necessidade de mais pesquisas como mencionado por Gonzaga e Monteiro (2011).

Das 46 produções analisadas, uma quantidade significativa delas - 30 publicações - discorrem especificamente sobre a Inteligência Emocional sendo trabalhada em professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 22 publicações referem-se a influência da Inteligência Emocional no processo de Alfabetização, o que se enquadra diretamente com o tema central desta pesquisa, sendo que apenas 13 discutem a Inteligência Emocional no contexto educacional de forma geral, sem especificar o contexto da Educação Básica ou do processo de Alfabetização.

Vale ainda ressaltar que 34 das 46 publicações são discussões teóricas a respeito dos conceitos da Inteligência Emocional aplicados à Educação (Gráfico 3). Vale ressaltar que o quantitativo de publicações da categoria de artigos científicos destaca-se frente às outras categorias. Isto pode estar relacionado ao desmembramento das categorias mais complexas como Teses e Dissertações que acabam, englobando uma gama maior de descobertas e conhecimento.

Gráfico 3: Como o conhecimento da Inteligência Emocional no processo de alfabetização brasileira vem sendo estudado e construído.



Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Uma informação importante que é interessante destacar aqui é que das publicações excluídas por conta do critério do recorte temporal estabelecido (2010 a 2020), quatro delas foram publicadas em 2021 justamente devido ao cenário pandêmico mundial causado pela COVID-19 que se instalou no Brasil no início de 2020. Nesse contexto pandêmico, podemos destacar a necessidade inadiável de discutir a inteligência emocional em vários segmentos sociais, principalmente na educação. Vale destacar que esta crise sanitária ocasionou perdas, sofrimentos e nos obrigou a um distanciamento social que muito afetou a saúde mental e emocional das pessoas, as relações sociais e os processos de ensino e aprendizagem (PRADO 2021; SANTOS et al., 2021). Por essa razão encontramos um número crescente de publicações envolvendo essa temática no ano de 2021, publicações estas que trazem discussões relevantes e atualizadas sobre a Inteligência Emocional direcionadas à educação e ao processo de alfabetização.

As cinco categorias utilizadas para avaliar a Inteligência Emocional, segundo (GOLEMAN, 2012) são: empatia, autoconhecimento, autorregulação, motivação e habilidades sociais. Cada uma dessas categorias exerce significativa influência nas decisões da vida, no desenvolvimento das relações sociais e no processo de aprendizagem.

Todas essas categorias estão presentes no momento da aprendizagem e podem interferir - positiva ou negativamente - nos mecanismos psicológicos e cognitivos necessários para que ela aconteça. Com o observado nos textos avaliados neste estudo utilizamos as categorias propostas por Goleman e adicionamos habilidades que podem exercer influência no processo de alfabetização (Figura 2).

Figura 2: Categorias da Inteligência Emocional adaptadas de (Goleman, 1995) e seus aspectos para os avanços da Inteligência Emocional na alfabetização brasileira na última década.



Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

### 5.3 CONSIDERAÇÕES

O presente estudo analisou diferentes categorias de publicações com o intuito de responder a questão norteadora inicial da pesquisa a respeito da importância das habilidades emocionais no contexto educacional. Em especial no processo de formação dos professores que atuam na Educação Básica e no processo de Alfabetização no Brasil.

Com isso após a análise da literatura e dos dados aqui apresentados torna-se relevante que se faça um esforço para a implementação, reflexão e conscientização não somente entre professores e estudantes, mas sim com todos os envolvidos no processo educacional.

De fato, as habilidades emocionais influenciam de maneira significativa o processo de ensino e aprendizagem, além de contribuir para a formação de cidadãos mais empáticos e conscientes de suas próprias emoções. Além disso, os benefícios de tais habilidades podem e devem ser disponibilizados a toda a comunidade de modo a auxiliar em suas relações e decisões cotidianas.

Apesar de constatar, no decorrer da pesquisa, a necessidade de mais estudos relacionando a Inteligência Emocional com o desenvolvimento do processo de Alfabetização, as amostras encontradas corroboram com a ideia de que desenvolver habilidades de Inteligência Emocional entre estudantes e educadores é uma necessidade atual e urgente, assim como o ensino e a aprendizagem dos conteúdos escolares.

## 6 CAPÍTULO 4 - O PRODUTO EDUCACIONAL ALFAEMOÇÃO: AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM PARA DESENVOLVER A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM ALFABETIZADORES

Ao ingressar no ambiente formal de ensino, observa-se que o processo de Alfabetização torna-se um tanto quanto desafiador para todos os envolvidos - para a criança, para a professora e para a família - em diferentes realidades e contextos sociais, pois exige das pessoas um certo tipo de relação, de interação, de troca que muitas vezes influencia significativamente no sucesso desse processo.

Primeiramente, é importante compreender conceitos como afetividade, emoção e sentimento no processo de construção das relações na perspectiva do desenvolvimento humano. Acreditamos que, compreender como se originam esses processos, pode auxiliar na identificação dos aspectos subliminares na construção das relações do professor com seus alunos. (...) a compreensão de como se estabelecem as relações socioafetivas entre professor e aluno e de como o professor concebe e conduz suas práticas pedagógicas mediadas pela qualidade dessas relações, do sentimento que nutre pelos alunos e pelas expectativas dele acerca dos processos de aprendizagem. (GOMES, 2015. p.20)

Sabendo que o processo de Alfabetização por si só, naturalmente já envolve uma grande carga emocional de todos os envolvidos, pois é um processo de intensa interação entre alfabetizador e alfabetizando, um processo de troca e sem dúvida de muitas emoções (ANTUNES, 2000; QUEIROZ *et al*, 2021). Considerar a alegria e satisfação de ambos diante da descoberta de uma palavra nova é tão importante quanto respeitar o medo de tentar e de errar, que é tão comum no início desse processo. Assim como a raiva ou a frustração que afloram quando não se consegue decodificar um grafema, reconhecer seu traçado, identificar um som e ler, além da ansiedade em aprender logo, em acertar e em alcançar as expectativas dos outros (BOHRER e VARGAS, 2021; ABED, 2016; ALMEIDA; MENEZES, 2021).

Mas, quando falamos no contexto da Educação no Brasil, é impossível não comentar sobre as condições emocionais em que muitos educadores trabalham, nas diferentes realidades escolares do país. Não é difícil reconhecer que os professores são os profissionais que mais sofrem com a desvalorização e o

desrespeito da sociedade com a classe, com a falta de estrutura em muitos ambientes de trabalho, com a escassez de recursos e de condições adequadas de trabalho em muitas escolas. Mesmo antes do isolamento social da pandemia do novo coronavírus – a COVID-19, já se tinha conhecimento de tal realidade.

Além disso, muitos professores brasileiros sofrem, principalmente, com a sua própria falta de Inteligência Emocional para lidar com todos os desafios diariamente. Afora as dificuldades específicas do ato de ensinar. Sofrimento este que se transforma em problemas de saúde, problemas emocionais e transtornos psicológicos motivados pelo exercício da profissão. Para muitos estes problemas são tão graves a ponto de tornarem-se patológicos e afastar o profissional de suas atividades laborais devido ao desgaste de sua saúde mental e emocional, como Transtorno de Ansiedade, Síndrome do Pânico e Depressão. E então, o que fazer para minimizar os problemas desse profissional tão essencial na construção de uma sociedade?

Neste contexto, o objetivo deste estudo foi descrever o processo de criação e elaboração de um *site* como um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) para ampliar o conhecimento e desenvolvimento da Inteligência Emocional, com foco na Educação Básica, aqui especialmente no período da Alfabetização.

Pois, *“a alfabetização é entendida como um dos primeiros passos no ensino fundamental das séries iniciais e de extrema importância para relações sociais”* e *“o professor é entendido como alguém que não é apenas mediador de saberes, mas como uma pessoa que sente”* (GOMES, 2015).

De modo geral, este ambiente de aprendizagem visa possibilitar maior interatividade com os conceitos e categorias da Inteligência Emocional, otimizando a compreensão da temática na Educação Básica. Deste modo, foram criadas e disponibilizadas ferramentas para o ensino, empregando as metodologias ativas congregadas aos recursos digitais.

## 6.1 METODOLOGIA

O presente Produto Educacional foi pensado inicialmente como um curso de formação profissional destinado a capacitação docente sobre Inteligência Emocional para professores Alfabetizadores que atuam em instituições formais de Ensino da Educação Básica. Assim como define o Grupo de Trabalho da Produção Técnica da CAPES (2019):

### 4- Curso para Formação Profissional

Definição: conjunto de conteúdos estabelecidos de acordo com as competências requeridas pela formação profissional, em conformidade com os objetivos do Programa de Pós-Graduação.

Natureza: a) oferta regular: oferta contínua e integrada às atividades das Instituições envolvidas com o processo da pesquisa [...]

Exemplos: a) Formação contínua para profissionais com vínculo institucional. (2019, p.38 e 39)

Porém, em virtude do cenário pandêmico, em que as atividades educacionais presenciais foram temporariamente suspensas e com ela a crescente necessidade de utilização das ferramentas tecnológicas na educação avançaram exponencialmente, sentiu-se a necessidade de reformulamos a proposta inicial do curso transformando-o em um recurso pedagógico tecnológico mais acessível ao maior número de pessoas, ultrapassando os limites físicos impostos pela pandemia.

A pandemia do Coronavírus (Covid-19) que se alastrou a nível mundial, impactou a sociedade brasileira, exigindo-nos isolamento social rígido como método de controle e diminuição de infecções. Nestas circunstâncias, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com a finalidade de redução dos níveis de contágio, orientou o encerramento das aulas em escolas e universidades, afetando mais de 90% do público discente global (UNESCO, 2020). A pandemia, definida como a maior interrupção da aprendizagem da história (UNESCO, 2020), trouxe a paralisação das atividades em salas de aula para quase 1,6 bilhão de estudantes em mais de 190 países.

Assim, todas as Instituições de Ensino obrigaram-se a interromper suas atividades presenciais e adequarem-se a atendimentos remotos, readaptando seu processo educativo. Na conjuntura, a aprendizagem dos educandos passou a depender sobremaneira do acompanhamento e mediação familiar.

Neste contexto, milhares de crianças que estavam adentrando no universo da leitura e da escrita passaram a desenvolver

suas atividades na ambiência domiciliar, contando com o auxílio pedagógico profissional apenas de forma remota. Para Freitas, Almeida e Fontele (2021), muitas foram as transformações no fazer docente diante da nova realidade, além de desafiador, causou estranheza e inquietações para os profissionais. (QUEIROZ *et al.* 2021)

Diante deste contexto, o Produto Educacional Técnico Tecnológico proposto vai além de um curso, transformando-se em um AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem - um *site* intitulado **AlfaEmoção**. O desenvolvimento deste ambiente de aprendizagem origina-se da pesquisa desenvolvida para a elaboração da dissertação intitulada “*A Importância da Inteligência Emocional no processo de Alfabetização para o desenvolvimento das futuras gerações pós-pandemia*”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente (MECSMA) do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA).

Inicialmente, entende-se que ambientes de aprendizagem são espaços constituídos por salas, mesas, cadeiras, materiais didáticos e sujeitos que interagem no processo de ensino e aprendizagem dentro de um determinado tempo e espaço.

Porém, atualmente, com os avanços da tecnologia e da sociedade é perfeitamente possível afirmar que a aprendizagem não acontece apenas dentro da escola. Ela transcende o espaço físico da sala de aula e o tempo delimitado das aulas. Hoje em dia, a Educação pode ser feita através de outros tipos de ambientes, o que tem contribuído fortemente para a ressignificação do termo ambientes de aprendizagem, passando a concebê-los como vários cenários, contextos e culturas em que as pessoas aprendem, indo muito mais além de um mero espaço físico.

O termo ambientes de aprendizado é frequentemente usado como sinônimo de modalidade de aprendizado, referindo-se a modalidades presenciais, virtuais ou híbridas de ensino. Cada tipo de modalidade implica uma série de valores sobre o que é esperado do professor, do aluno, das relações e do processo de aprendizagem. No entanto, há quem considere que os ambientes de aprendizagem estão mais relacionados ao paradigma após o planejamento das aulas do que à própria modalidade.

Sabendo que “*na escola, como em qualquer outra instância social, o indivíduo está presente como pessoa completa, sujeito de conhecimento, sujeito de afeto*”, como afirma GOMES (2015), e baseado nos estudos de Bohrer e Vargas (2022), que salientam que o desenvolvimento da Inteligência Emocional entre

estudantes e educadores é uma necessidade atual e urgente (AMARAL, 2015; CASTRO, 2020) e que, comprovadamente tais habilidades podem proporcionar maior sucesso no processo de ensino e aprendizagem, não somente dos conteúdos escolares.

Deste modo, foram criadas e disponibilizadas ferramentas para o ensino, empregando as metodologias ativas congregadas aos recursos digitais. Pois, na prática, estas ferramentas têm mostrado resultados satisfatórios no desenvolvimento dos estudantes em processos de reflexão, generalização e cognição (LEITE et al., 2018), uma vez que buscam potencializar os princípios de autonomia, desenvolver estratégias de ensino crítico-reflexivas e impulsionar o dinamismo nas relações entre professor e estudante (BERBEL, 2011).

Partindo desse pressuposto, a ideia do *site* é que ele seja uma ferramenta que o professor possa acessar com facilidade em diferentes momentos do dia, visto que pode ser acessado pelo celular, que é hoje o principal meio de comunicação das pessoas.

Com isso, o presente produto educacional possui caráter inovador de médio teor, pois apresenta “*uma combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos*” (2019) sobre a Inteligência Emocional e sobre o processo de Alfabetização, trazendo a proposta de unir as áreas do conhecimento – saúde e educação – sendo perfeitamente possível e viável a sua replicabilidade, uma vez que trata-se de um *site* que ficará disponível na internet, dada a facilidade com que se pode utilizar a fim de atingir os objetivos específicos para os quais foi desenvolvida, apresentando assim uma abrangência elevada.

O Produto Educacional Técnico Tecnológico (PETT) aqui apresentado está sendo construído de acordo com os critérios de avaliação estabelecidos pelo Grupo de Trabalho da Produção Técnica da CAPES (2019). E além de atender às exigências de distanciamento social impostas pela pandemia, criar um *site* na internet hoje em dia é a estratégia mais viável e menos dispendiosa para alcançar o maior número de pessoas, principalmente considerando o perfil de educador que temos hoje: conectado nas redes sociais e consumidor de conteúdo virtual educativo que seja prático, rápido e criativo.

A proposta do *site* sustenta-se, pois, além de ser uma ferramenta pedagógica, é também um local onde o professor pode buscar apoio, motivação, inspiração, esperança e ideias para trabalhar em si mesmo as habilidades emocionais necessárias para o seu bem-estar e com isso conseguir desenvolver a sua Inteligência Emocional e assim levar para a sua sala de aula esses conhecimentos dentro de si para que use-os em seu dia a dia a seu favor e a favor de um ensino e conseqüentemente de uma aprendizagem mais prazerosa, sem tantos conflitos emocionais, traumas e frustrações, mostrando para seus aprendentes que é possível utilizar nossas próprias emoções para aprender e ensinar.

De acordo com o Grupo de Trabalho da Produção Técnica, *“tecnologia é a aplicação de conhecimentos científicos, técnicas e expertises usados para criar soluções transformadoras, na forma de produtos, processos ou serviços”*. Logo, entende-se que o produto educacional descrito é um produto tecnológico de alto impacto devido às mudanças que pode causar na vida e na saúde mental dos professores, na sua prática pedagógica e no desenvolvimento saudável das futuras gerações por meio da introdução deste na formação docente e no ambiente escolar.

A partir daqui descreve-se todas as etapas de criação e elaboração do produto em cinco tópicos seguidos desde a coleta de dados inicial até sua avaliação.

### **6.1.1 DIAGNÓSTICO INICIAL**

Como ponto de partida com o intuito de adquirir uma base de dados inicial que pudesse servir de referencial para conduzir os estudos e orientar a elaboração do produto, assim como para estabelecer um comparativo entre o início e o decorrer do processo, divulgou-se na inauguração desta pesquisa o primeiro instrumento de coleta de dados, um Questionário Diagnóstico com o objetivo de coletar informações prévias sobre o nível de compreensão e aplicações dos conceitos sobre a Inteligência Emocional na formação docente e no processo de Alfabetização para

direcionar a pesquisa rumo ao encontro de fundamentações científicas para essa prática.

Este primeiro Questionário Diagnóstico foi elaborado eletronicamente através do *Google Forms* que é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas e seu *link* de acesso foi compartilhado entre os participantes por meio de mensagem de celular pelo aplicativo *Whatsapp*.

Neste primeiro Questionário Diagnóstico, composto de 13 perguntas objetivas - todas de múltipla escolha - divididas em duas sessões, buscou-se a princípio sondar na primeira sessão sobre o perfil sociodemográfico do público alvo a ser atingido, como gênero e idade. Em seguida as perguntas foram direcionadas para traçar o perfil profissional dos participantes como a formação acadêmica, tempo de experiência incluindo o segmento e a rede de ensino em que lecionam.

Para completar a primeira sessão deste questionário indagou-se a respeito das principais dificuldades enfrentadas pelos professores nas diferentes realidades educacionais encontradas de acordo com a vivência de cada um onde, somente nesta questão, o participante poderia marcar mais de um item e, se julgasse necessário, acrescentar outros pontos que dificultam a sua prática.

Já na segunda seção do Questionário Diagnóstico, os questionamentos foram especificamente direcionados ao nível de conhecimento, clareza e entendimento que esses profissionais têm sobre o conceito de Inteligência Emocional e sobre a importância e necessidade do conhecimento desse conceito para sua prática docente. Perguntou-se ainda se nas escolas em que trabalham existe algum tipo de programa específico para desenvolver a Inteligência Emocional entre os professores e entre as crianças. Buscou-se analisar também a opinião dos professores sobre a influência da Inteligência Emocional no processo de ensino e aprendizagem e mais precisamente no processo de Alfabetização, tanto com os professores, quanto com as crianças e as famílias.

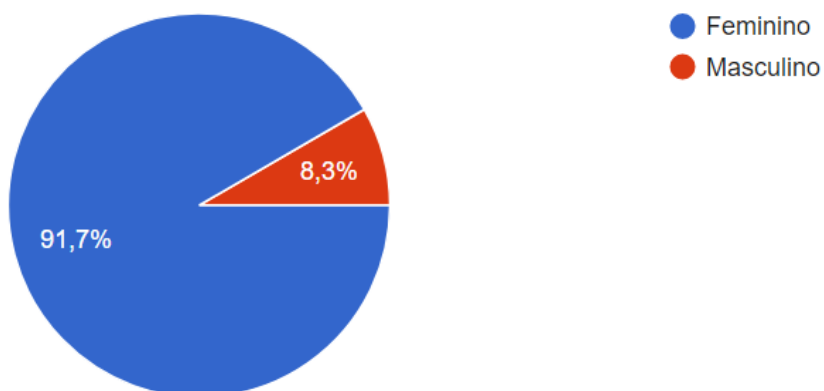
Com este primeiro Questionário Diagnóstico, obteve-se os seguintes resultados: à época, 12 pessoas responderam ao questionário, sendo em sua

maioria mulheres - apenas 1 homem (Gráfico 4) - com idades entre 19 e 55 anos (Gráfico 5).

Gráfico 4: Perfil sociodemográfico das pessoas que participaram do Questionário Diagnóstico.

- Perfil Sociodemográfico

12 respostas

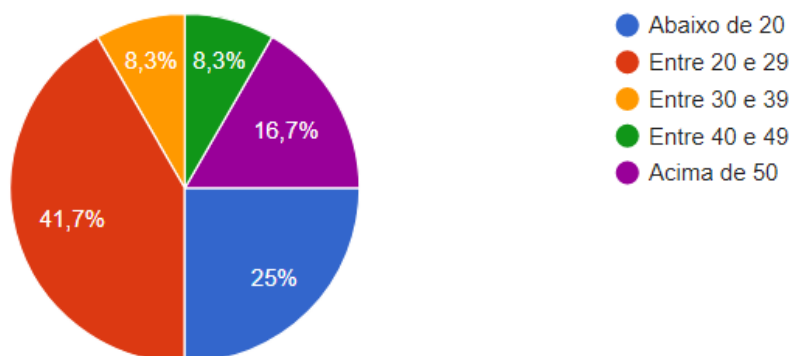


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Gráfico 5: Faixa etária das pessoas que participaram do Questionário Diagnóstico.

Idade:

12 respostas



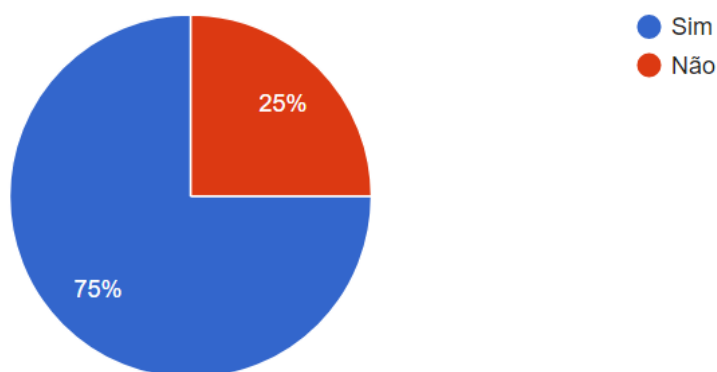
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Deste grupo 75% possuíam formação superior na área de educação (Gráfico 6), a maioria com curso de graduação em Pedagogia e outra parte em Letras. Mais da metade do grupo também já tinha alguma especialização *lato-sensu* na área (Gráfico 7).

Gráfico 6: Percentagem das pessoas que possuem Ensino Superior na área de Educação.

- Perfil Profissional

12 respostas

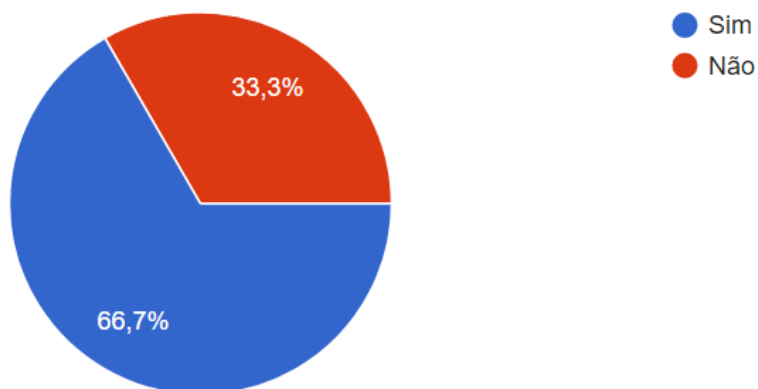


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Gráfico 7: Percentagem das pessoas que possuem curso de Especialização - Pós-graduação *Lato-sensu* na área de Educação.

2- Possui curso de Especialização?

12 respostas



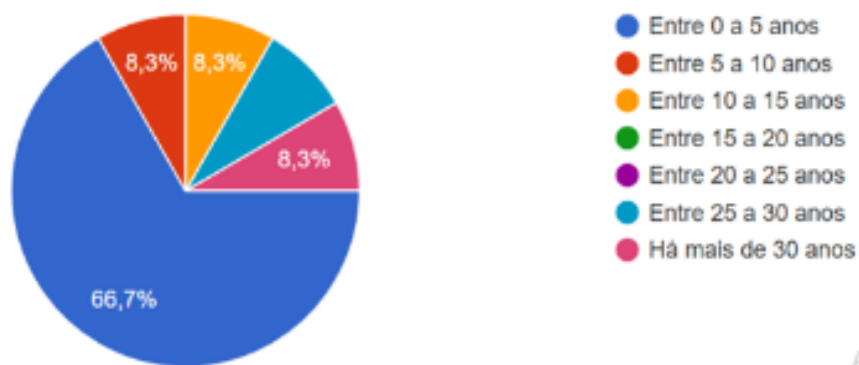
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Quanto à experiência profissional dos participantes, constatou-se que mais de 60% atua há mais de 2 anos na Educação em instituições de ensino públicas e privadas simultaneamente (Gráfico 8).

Gráfico 8: Percentual de participantes distribuídos pelo tempo de atuação nas redes públicas e privadas de ensino .

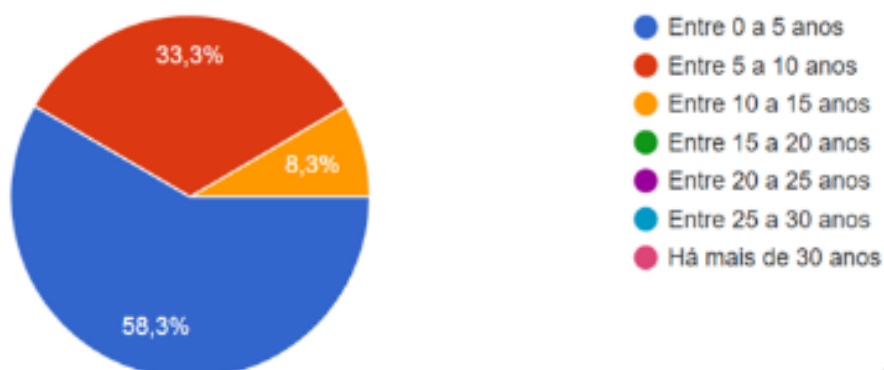
#### Há quanto tempo você atua na rede Pública?

12 respostas



#### Há quanto tempo você atua na rede Privada?

12 respostas



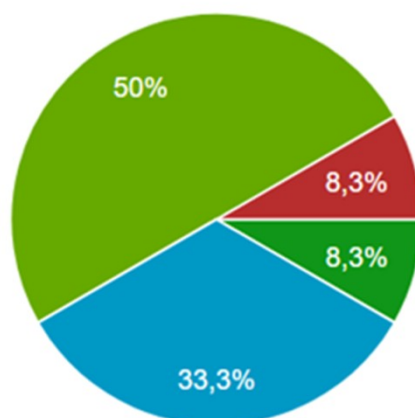
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Dentre as dificuldades enfrentadas no dia a dia das escolas as mais apontadas pelos professores foram as dificuldades específicas dos alunos com 50%, a falta de parceria e comprometimento das famílias com 33%, e a falta de reconhecimento profissional e a falta de tempo para planejar as atividades apareceram empatadas com 8% cada uma (Gráfico 9).

Gráfico 9: Dificuldades enfrentadas mais apontadas pelos professores participantes no dia a dia das escolas em que atuam.

Dentre as opções abaixo, sinalize quais seriam suas dificuldades:

12 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Cabe aqui destacar que as opções de respostas disponíveis para essa questão foram (Figura 3):

Figura 3: Lista com as principais dificuldades enfrentadas pela maioria dos professores em diferentes realidades escolares como opções de respostas a serem escolhidas pelos participantes.

- Escassez de recursos didáticos.
- Pouco incentivo e apoio por parte da escola.
- Falta de conhecimento e formação insuficiente.
- Falta de tempo para planejamento das atividades.
- Desinteresse e desmotivação dos alunos.
- Falta de parceria e comprometimento das famílias.
- Aplicar/seguir a estrutura ou modelo de ensino adotado pela escola.
- Dificuldades específicas dos alunos.
- Falta de reconhecimento profissional.
- Outros...

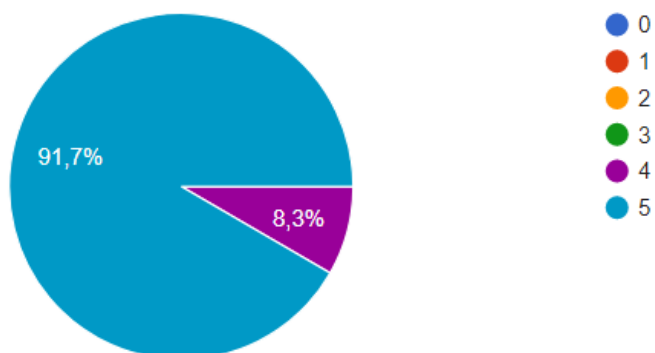
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na segunda seção do Questionário Diagnóstico, apesar de 91% dos entrevistados reconhecerem a importância da Inteligência Emocional e julgar como muito importante e necessário desenvolvê-la no ambiente escolar (Gráfico 10), apenas 58% afirmou possuir um entendimento razoável sobre o assunto (Gráfico 11) e somente 25% afirmou ter clareza do conhecimento desse conceito (Gráfico 12).

Gráfico 10: Classificação do nível de importância/necessidade que os professores participantes tem sobre o desenvolvimento da IE no ambiente escolar.

7- Você considera importante/necessário desenvolver a Inteligência Emocional no ambiente escolar?

12 respostas

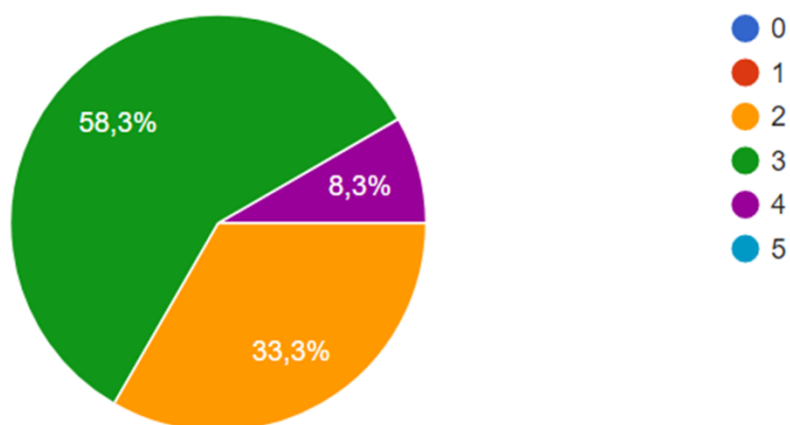


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Gráfico 11: Classificação do nível de entendimento que os professores participantes tem sobre a Inteligência Emocional.

6- Qual é o seu nível de entendimento sobre esse assunto?

12 respostas

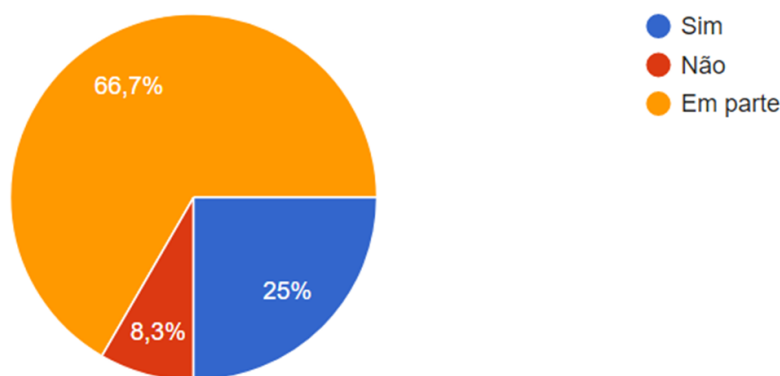


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Gráfico 12: Classificação do nível de clareza do conceito e do conhecimento da Inteligência Emocional dos professores participantes.

5- Você tem clareza do conceito e do conhecimento da Inteligência Emocional?

12 respostas



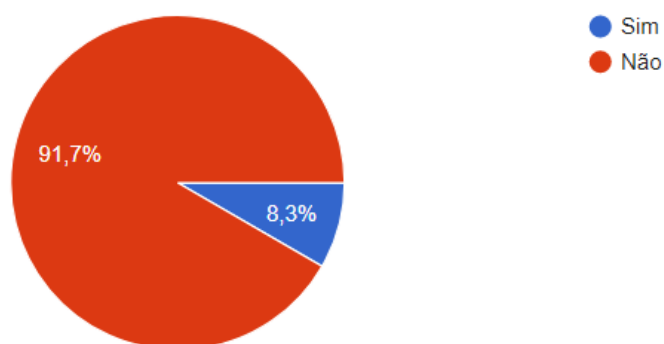
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Neste levantamento inicial, conforme o esperado, mais de 90% dos professores deste grupo constataram que nas escolas onde trabalham não existe nenhum programa especial destinado a para trabalhar/desenvolver a Inteligência Emocional entre os professores e a equipe escolar, mas que eventualmente promove ações que oferecem cursos de formação continuada para capacitar os professores (Gráfico 13). Neste contexto, 66% dos participantes declararam que na escola que trabalham existe pelo menos uma ação intencional para desenvolver a Inteligência Emocional entre as crianças, em sua maioria realizadas em forma de oficinas e atividades pedagógicas ou através de projetos (Gráfico 14).

Gráfico 13: Quantidade de professores que responderam sobre a existência de programas para desenvolver a IE entre os docentes e a equipe escolar.

8- Na sua escola existe algum programa para trabalhar/desenvolver a Inteligência Emocional entre os professores e a equipe escolar?

12 respostas

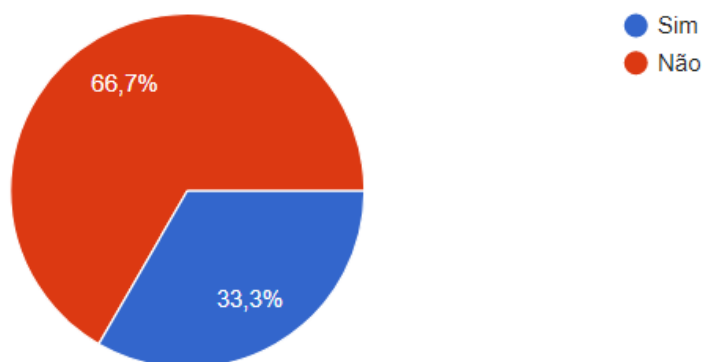


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Gráfico 14: Quantidade de professores que responderam sobre a existência de programas para desenvolver a IE entre as crianças.

9- Na sua escola existe algum programa para trabalhar/desenvolver a Inteligência Emocional entre as crianças?

12 respostas



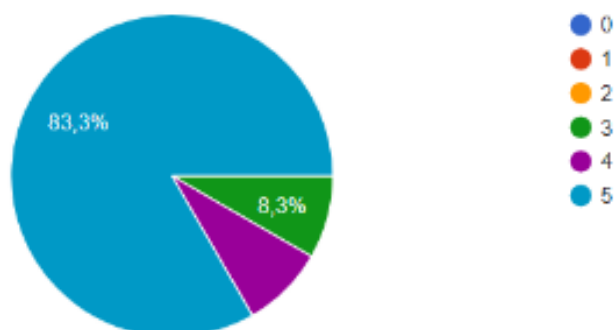
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Segundo a opinião da maior parte dos participantes que responderam ao Questionário Diagnóstico, 83% deles comprovaram que consideram muito influenciável o conhecimento da Inteligência Emocional no processo de ensino e aprendizagem e especificamente no processo de Alfabetização. A maioria deles também considera importante e necessário disseminar esse conhecimento entre as famílias, principalmente neste momento atual que estamos atravessando, sobretudo para buscar diminuir os impactos negativos da pandemia e do ensino remoto no processo de alfabetização dessa geração (Gráfico 15).

Gráfico 15: Opinião dos professores participantes sobre a influência do conhecimento da IE no processo de ensino, aprendizagem e Alfabetização.

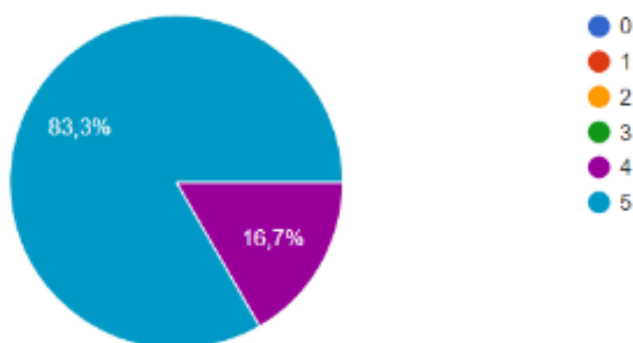
10- Na sua opinião, o conhecimento em Inteligência Emocional pode influenciar no processo ensino e aprendizagem?

12 respostas



11- Na sua opinião, esse conhecimento pode influenciar especificamente no processo de Alfabetização?

12 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A partir da aplicação e análise dos dados e informações provenientes deste primeiro Questionário Diagnóstico, que revelou com mais clareza uma visão da amostra do perfil do público alvo escolhido e suas demandas, identificou-se pontos críticos que careciam de ações. E deste modo, idealizou-se a proposta de criação de um produto como um ambiente virtual de aprendizagem em forma de *site*, possibilitando interações deste público com conteúdo disposto de forma variada.

### 6.1.2 ELABORAÇÃO DO PRODUTO

O Produto Educacional Técnico Tecnológico – o *site AlfaEmoção* – está sendo elaborado através da plataforma gratuita “*Google Sites*” disponível no próprio *Google*. Essa ferramenta é muito acessível e intuitiva, onde é possível criar sozinho seu próprio site apenas seguindo as instruções de cada aba ou recurso.

Considerando o perfil dos professores que trabalham com Alfabetização, foi criada uma personagem/avatar inspirada nas características físicas pessoais da autora – que também é professora Alfabetizadora há mais de 18 anos – com o intuito de tornar esse ambiente virtual mais lúdico possível e semelhante ao ambiente alfabetizador a que esse público já está acostumado e se identifica com facilidade. Essa personagem foi criada com o auxílio do aplicativo *Bitmoji* que também é gratuito, bem intuitivo e seu manuseio permite uma variedade de combinações seja para confeccionar o layout ou para realizar intercâmbio com outras ferramentas educacionais como vídeos, fotos e áudios o que torna o aprendizado mais dinâmico e prazeroso.

Para gravar os vídeos disponíveis no site utilizou-se apenas uma câmera de celular. Os vídeos foram previamente pensados e estruturados em roteiros didáticos com tópicos organizados em slides feitos no *Power Point*, que foram utilizados tanto como plano de fundo para as animações quanto para as apresentações dos tópicos do conteúdo nas videoaulas e nos encontros ao vivo. Para que não ficassem muito extensos, cansativos e que realmente atingissem o público-alvo de forma satisfatória, os vídeos foram gravados em um ambiente neutro, com boa iluminação

e posteriormente editados. Para editar os vídeos foi utilizado um *software* editor de vídeos pago chamado *Filmora Wondershare*, no qual é possível adicionar efeitos e animações que ilustram o conteúdo e tornam o material mais atraente.

O processo de criação e elaboração dos vídeos, dos áudios e do *site* em si passou por várias tentativas, experiências e mudanças até chegar num produto final, visto que as habilidades com o uso das ferramentas e tecnologias digitais não são a área de formação dos autores, o que demanda mais tempo e esforço para conquistar o resultado almejado.

## 6.2 RESULTADOS PARCIAIS

O site **AlfaEmoção** ainda está sendo construído, mas já é possível visualizar o processo:



Figura 4: Imagem de capa do site criada pela autora (2022).

Assim que acessar o *site*, o visitante tem a sua disposição, logo abaixo da imagem de capa, um índice do site com as denominações e os *links* de cada item ou seção.

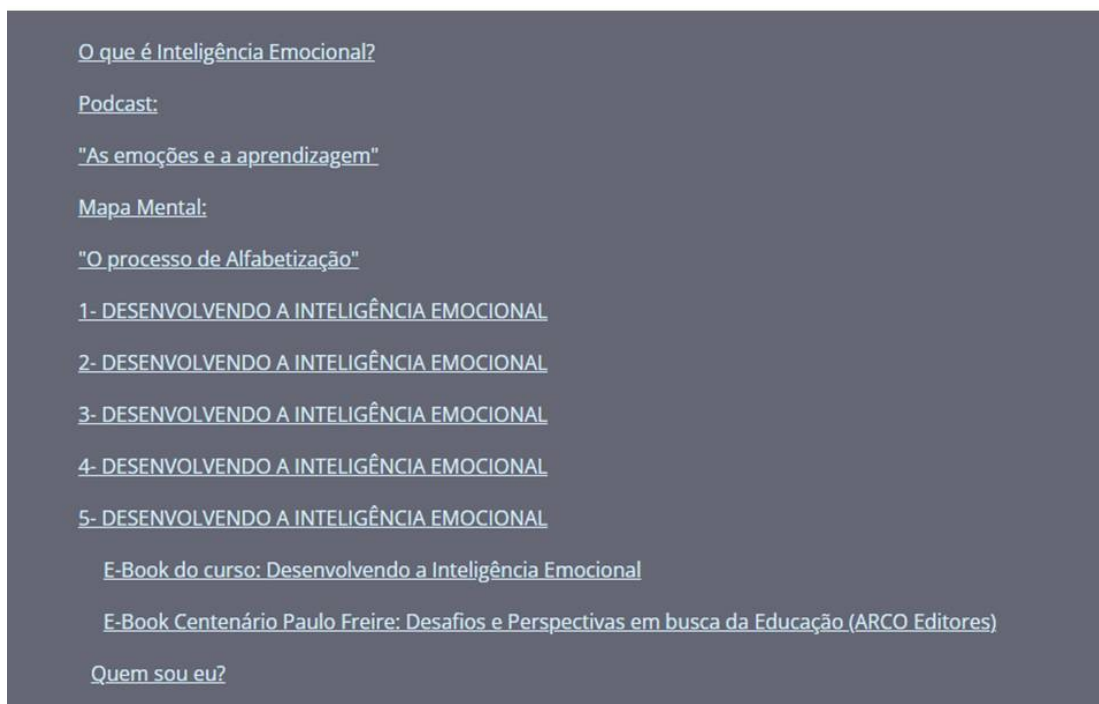


Figura 5: Índice do site criado pela autora (2022).

No site, os educadores têm acesso a várias informações relacionadas a Inteligência Emocional que vão desde o seu conceito, que é o assunto do primeiro vídeo apresentado logo no início do site para introduzir e contextualizar todo o conteúdo disponível a seguir, até sua aplicação no processo de ensino e aprendizagem da Alfabetização.



Figura 6: Primeiro vídeo do site produzido pela autora (2022).

Ao navegar pelo *site*, os professores têm acesso a textos, imagens vídeos e áudios produzidos exclusivamente para esse público, com o objetivo de enriquecer a formação docente e oferecendo recursos aplicáveis na prática, como discussões, técnicas, dinâmicas, sugestões de ideias e atividades pedagógicas voltadas para a faixa etária de escolaridade dos anos iniciais do Ensino Fundamental 1.



Podcast:

### "As emoções e a aprendizagem"

Vamos entender como as nossas emoções podem afetar o nosso processo de ensino e aprendizagem.

Ouçã o áudio e deixe seus comentários na nossa Sala dos Professores

Figura 7: Primeiro podcast do site produzido pela autora (2022).

## A Inteligência Emocional da Alfabetização

### Ei, professor! Ei professora!

Você tem ou já teve acesso aos conhecimentos sobre a Inteligência Emocional durante a sua formação?

Você faz ideia de como a Inteligência Emocional pode contribuir para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem? [Como e quando utilizar a IE na Alfabetização?](#)

Como é possível utilizar esse conhecimento como recurso pedagógico para auxiliar no processo de aprendizagem? [Como a IE pode auxiliar o professor no processo de Alfabetização?](#)

Que benefícios o desenvolvimento dessa habilidade pode agregar à sua vida, ao pelo exercício da sua profissão, e principalmente, ao processo de ensino e aprendizagem? [Quais os seriam os principais benefícios?](#)

[Quais seriam as maiores dificuldades em desenvolver a IE na Alfabetização?](#)




Figura 8: Questões norteadoras que o site pretende responder elaboradas pela autora (2022).

Como mencionado anteriormente, a proposta inicial do produto é um curso de formação profissional destinado a capacitação docente sobre Inteligência Emocional para professores Alfabetizadores, na seção a seguir o visitante tem acesso a esse conteúdo que ainda está em processo de construção, mas que já apresenta uma estrutura inicial organizada, com os objetivos do curso especificando o que os professores podem esperar deste ambiente, de forma contextualizada através de diferentes atividades acadêmicas de modo a favorecer o atendimento às expectativas e interesses dos alunos-profissionais, promovendo a reflexão e criticidade dos conhecimentos apresentados, por meio de conteúdos teórico-práticos metodologias ativas de aprendizagem.

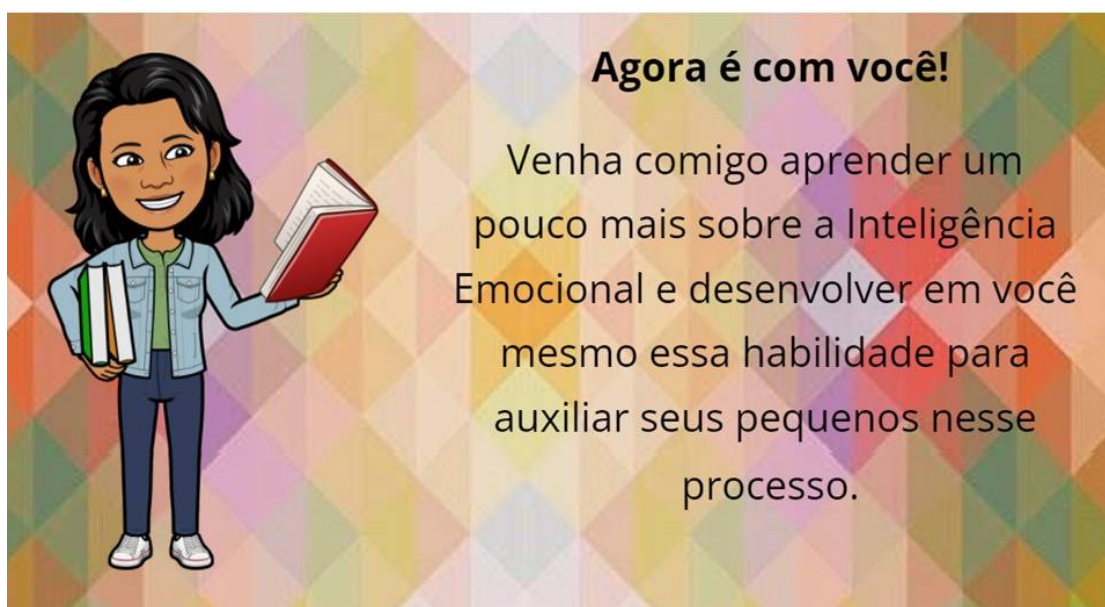


Figura 9: Abertura da seção onde o curso está disponível no *site* criada pela autora (2022).

A seção principal do site é o curso Desenvolvendo a Inteligência Emocional que está sendo montado e distribuído em 5 vídeos organizados de forma sequencial, onde o professor/visitante irá assistir, interagir e aprender mais sobre como desenvolver a sua Inteligência Emocional e como aplicá-la no seu dia a dia em sala de aula de modo a favorecer o processo de ensino e aprendizagem na Alfabetização.



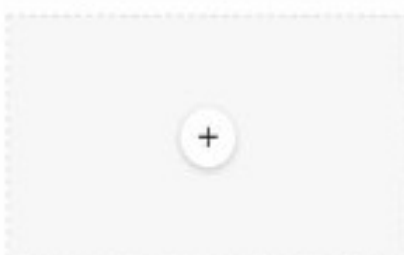
## 1- DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

AULA 1: Sentimentos e Emoções - Inteligência Emocional e suas aplicações no Ensino a partir da análise de situações reais



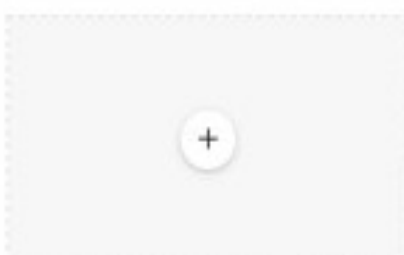
## 2- DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

AULA 2: A influência das emoções no processo de Alfabetização - O papel do professor, da escola e da família



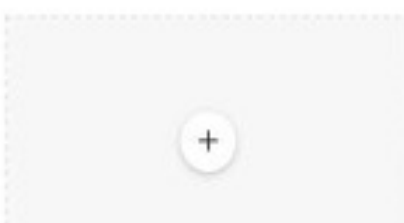
## 3- DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

AULA 3: Live com especialistas (Pedagogos, Psicopedagogos e Psicólogos) - Bate-papo sobre o tema / Relatos de experiências / Momento de troca



## 4- DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

AULA 4: Inteligência Emocional na prática - Dicas, aplicações e resultados



## 5- DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

AULA 5: Teste - Como anda a minha Inteligência Emocional em

Figura 10: Estrutura inicial do curso criada pelos autores (2022).

Cada vídeo foi planejado como uma aula com aproximadamente 5 a 7 minutos de duração, organizados da seguinte forma:

- No primeiro vídeo (Aula 1) são apresentados e discutidos os conceitos de sentimento e emoção com base em discussões teóricas de diferentes autores, já introduzindo a Inteligência Emocional e suas aplicações no Ensino a partir da análise de situações reais.
- No segundo vídeo (Aula 2) discutiremos a influência das emoções especificamente no processo de Alfabetização. Falaremos também sobre o papel do professor, da escola e da família nesse processo.
- No terceiro vídeo (Aula 3) teremos um momento especial de troca ao vivo, que é uma *live* com profissionais e especialistas - professores, pedagogos, psicopedagogos e psicólogos - para um bate-papo sobre a Inteligência Emocional no processo de Alfabetização, relatos de experiências e aprendizados.
- No quarto vídeo (Aula 4) será uma oficina prática, com demonstração de atividades, dicas, sugestões e ideias que o professor pode adaptar de acordo com a sua realidade e utilizar em sua rotina escolar.
- Para finalizar, no quinto vídeo (Aula 5) faremos um teste para saber como anda a Inteligência Emocional dos educadores em sala de aula.

Logo abaixo do curso, o professor ainda terá a sua disposição a seção Saiba Mais, onde poderá ter acesso ao e-book do curso e a outros materiais complementares, inclusive produções acadêmicas da autora, relacionados ao tema para enriquecer ainda mais seus conhecimentos no assunto.

A penúltima seção do site, chamada Sala dos Professores, será destinada a troca de idéias e experiências em que os visitantes poderão interagir entre si, com outros professores alfabetizadores e com a autora através de comentários ou relatos de experiências sobre o assunto, ou até mesmo tirar dúvidas e registrar uma crítica ou sugestão ao produto.

O professor pode deixar o link do site salvo na barra de favoritos do navegador e acessar quando quiser, pode baixar, compartilhar, salvar ou imprimir os materiais disponíveis no site, atendendo ao que diz RIZZATTI *et. al.* (2020) em seu artigo sobre produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais:

Professores e professoras podem reusar (liberdade de usar), revisar (adaptar, modificar, traduzir), remixar (combinar dois ou mais materiais), redistribuir (compartilhar) e reter (ter a própria cópia) os diferentes produtos gerados nos MP de modo crítico, adaptando-os às necessidades de suas diferentes turmas de alunos e devolvendo à sociedade novos PE num continuum (RIZZATTI *et. al.* 2020).

### 6.3 APLICAÇÃO DO PRODUTO

A aplicação do protótipo do Produto Educacional em desenvolvimento - o *site AlfaEmoção* - foi realizada remotamente por meio de uma reunião virtual através da plataforma de comunicação por vídeo chamada *Meet* disponível no *Google* com uma pequena amostra de pessoas pertencentes ao público alvo a que este produto se destina. Os participantes convidados para esse momento receberam com antecedência o convite e o *link* de acesso à reunião através de contato prévio realizado pelo celular por meio do aplicativo de mensagens *Whatsapp*.

O encontro *online* aconteceu seguindo um roteiro previamente estruturado e planejado pela autora. Para a ação utilizou-se o compartilhamento de *slides* feitos no *Power Point* com os principais tópicos sobre o assunto e imagens ilustrativas para contextualizar e atingir o público alvo escolhido.

Estiveram presentes nesse encontro um grupo de 13 professoras de uma escola privada de Ensino Fundamental e Médio que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental 1, diretamente envolvidas com o processo de Alfabetização. Todas foram esclarecidas que sua participação era espontaneamente livre, voluntária, não remunerada e sem qualquer vínculo com a instituição de ensino onde trabalham, para que não se sentissem pressionadas nem obrigadas a participar.

O grupo participante é totalmente composto por mulheres com idade entre 20 e 56 anos, que estão há pelo menos 2 anos na Educação. Quase a metade do grupo trabalha em dois turnos - ou na mesma instituição lecionando no Ensino Fundamental 2 ou exercendo outra função como auxiliar, mediadora e coordenadora, ou lecionam na rede pública municipal, ou ainda dão aula particular em casa como forma de complementação de renda - sendo que 4 delas também são mães. As profissionais mais experientes deste grupo já atuam na Educação há mais de 15 anos como professoras regentes em sala de aula e/ou exercendo outras funções dentro do ambiente escolar.

Todas possuem formação na área da Educação sendo 7 com graduação em Pedagogia (1 ainda está cursando), 3 com graduação em Letras e 1 ainda está cursando a graduação em Psicologia. Completando o grupo, 2 professoras atuam apenas com a formação de nível médio do Curso Normal (Magistério) sendo que uma delas concluiu o Ensino Superior em outra área das Ciências Humanas (Recursos Humanos) e a outra por enquanto ainda não ingressou no Ensino Superior. Das profissionais com formação na área da Educação, pelo menos a metade possui especialização por meio de curso de pós-graduação *lato-sensu* em Psicopedagogia e uma delas com especialização em Língua Inglesa.

As informações sobre o perfil do grupo participante foram coletadas através de um bate-papo informal realizado minutos antes do início da reunião, enquanto

aguardávamos o ingresso de todas para iniciar, onde cada uma se apresentou brevemente e falou um pouco sobre si - visto que a maioria do grupo já se conhecia por trabalharem na mesma escola - com o objetivo de deixá-las mais à vontade para participar. Algumas se pronunciaram oralmente, outras preferiram escrever utilizando o *chat* da reunião e outras, porém, se mantiveram quietas nesse momento.

A reunião iniciou-se com um momento de acolhimento e sensibilização utilizando imagens ilustrativas que representam cenas e situações cotidianas ocorrem diariamente nas mais diversas salas de aula, e as participantes tiveram a oportunidade de refletir, interagir e fazer alguns comentários sobre elas. Logo após esse momento introdutório foi feita a explicação da pesquisa com demonstração dos resultados alcançados até então, juntamente com a discussão do conceito da Inteligência Emocional e a importância de se tratar essa pauta no processo de Alfabetização.

Prosseguiu-se o encontro com a apresentação do protótipo do Produto Educacional proposto, onde as convidadas tiveram a oportunidade de conhecer, em primeira mão, o *site AlfaEmoção*. A princípio por meio de *prints* da tela do site apresentados no compartilhamento de tela da reunião, onde foi possível exibir todas as sessões do site, os primeiros materiais produzidos disponíveis em cada sessão assim como explicar cada etapa e como tudo foi construído e desenvolvido.

Para finalizar, as envolvidas foram convidadas a participar da parte prática da aplicação com o objetivo de experienciar, executar e testar o produto. Neste momento todas receberam um *link* provisório para navegarem livremente pelo site *AlfaEmoção* e conhecerem as ferramentas e os primeiros recursos oferecidos no produto como assistir os vídeos, ouvir o podcast e ler os textos. O acesso provisório ao *site* foi feito em tempo real pela autora que, utilizando o e-mail pessoal de cada uma, compartilhou o *link* pelo *Whatsapp* para que elas pudessem acessar também pelo celular - e não apenas pelo computador -, visto que a maioria estava participando da reunião naquele momento pelo celular.

Feito isso, a reunião foi encerrada minutos antes de completar uma hora de duração - que é o tempo mínimo de cada reunião no Google Meet. Também foi

necessário encerrar para que as participantes pudessem acessar ao *site* com tranquilidade sem sobrecarregar o aparelho com mais de um programa aberto sendo executado simultaneamente e, também, por conta do sinal da internet, que oscila bastante dependendo da localização de cada uma e em alguns momentos falhava e travava a reunião sendo necessário reiniciar a apresentação.

O *link* provisório para acesso ao *site* ficou disponível para o grupo participante durante 7 dias para que todas tivessem tempo hábil suficiente para acessar e experimentar o conteúdo desenvolvido no *site*, possibilitando assim uma maior participação e oportunidade para que cada uma pudesse analisar o produto com calma e elaborar suas próprias opiniões sobre a ferramenta apresentada.



Figura 11: Print da tela feito ao final do encontro pela autora como forma de registro da aplicação do produto.

Durante o momento da aplicação do produto, algumas professoras manifestaram interesse em utilizar o *site* como ferramenta pedagógica em sua prática. Algumas fizeram questão de registrar suas opiniões sobre a experiência, escrevendo no *chat* da reunião e no grupo do *Whatsapp*: “Achei muito interessante e criativo!”, “Excelente! Esse é um tema importantíssimo que precisa ser

*trabalhado!”, “Achei incrível! Me fez refletir sobre várias ações!”, “Nossa, não imaginava que seria um site. Muito legal! Uma ideia muito boa!”*

### **6.3.1 AVALIAÇÃO DO PRODUTO**

Após um período de navegação, todas as voluntárias foram convidadas a responder um Questionário de Avaliação do Produto como parte indispensável da participação delas com o intuito de obter críticas, comentários, sugestões e contribuições que julgassem pertinentes e que certamente aperfeiçoarão o produto.

O Questionário de Avaliação do Produto também foi elaborado eletronicamente através do *Google Forms* e seu *link* de acesso também foi enviado para as participantes por meio de mensagem pelo aplicativo *Whatsapp*.

O instrumento utilizado contém 15 questões, sendo 11 questões de múltipla escolha seguindo uma escala crescente de 1 a 5, onde o número maior equivale a melhor nota a ser dada para cada critério avaliado e as últimas 4 questões são discursivas. As perguntas do questionário procuram investigar a opinião das participantes quanto à aderência, ao acesso, à aplicabilidade e replicabilidade, à contextualização, à representação do tema, ao impacto potencial social e ao ensino, à abrangência, à inovação e à complexidade quanto à estrutura do produto.

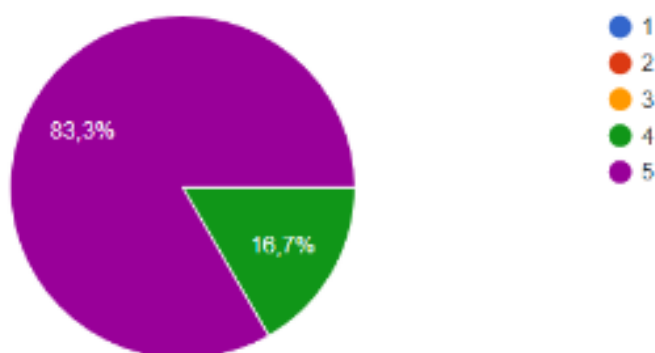
A partir das respostas obtidas neste questionário avaliativo, realizou-se a análise dos dados e o tratamento das informações coletadas, onde obteve-se os seguintes resultados: das 13 pessoas que participaram da aplicação do produto, somente 06 (seis) participantes responderam ao Questionário de Avaliação. Das pessoas que avaliaram 100% julgaram o produto como Excelente quanto à aderência, ao acesso, à aplicabilidade e replicabilidade, quanto à contextualização e representação do tema.

Quanto ao impacto potencial do produto apresentado ao ensino e social, 83,3% das participantes consideram o produto com pleno impacto e 16,7% avaliaram o produto com alto impacto. Isso significa que, segundo a opinião dessa amostra do público alvo, o produto educacional pode promover mudanças potencialmente significativas no processo de ensino e aprendizagem no sistema de ensino e no ambiente social impactando e fortalecendo o desenvolvimento da Inteligência Emocional entre os professores Alfabetizadores e conseqüentemente o contexto social do discente, a partir do momento em que assimila criticamente o conteúdo proposto favorecendo e contribuindo para a formação de agentes transformadores da sociedade.

Gráfico 16: Avaliação do impacto potencial do PETT no ensino e do impacto potencial social.

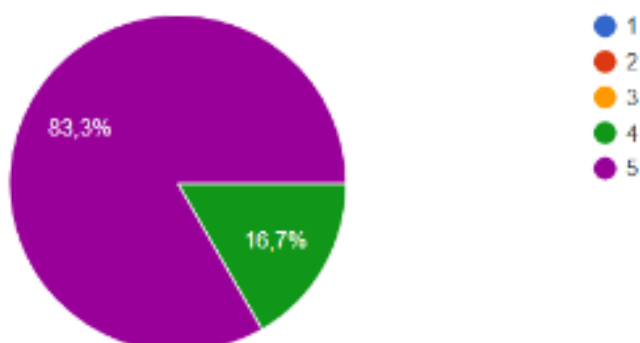
Considerando estes critérios, como você avalia o quesito **impacto potencial no ensino?**

6 respostas



Considerando estes critérios, como você avalia o quesito **impacto potencial social?**

6 respostas



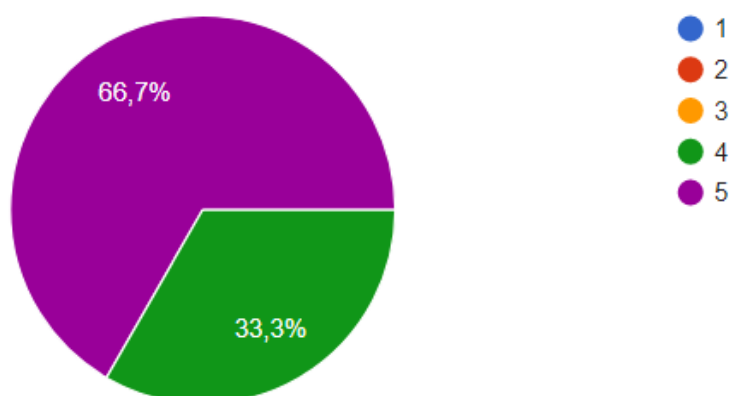
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

No quesito abrangência territorial, 66,7% do grupo avaliou o produto com potencial abrangência internacional, ou seja, que pode alcançar vários países em qualquer localidade. E 33,3% do grupo considera que o produto apresenta potencial abrangência nacional, pois pode alcançar todo o país em diversas realidades, respeitando a cultura e as tradições locais.

Gráfico 17: Avaliação da abrangência territorial e alcance do PETT.

Como você avalia o quesito **abrangência territorial**?

6 respostas



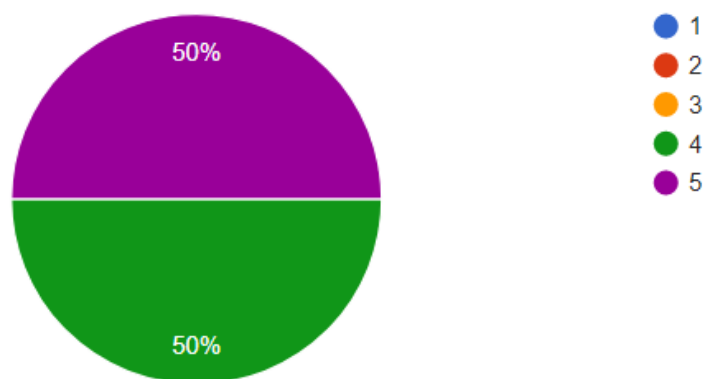
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Das respostas obtidas neste instrumento avaliativo, metade das pessoas consideram o produto totalmente inovador e a outra metade o consideram com alto teor de inovação, visto que a demonstração do produto foi realizada por recursos dinâmicos e a apresentação do conteúdo em formato original associando-o a uma ferramenta amplamente difundida no ensino.

Gráfico 18: Avaliação do teor de inovação do PETT.

Como você avalia o quesito **inovação**?

6 respostas



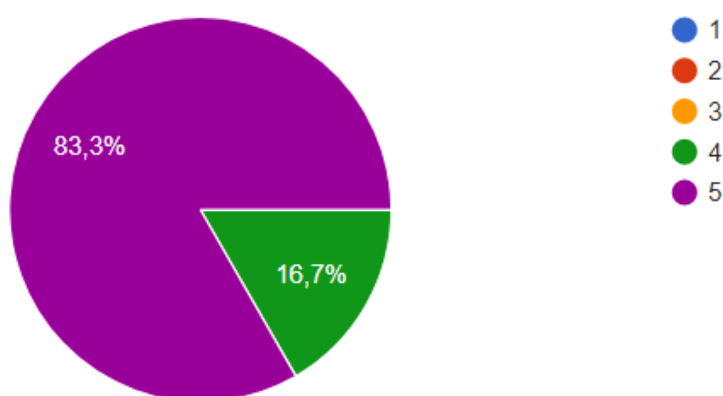
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Em relação à forma de elaboração e desenvolvimento do produto no sentido estrutural, analisando a sua dimensão adequada à prática profissional do docente, a maioria das entrevistadas avaliaram o produto sem complexidade, pois o acharam simples, claro e adequado ao uso. Enquanto que menos de um quarto acharam que o produto apresenta baixa complexidade pois sua estrutura está pertinente à prática profissional e ao uso pelos discentes.

Gráfico 19: Avaliação da complexidade da estrutura do PETT.

Como você avalia o quesito **complexidade quanto a estrutura?**

6 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Nas quatro últimas perguntas subjetivas deste questionário, as participantes tiveram que escrever suas respostas expressando suas opiniões sobre o produto educacional em pauta.

Nesta fase, todas responderam positivamente que utilizariam o produto como instrumento de trabalho em sua prática pedagógica, pois segundo elas *“o professor que tem como parte de seu desenvolvimento profissional a Inteligência Emocional é capaz de lidar melhor com o dia a dia escolar, o qual demanda muita paciência, atenção e sabedoria”* e *“é um tema muito importante que precisa ser abordado”*.

Todas afirmaram que com certeza indicariam este produto para outros docentes, porque *“é um assunto muito bom e valioso para os educadores”* e *“pode ser utilizado para enriquecer o trabalho de muitas pessoas”*, conforme elas responderam. E das participantes que experimentaram e avaliaram o produto educacional referido não apresentaram sugestões para melhorar ou complementar ainda mais o produto porque consideraram que o mesmo *“está bem completo e compreensível”* e que *“foi de fácil acesso e bem organizado”*.

Para finalizar a avaliação do produto, na última questão foi solicitado que cada voluntária fizesse suas considerações finais a respeito do produto de maneira livre e espontânea. Neste espaço obteve-se os seguintes comentários: *“Amei este PETT! muito bem explicado e elaborado”*; *“O tema escolhido para o desenvolvimento do projeto é essencial para o trabalho escolar. A cada ano encontramos mais desafios ao lidar com os alunos, desenvolver a inteligência emocional é uma prática que com toda certeza eleva a fluidez no processo de ensino aprendizagem, e até mesmo traz um incentivo a nós professores”*; *“Foi uma apresentação incrível que nos faz refletir sobre nossa ação como educadores”* e *“Parabéns pelo trabalho e dedicação! Um trabalho rico e tenho certeza que será bem utilizado”*.

Diante das respostas coletadas neste instrumento é possível comprovar a importância e a necessidade da utilização deste produto educacional para contribuir para o desenvolvimento da Inteligência Emocional entre professores que atuam na Alfabetização e complementar a formação docente.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de dados feita com as informações obtidas através dos dois instrumentos adotados no início e no final desta pesquisa - o Questionário Diagnóstico e o Questionário de Avaliação do Produto Educacional - e após a aplicação prática do produto foi possível delinear os resultados preliminares deste estudo que indicam que o conteúdo do Produto Educacional proposto pode sim contribuir para a promoção, o desenvolvimento e o amadurecimento da Inteligência Emocional dos professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, principalmente no período da Alfabetização, sendo uma pauta de extrema importância e necessidade na Educação atualmente.

Por ser de fácil acesso e de conteúdo livre, interativo e informativo, o Produto Educacional Técnico Tecnológico - o *site AlfaEmoção: um ambiente virtual de aprendizagem* - foi oriundo de uma pesquisa na literatura atrelada à pesquisa de campo da realidade prática dos profissionais envolvidos - o que faz com que a pesquisa tenha caráter quali-quantitativo, uma vez que combina os dois tipos de abordagens, agregando credibilidade ao estudo e ao produto desenvolvido - de maneira que realmente fosse capaz de contribuir para a transformação dessa realidade impactando positivamente os professores alfabetizadores e seu fazer docente.

Diante da análise dos dois instrumentos aplicados observou-se que as informações reveladas pelos professores nos dois momentos de coleta de dados confirmam e evidenciam o que as pesquisas bibliográficas apontam, que: a Inteligência Emocional não é um assunto totalmente desconhecido entre os professores alfabetizadores, porém eles ainda enxergam dificuldades em aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto e principalmente em torná-lo uma ferramenta prática em sua rotina diária.

Muitos educadores reconhecem suas próprias fragilidades em relação às suas habilidades de Inteligência Emocional e dos seus alunos e também sentem a necessidade urgente de desenvolver essas habilidades em si mesmos e nas

crianças para facilitar o dia a dia do processo de ensino e aprendizagem e de Alfabetização.

Logo, pode-se concluir que o Produto Educacional criado e desenvolvido até o momento é um recurso acessível, contextualizado, possivelmente replicável e que apresenta um grande impacto potencial no ensino e social. Pois, os profissionais que participaram da pesquisa demonstraram boa aceitação ao produto, gostaram de utilizá-lo e fizeram uma avaliação positiva do mesmo.

## 8 CONCLUSÃO

Pode-se concluir que este produto educacional apresenta potencial para contribuir no desenvolvimento da Inteligência Emocional em professores Alfabetizadores e que eles possam aplicar tais conhecimentos em sua prática Alfabetizadora. Além disso, pode-se ainda inferir que além da reflexão, a modificação no processo de ensino e aprendizagem atual pode contribuir, positivamente, no desenvolvimento das próximas gerações. E, desta forma, contribuir na formação de uma sociedade mais saudável mental e emocionalmente, favorecendo uma educação de qualidade que torne os indivíduos capazes de atuar conscientemente na transformação social.

## REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.** Constr. psicopedag. vol.24 no.25 São Paulo:2016.

ABREU, Diego Candido. **Contribuições de Vygotsky para o estudo das emoções: Um diálogo entre a Psicologia e a Linguística Aplicada.** Rio de Janeiro: 2017.

ALMEIDA, E. V.; MENEZES, E. N. **Alfabetização: possibilidades e limitações de práticas emergentes do ensino remoto.** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021.

AMARAL, S. M. **Promovendo a Regulação Emocional em crianças do 1º ciclo do Ensino Básico: Um programa de competências Emocionais e Sociais.** Ponta Delgada, 2015.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional: novas estratégias.** Petrópolis: Vozes, 2000

ARAUJO, Maria Angélica Antunes. **Impactos da Pandemia da Covid-19na Alfabetização de Crianças: uma revisão integrativa da literatura.** Universidade de Brasília Faculdade de Ceilândia Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. Brasília, D.F 2022

BOHRER, I. C. S; VARGAS, A. B. **Os Pressupostos de Paulo Freire para a alfabetização e a inteligência emocional: uma visão compartilhada.** In L. P. Guimarães; Almeida R. S.; Melo M. A. V. (Org).Centenário Paulo Freire: Desafios e perspectivas em busca da Educação libertadora. Santa Maria, RS. Editora Arcos. 2021. 143-154p.

BRASIL. **Produção Técnica Grupo de Trabalho.** Ministério da Educação, CAPES. Brasília, 2019. <http://www.capes.gov.br/pt/relatorios-tecnicos-dav>.

BRITO, Cleide Morais Leonaldo de. **Contribuições das Bases das Neurociências e Categorias da Psicologia Histórico-Cultural no Processo de Alfabetização.** Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2017.

CALDWELL, T. **Um pilar de ferro.** 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CASTRO, C. J. de. **Promoção da Inteligência Emocional e Regulação das Emoções de estudantes da Educação Básica: um desafio dos tempos atuais.** Bagé, 2020

D'AMARO, Paulo. **A evolução humana: de onde viemos? Para onde vamos?** 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização.** 26 ed. Coleção Questões da nossa Época, vol.6. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

FREGONESI, E.; NURMBERG, S.; SHIGUNOV, V. **Emoções: caminhos para o desenvolvimento da inteligência emocional.** In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3].

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GOMES, Jéssica Pereira. **A relação afetiva do professor com seus alunos no processo de Alfabetização: Implicações para uma concepção integrada do sujeito que ensina.** Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

GONSALVES, Elisa Pereira. LIMA, Francisca Alexandre de. **Educação, Vivência Emocional e Processo Libertador**. XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. Natal, 2017.

GONZAGA, A. R.; MONTEIRO, J. K. **Inteligência Emocional no Brasil: Um Panorama da Pesquisa Científica**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Abr-Jun 2011, Vol. 27 n. 2, pp. 225-232.

GRANDO. Katlen Böhm. **Pensando a Alfabetização a partir de contribuições das Neurociências**. Revista Acadêmica Licenciaturas. Ivoti v. 01 n. 01 p. 25-29. julho/dezembro, 2013.

GREWAL, D., BRACKETT, M., & SALOVEY, P. Emotional Intelligence and the Self-Regulation of Affect. In D. K. Snyder, J. Simpson, & J. N. Hughes (Org). **Emotion Regulation in couples and families: Pathways To Dysfunction And Health** (pp. 37–55). 2006. American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/11468-002>.

HIRATA, Cristiane Yuri. MARINHO, Renata Ribeiro. **Contribuição das Neurociências para a Alfabetização**. Revista Acadêmica Licenciaturas. Ivoti v. 7 n. 1 p. 21-26. janeiro/junho, 2019.

HOLDER, Mirna Poliana Queiroz. **Inteligência Emocional: um estudo com professores da educação básica na rede pública e na rede privada de ensino, na cidade de Porto Seguro, a partir do uso da Escala Veiga Branco**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração Instituto de Educação. Lisboa: 2017.

LEITE, D. R. **O papel da escola na apropriação da inteligência emocional**. Revista Científica Educ@ção, v. 3, n. 5, p. 605-621, 15. 2019.

LEMOS, Leila Maria Rainha. SARLO, Agna Lucia da Silva. **Efeitos da Alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19: uma revisão literária**. Revista Eletrônica Acervo Saúde. Vol.13(2) ISSN 2178-2091 DOI: <https://doi.org/10.25248/REAS.e5981.2021>

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. **Teoria das emoções em Vigotski. Psicologia em Estudo**. 2011, v. 16, n. 4, pp. 647-657.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Onde estão as pesquisas sobre alfabetização no Brasil?** Revista Brasileira de Alfabetização - ABAlf | ISSN: 2446-8584 Belo Horizonte, MG | v. 1 | n. 10 (Edição Especial) | p. 58-59 | jul./dez. 2019

MAYER, J. D., CARUSO, D. R., & SALOVEY, P. **Selecting a measure of emotional intelligence: The case for ability scales.** In R. Bar-On & J. D. A. Parker (Eds.), *The handbook of emotional intelligence: Theory, development, assessment, and application at home, school, and in the workplace* pp. 320–342. 2000. Jossey-Bass.

MILLER, G. T.; SPOOLMAN, Scott. E. **Ciência ambiental.** tradução Priscilla Lopes; revisão técnica Roberto Greco. – 3. ed. – São Paulo: Cengage Learning, 2021, 537p.

**Práticas de leitura e escrita** / Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

MOREIRA, Marco Antônio. **Subsídios Teóricos para o Professor Pesquisador em Ensino de Ciências: Comportamentalismo, Construtivismo e Humanismo. Coletânea de breves monografias sobre teorias de aprendizagem.** Porto Alegre, 2009 (1ª Ed.) e 2016 (2ª Ed.)

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados.** Revista Brasileira de Educação v.15 n. 44. Maio/Agosto. 2010 p.329-341

NETA, N. F. A.; GARCÍA, E. G.; SANTOS, I. **A inteligência emocional no âmbito acadêmico: Uma aproximação teórica e empírica.** Psicologia Argumento, 2008, 26.52: 11-22.

POCEIRO, P. B. **Inteligência Emocional: suas implicações no contexto escolar.** Educação em Foco UFJF – Vol. 5. N.º 10. P. 42. 2017

PRADO, J. A. **Educação emocional nas escolas: uma aliada balizadora no processo de ensino-aprendizagem.** Brazilian Journal of Development, 2021, 7.5: 47173-47183.

QUEIROZ, M. G. de. SOUSA, F. G. A. de. PAULA, G. Q. de. **Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização.** Revista Ensino em Perspectivas. Fortaleza, 2021.

RÊGO, Claudia Carla de Azevedo Brunelli. ROCHA, Nívea Maria Fraga. **Avaliando a educação emocional: subsídios para um repensar da sala de aula.** Página Aberta. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 135- 152, jan./mar. 2009.

RIZZATTI, I. M. MENDONÇA, A. P. MATTOS, F. RÔÇAS, G. SILVA, M. A. B. VAZ da. CAVALCANTI, R. J. de S. OLIVEIRA, R. R. de. **Os produtos e processos**

**educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores.** Actio: Docência em Ciências. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020.

ROBERTS, R. D.; FLORES-MENDOZA, C. E.; NASCIMENTO, E. **Inteligência emocional: um construto científico?** Paidéia, 2002, 12(23), 77-92.

RODRIGUES, A. P. D. F. de A. **Evolução humana - inteligência como determinante.** Ciência Latina Revista Científica Multidisciplinar, 5(6), 10943-10963. 2021. [https://doi.org/10.37811/cl\\_rcm.v5i6.1146](https://doi.org/10.37811/cl_rcm.v5i6.1146)

ROSA, Marcia Maria. BENTO, Brenda Emanuelle. **Impactos e Desafios da Pandemia na Educação: Uma análise sobre as experiências de fabetização e Letramento nas escolas chapecoenses.** II Circuito Regional de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento. Instituição de Ensino Superior: Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Curso de Psicologia. Área: Ciências da Vida e Saúde. <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/siepe> 2021

SANTOS, B. F. **Educação emocional: uma breve discussão.** Revista Espaço Acadêmico, 2018, 18.204: 37-50.

SANTOS, J. R.; RIGOLDI; V. J. P.; ARAUJO FUTATA, M. D. **A formação de competências socioemocionais na política nacional de alfabetização: uma análise crítica.** Revista Brasileira de Política e Administração da Educação- Periódico científico editado pela ANPAE, 2021, 37.1.

SALOVEY, P.; MAYER, J. D. 1990. **Emotional Intelligence. Imagination, Cognition and Personality**, 9(3), 185–211. 1990. <https://doi.org/10.2190/DUGG-P24E-52WK-6CDG>

SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Revista Brasileira de Educação nº 25. 2004

SOUZA, M.T., SILVA, M.D., CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein. 2010; 8(1 Pt 1):102-6.

SILVA, J. L. L. **Inteligência emocional na Educação: o desenvolvimento de competências socioemocionais de alunos em uma instituição pública de ensino de Porciúncula/RJ.** Revista Educação Pública, v. 20, nº 27, 21 de julho de 2020.

VALENTE, M. N.; MONTEIRO, A. P. **Inteligência Emocional em Contexto Escolar.** Revista Eletrônica de Educação e Psicologia. V7. P. 1-11. 2016.

VALENTE, S., MONTEIRO, A. P., & LOURENÇO, A. A. **The relationship between teachers' emotional intelligence and classroom discipline management.** *Psychology in the Schools*, 56(5), 741–750. 2019. <https://doi.org/10.1002/pits.22218>

VYGOTSKY, L. S. **The teaching about emotions. Historical-psychological studies.** In *The collected works of L. S. Vygotsky* (Vol. 6: Scientific Legacy) (R. Rieber, Ed.; M. J. Hall, Trans.; p. 71–235). New York: Plenum. 1999.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 13 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

WEDDERHOFF, E. **Educação emocional: Um novo paradigma pedagógico?.** *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 2, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1299>.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. **The integrative review: updated methodology.** *Journal of Advanced Nursing*, v. 52, n. 2, p. 546–553, 2005.

WOYCIEKOSKI, C.; HUTZ, C. S. **Inteligência Emocional: Teoria, Pesquisa, Medida, Aplicações e Controvérsias.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 1-11, 2009.

## ANEXOS

## ANEXO 1: Comprovante de submissão à Plataforma Brasil

## PLATBR - Estado de apreciação de Pesquisa

Equipe Plataforma Brasil <plataformabrasil@saude.gov.br>

Qui, 23/09/2021 16:05

Para: Você

Caro (a) Pesquisador (a) e Assistente(s),

O projeto **A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL DAS FUTURAS GERAÇÕES POS-PANDEMIA** foi aceito para análise no CEP. Significa que o CEP concluiu a validação documental de sua última submissão, por favor verifique a situação do projeto de pesquisa e atenda a possíveis pendências documentais, se existirem. Caso contrário aguarde o parecer consubstanciado do CEP, cujo nome pode ser consultado no campo localização atual do projeto, disponível no item detalhar.

Atenciosamente,

Plataforma Brasil

**DETLHAR PROJETO DE PESQUISA**

**STATUS DA VERIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título de Pesquisa:** A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL DAS FUTURAS GERAÇÕES POS-PANDEMIA  
**Proprietor Responsável:** ISABELLE CELINA DIAS SOUZA BOMER  
**Área:** Saúde  
**Versão:** 1  
**CIAE:**  
**Submetido em:** 15/09/2021  
**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
**Situação da Versão do Projeto:** Pendência Documental Entida pelo CEP  
**Localização atual de trâmite do Projeto:** Proprietor Responsável  
**Proponente Principal:** Fundaçãoo Projeto

**LISTA DE PENSALIA DO PROJETO**

CPF/Documento **	Nome *	Atribuição	E-mail *	Contato	Tipo de Análise *	Ação
108.888.797-05	ISABELLE CELINA DIAS SOUZA BOMER	Coordenadora Científica, Coordenadora Pedagógica, Proprietor principal	isabelle.olina@gmail.com	UNB	PROPOSTANTE	[A]

**LISTA DE COMISSÃO ÉTICA DO PROJETO**

Comitê de Ética *	Nome de Vínculo *	Ação
0207 - Centro Universitário de Volta Redonda - UNIFOR/Fundação Oswaldo Aranha	COORDENADOR	[A]

**LISTA DE INSTITUIÇÕES DO PROJETO**

CNPJ da Instituição *	Razão Social *	Tipo de Instituição *	Comitê de Ética *	Ação
32.514.855/0001-714	FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA	PROPOSTANTE	0207 - Centro Universitário de Volta Redonda - UNIFOR/Fundação Oswaldo Aranha	[A]

**LISTA DE PROJETOS RELACIONADOS**

Tipo *	CIAE *	Versão *	Proprietor Responsável *	Comitê de Ética *	Instituição *	Origem *	Primo PROPOSTANTE *	Grupo *	Ícone
P	1	1	ISABELLE CELINA DIAS SOUZA BOMER	0207 - Centro Universitário de Volta Redonda - UNIFOR/Fundação Oswaldo Aranha	FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA	PO	PO	Pendência Documental Entida pelo CEP	[A]

**ANEXO 2:** Comprovante de publicação de capítulo de livro

**CAPÍTULO 6**

**O DIÁLOGO E A COMUNICAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE E DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA .....82**

*Sandra Mara Mezalira*

*Jairo Luis de Britto Carvalho*

*José Vicente Lima Robaina*

*doi: 10.48209/978-65-89949-30-6*

**CAPÍTULO 7**

**O PROFESSOR FREIREANO: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO COM A PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA POLÍTICA.....104**

*Lucas Peres Guimarães*

*doi: 10.48209/978-65-89949-30-7*

**CAPÍTULO 8**

**PAULO FREIRE E SUA METODOLOGIA DE ALFABETIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA.....116**

*Maria Aparecida Fortunato*

*doi: 10.48209/978-65-89949-30-8*

**CAPÍTULO 9**

**PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E O EXERCÍCIO DA PRÁXIS NA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA.....131**

*Sara Ingrid Borba*

*doi: 10.48209/978-65-89949-30-9*

**CAPÍTULO 10**

**OS PRESSUPOSTOS DE PAULO FREIRE PARA A ALFABETIZAÇÃO E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: UMA VISÃO COMPARTILHADA.....143**

*Isabelle Celina Dias Souza Bohrer*

*André Barbosa Vargas*

*doi: 10.48209/978-65-89949-10-5*

**ANEXO 3:** Comprovante de submissão à revista. O texto do capítulo 2 compreende um artigo submetido a Revista Contemporânea de Educação.

The screenshot shows the homepage of the Revista Contemporânea de Educação. The header features the journal's logo and navigation links: CAPS, SOBRE, PÁGINA DO EDITOR, PESQUISAS, ATUAL, NOTÍCIAS, and NOTÍCIAS. Below the header, there are links for 'Página de Editor', 'Área de Foco', and 'Área de Foco'. The main content area is titled 'SUBMISSÕES ATIVAS' and includes a section for 'Iniciando o processo de submissão' with a link to 'Iniciando o processo'. There are also logos for 'Latindex', 'Google', 'Dialnet', and 'LivRe'. The right sidebar contains sections for 'INFORMAÇÕES', 'NOTIFICAÇÕES', and 'CONTATO'.

The screenshot shows the same website, but with a table of active submissions. The table has columns for 'ID', 'TÍTULO', 'AUTOR', 'DATA', 'TIPO', and 'SITUAÇÃO'. The first row shows an article titled 'ANÁLISE DA INTERFERÊNCIA DA CULTURA NA EDUCAÇÃO' by 'Teresa Helena' in the 'Artigo' category, with a status of 'Aguardando designação'. Below the table, there is a section for 'INICIAR NOVA SUBMISSÃO' and 'APONTAMENTOS'.

ID	TÍTULO	AUTOR	DATA	TIPO	SITUAÇÃO
1234	ANÁLISE DA INTERFERÊNCIA DA CULTURA NA EDUCAÇÃO	Teresa Helena	10/10/2023	Artigo	Aguardando designação